



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE (UERN)
CAMPUS AVANÇADO “PROFa. MARIA ELISA A. MAIA” (CAMEAM)
MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS (PROFLETRAS)**

RENATA FREITAS AGUIAR

**O FACEBOOK COMO FERRAMENTA PEDAGÓGICA NO ENSINO DE LEITURA E
DE PRODUÇÃO TEXTUAL NAS AULAS DE LÍNGUA PORTUGUESA**

**PAU DOS FERROS - RN
2018**

RENATA FREITAS AGUIAR

O FACEBOOK COMO FERRAMENTA PEDAGÓGICA NO ENSINO DE LEITURA E
DE PRODUÇÃO TEXTUAL NAS AULAS DE LÍNGUA PORTUGUESA

Trabalho apresentado ao Curso Profletras
– Mestrado Profissional em Letras, da
Universidade do Estado do Rio Grande do
Norte (UERN) – Unidade Pau dos Ferros,
como requisito para a obtenção do título de
mestre, sob a orientação do **Prof. Dr.
Marcos Nonato Oliveira.**

PAU DOS FERROS - RN

2018

A dissertação “**O FACEBOOK COMO FERRAMENTA PEDAGÓGICA NO ENSINO DE LEITURA E DE PRODUÇÃO TEXTUAL NAS AULAS DE LÍNGUA PORTUGUESA**”, de autoria de Renata Freitas Aguiar, foi submetida à Banca Examinadora, constituída pelo PPGL/UERN, como requisito parcial necessário à obtenção do grau de Mestre em Letras, outorgado pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN).

Dissertação defendida e aprovada em ____ de _____ de 2018

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Marcos Nonato Oliveira– UERN
(Orientador e Presidente)

Profa. Dra. Lígia de Souza Leite Moraes – UFERSA

Prof. Dr. Ananias Agostinho da Silva – UERN/UFERSA
(Examinador)

Profa. Dra. Maria Lúcia Pessoa Sampaio – UERN
(Suplente)

Pau dos Ferros – RN
2018

Dedico este trabalho a todas as mulheres que assumem tantas funções em seus cotidianos e ainda seguem firmes em seus objetivos ao longo de suas vidas.

AGRADECIMENTOS

Tão difícil quanto escrever esta dissertação, foi o desafio de utilizar apenas duas páginas para agradecer as pessoas que fizeram parte desta minha trajetória de 10 anos à serviço da educação escolar.

Meus sinceros agradecimentos vão, primeiramente, aos meus **pais**, que sempre primaram pela minha Educação. Obrigada **Sra. Cleonice Alves de Freitas** por, além de me oferecer a oportunidade de estudar, sempre vibrar com minhas pequenas vitórias; e obrigada **Sr. Guanabara Aguiar** que, nas suas limitações, sempre me dizia: “Estude, estude, só assim você vai ser alguém”. Incutindo no meu subconsciente a busca pelo saber.

Tenho que agradecer aos meus companheiros de mestrado **Hérico** que dividia as horas intermináveis de viagem comigo, assim como **Ana Carina**, que me deu de presente sua amizade, sempre me apoiando e ajudando nas horas de desespero. Ao meu amigo **João Paulo**, da turma dois, por seu apoio e incentivo, mesmo antes de eu ser aprovada nessa seleção, e por sempre acreditar na minha capacidade me ajudando nas horas de angústias das apresentações. Obrigada pelas constantes demonstrações de amizade, sabedoria e humildade.

Na área do Ensino, agradeço ao meu orientador **Professor Marcos Nonato**, não apenas pelo incentivo e apoio, mas também pela compreensão para comigo e pela seriedade e respeito com que nos trata. Obrigada pelo exemplo.

Não posso deixar de agradecer também à minha “fiel escudeira” **Regina**, que muito mais que uma funcionária que me auxilia nos serviços domésticos, é uma família com que pude contar e confiar nas inúmeras viagens para assistir às aulas em que tive que deixar meu filho em casa.

Agradeço ainda ao meu filho **Arthur**, que me motiva com sua existência a sempre seguir em frente e a não desistir. Não foi fácil!

Aos **professores** do PROFLETRAS que ensinaram com maestria e auxiliavam em todas as dificuldades; a eles toda minha gratidão.

Agradeço ao **Universo e a todos meus mentores espirituais**, obrigada por colocarem estas pessoas tão caprichosamente em minha vida.

Este trabalho foi realizado com o apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES. Agradeço esta instituição pelo aporte financeiro ainda que não pagando todas as bolsas a que tínhamos direito.

AGRADECIMENTO ESPECIAL

Meu agradecimento mais profundo só poderia ser dedicado a uma pessoa: meu marido Claudio Giovane. A todo momento ao meu lado e me apoiando sempre nas minhas empreitadas, incondicionalmente. Nos momentos mais difíceis, que não foram poucos nestes últimos anos, sempre me fazendo acreditar que chegaria ao final desta difícil, porém gratificante jornada. Este período nos confirmou a verdade sobre nosso relacionamento: somos uma Família de parceria! Sou grata por cada gesto carinhoso, cada sorriso e anseio por estar ao seu lado, com nosso filho, a outra parte da minha vida.

“Não importa o que aconteça, continue a nadar.”
(Walters, Graham; **Procurando Nemo**, 2003).

RESUMO

Diante das significativas mudanças que a sociedade vem passando advindas do surgimento cada vez mais rápido de novas tecnologias digitais, sempre mais novas, mais atuais. O que colabora para inquietações que se mostram presentes no nosso trabalho em sala de aula, no ensino da Língua Portuguesa. Tendo em vista a crescente manifestação dos jovens nos meios digitais, por meio da leitura e da escrita, surge esta investigação. O objetivo desta pesquisa é, portanto, investigar o uso do facebook como ferramenta pedagógica no ensino de leitura e de produção textual nas aulas de língua portuguesa. O aporte teórico foi baseado nos pressupostos teóricos de Marcuschi (2008), Kleiman (2004), Kock e Elias (2008) no que tange a compreensão textual. Para nos apoiarmos teoricamente sobre as tecnologias digitais e seus usos, tivemos o suporte de Recuero (2009), que aborda sobre o sistema de funcionamento das redes sociais, Kenski (2013) e Rojo (2009) que, dentre outras coisas, discorrem sobre o surgimento das tecnologias digitais e a sua utilização de forma pedagógica. Por meio de uma pesquisa de caráter qualitativo, descritivo e interpretativista, procura-se analisar a ferramenta digital *Facebook* como um suporte pedagógico. Os participantes são 37 alunos do ensino fundamental de uma escola pública. E os instrumentos utilizados foram o questionário e a observação participante através de uma intervenção. O processo interventivo foi desenvolvido em doze encontros/oficinas, visando ao estímulo da participação dos alunos nas atividades com no grupo do facebook, além da produção de textos em sala de aula. A análise do processo interventivo nos permitiu concluir que o uso de ferramentas digitais na escola aumenta o interesse dos alunos e torna as aulas mais atrativas. Os resultados mostram claramente que, embora socialmente haja a ideia de que os jovens dominam as ferramentas digitais e são íntimos das tecnologias digitais, os planejamentos de ensino ainda precisam ser feitos pensando nas limitações ocasionadas pelas diversas realidades sociais em que nossos alunos estão inseridos, para assim, poder contribuir na formação de autores conscientes e no crescimento da sua aprendizagem em Língua Portuguesa. Podemos dizer que o nosso trabalho contribuiu para uma ampla capacitação na formação crítica e social do aluno no que diz respeito à autonomia e responsabilidade em relação ao que se escreve e se publica nas redes sociais no mundo digital.

Palavras-chave: Língua Portuguesa. Facebook. Ensino. Leitura. Produção de textos.

ABSTRACT

In the face of the significant changes that society has been experiencing due to the increasingly rapid emergence of new digital technologies, always newer, more modern. What contributes to the concerns that are present in our work in the classroom, in the teaching of the Portuguese Language. In view of the increasing manifestation of young people in the digital media, through reading and writing, this research arises. The objective of this research is therefore to investigate the use of Facebook as a pedagogical tool in teaching reading and textual production in Portuguese language classes. The theoretical contribution was based on the theoretical assumptions of Marcuschi (2008), Kleiman (2004), Kock and Elias (2008) regarding textual comprehension. To support us theoretically about digital technologies and their uses, we had the support of Recuero (2009), which deals with the system of functioning of social networks, Kenski (2013) and Rojo (2009), which, among other things, the emergence of digital technologies and their use in a pedagogical way. Through a qualitative, descriptive and interpretative research, we try to analyze the digital Facebook tool as a pedagogical support. The participants are 37 elementary school students from a public school. And the instruments used were the questionnaire and participant observation through an intervention. The intervention process was developed in twelve meetings/workshops, aimed at stimulating the participation of students in activities with the facebook group, in addition to the production of texts in the classroom. The analysis of the intervention process allowed us to conclude that the use of digital tools in the school increases the interest of the students and makes the classes more attractive. The results clearly show that although socially there is the idea that young people dominate digital tools and are intimate with digital technologies, educational planning still needs to be done in the light of the limitations caused by the diverse social realities in which our students are inserted, thus contributing to the formation of conscious authors and to the growth of their learning in Portuguese Language. We can say that our work has contributed to a broad training in the critical and social formation of the student with regard to autonomy and responsibility in relation to what is written and published on social networks in the digital world.

Keywords: Portuguese Language. Facebook. Teaching. Reading. Production of texts.

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Acesso ao <i>Facebook</i>	54
Gráfico 2 – Respostas dos alunos quanto a influência das redes sociais.....	55
Gráfico 3 – Participantes da atividade teste.....	60

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Fluxograma do gênero desenvolvido.....	38
Figura 2 – Grupo criado no <i>Facebook</i>	50
Figura 3 – Post da pesquisadora.....	58
Figura 4 – Grupo de estudo: Língua Portuguesa - 8º ano.....	59
Figura 5 – Percy Jackson e o Ladrão de Raios.....	61
Figura 6 – Atividade criada no grupo.....	63

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Frequência de acesso ao <i>Facebook</i> e motivos.....	55
---	----

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1: INTRODUÇÃO.....	13
CAPÍTULO 2: AS TECNOLOGIAS DIGITAIS E O ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA.....	22
2.1 A <i>internet</i> e as redes sociais.....	22
2.2 O <i>Facebook</i> e o ensino da língua portuguesa.....	26
2.3 O ensino de língua portuguesa.....	33
2.3.1 O ensino de leitura e de produção de textos em língua portuguesa.....	33
2.3.2 Os Gêneros Textuais e a produção escrita na era digital.....	36
2.3.3 <i>Gênero Resumo: resgatando e reescrevendo</i>	39
CAPÍTULO 3: ASPECTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA.....	44
3.1 Natureza da pesquisa.....	44
3.2 Caracterização da pesquisa ;;.....	51
3.2.1 Descrição do local de pesquisa.....	54
3.2.2 Os participantes e os o instrumentos da pesquisa.....	55
3.2.3 Procedimentos de coleta e de análise dos dados.....	57
3.3 Etapas da intervenção.....	59
CAPÍTULO 4: O FACEBOOK E O ENSINO DE LEITURA E DE PRODUÇÃO DE TEXTOS.....	62
4.1 Considerações dos alunos sobre o Facebook.....	62
4.2 O Facebook e o ensino de leitura e de escrita: a intervenção.....	67
4.3 Interação dos alunos no grupo do facebook.....	73
4.4. Análise dos textos produzidos na sala.....	83
4.5 Concepções dos alunos sobre o uso das redes sociais na sala de aula.....	84
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	89
REFERÊNCIAS.....	94
APÊNDICES.....	99
APÊNDICE A - Questionário sobre o uso das redes sociais.....	100
APÊNDICES B - Atividade realizada no grupo do Facebook.....	104
APÊNDICES C - Detalhamento das aulas do Projeto de ensino.....	106

ANEXOS.....	110
ANEXO A - Estudo sobre resumo.....	111
ANEXO B - Produção escrita dos alunos.....	113

CAPÍTULO 1: INTRODUÇÃO

Ninguém entra no mesmo rio, uma segunda vez, pois quando isso acontece, já não se é o mesmo, assim como as águas, que já serão outras.

(HERÁCLITO)

Poderia ser uma realidade nas escolas o uso da internet para auxiliar os trabalhos escolares, na busca de informações e até mesmo na interação entre professores e alunos. Entretanto, esse uso, a nosso ver, deve ser feito com cuidado e observado de perto pelos professores, pois, muitas vezes, a linguagem escrita usada na internet pode atrapalhar o desenvolvimento da escrita do aluno dentro da sala de aula. Para Marcuschi (2010, p. 17), “[...] a escrita seria um modo de produção textual discursiva para fins comunicativos”. Em consonância a isso, pode-se afirmar que a linguagem não padrão utilizada nas redes sociais não deve influenciar negativamente a escolha do uso dessas ferramentas digitais, o ideal é incentivar o aluno a escrever, mas devemos orientá-lo a ser um escritor consciente e fazer com que o ato da escrita seja um ato agradável e prazeroso. Acredita-se, dessa forma, que a escola precisa adaptar-se a essas inovações características da “era digital”, criando novas formas de estabelecer suas práticas de leitura e de escrita, de forma a oferecer esse letramento digital. Nesse contexto, podemos mostrar aos alunos que cada situação exige um uso único da linguagem, e que ela pode ser usada em diferentes ambientes e de diferentes formas.

O interesse em abordar a temática originou-se de experiências na área da educação, na necessidade de inovar o fazer pedagógico, utilizando as redes sociais como um instrumento facilitador. Quando percebemos que as redes sociais estão intensamente presentes no cotidiano das pessoas, informando, comunicando e entretendo, podemos pensar em utilizá-las para aproveitar as suas inúmeras ferramentas e possibilidades para gerar conhecimento. Acreditamos que podemos discutir conteúdo e compartilhar saberes, com o intuito de fornecer aos alunos um ambiente colaborativo de troca de conteúdos didáticos que facilita o aprendizado e facilita o andamento das aulas, para que não haja atraso no conteúdo, por exemplo.

De acordo com os PCN (1997), é dever da escola, na figura do professor, promover aos falantes os conhecimentos linguísticos necessários para a manutenção da cidadania, tornando o ensino de língua significativo e eficaz. Os PCN (1997, p. 89) também adotam que aprender a língua é “[...] aprender não somente palavras e saber combiná-las em expressões complexas, mas apreender pragmaticamente seus significados culturais e, com eles, os modos pelos quais as pessoas entendem e interpretam a realidade e a si mesmas”. Para isso, é importante que os estudantes sejam apresentados a todas as ferramentas que podem ser utilizadas para seu aprendizado e que facilitem a aquisição do conhecimento.

Vale salientar que o grande número, cada vez maior, de jovens com acesso à internet têm possibilitado o surgimento de novos gêneros digitais, e, conseqüentemente, de uma nova forma de adquirir conhecimentos, o que vem sendo acelerado através das redes sociais. Para tanto, considera-se uma importante ferramenta que viabiliza o diálogo e a interação nos mais diversos aspectos da vida social. Com as redes sociais, as pessoas podem comunicar-se, divertir-se, informar-se, além de compartilhar ideias e valores similares. Em síntese, faz-se necessário aglutinar aos saberes escolares, as práticas sociais e as tecnologias digitais para que haja um aperfeiçoamento do ensino e da aprendizagem da leitura e da escrita (BEZERRA; BRITO, 2013).

Aos profissionais da educação, cabe adaptar-se à essa cultura digital que emerge e aos seus desdobramentos na sociedade contemporânea, que exige novas formas de ensinar e de aprender, cada vez mais, colaborativas. Dessa forma, teríamos como resultado a ruptura da pedagogia da transmissão e uma aproximação com uma nova pedagogia centrada na interatividade e no diálogo.

Partindo dessa constatação, nossa pesquisa propõe a utilização do *site* de rede social *Facebook* como ferramenta pedagógica, e convida a responder o seguinte questionamento: Como podemos utilizar o *Facebook* de forma pedagógica na escola para que o ensino-aprendizagem de leitura e de escrita passe a ser algo mais significativo para a vida dos alunos? O objetivo desta pesquisa é, portanto, investigar o uso do facebook como ferramenta pedagógica no ensino de leitura e de produção textual nas aulas de língua portuguesa.

Nesse contexto, queremos analisar como os adolescentes comportam-se diante dessa realidade, pois estão em fase de amadurecimento, conflitos, decisões. Ainda não estão maduros para terem um olhar crítico diante de uma ferramenta que

provocaria sua autonomia nos estudos, além de estimular uma linguagem própria, já que ao estudar pela internet o aluno ficaria tentado a utilizar a linguagem informal e, assim, dificultar a avaliação dos resultados de seu aprendizado, pois “[...] a linguagem adotada no mundo virtual requer habilidades de escrita rápida para esta geração net, o que cria uma solução intermediária de comunicação, provocando muita preocupação aos estudiosos” (AMARAL, 2003, p. 31).

A preocupação que surge é se essa tecnologia pode ser utilizada como ferramenta que ajudaria no aprendizado em sala de aula e como o aluno lidaria com sua autonomia ao utilizar uma rede social de forma pedagógica, já que, segundo Fasciani (1998, p. 119), “[...] nenhum instrumento ou tecnologia inventada pelo homem pode ser intrinsecamente positivo ou negativo, certo ou errado, útil ou perigoso. É só a utilização que disso se faz que pode ser julgada com regras éticas”. Ao utilizar gradualmente a internet para se comunicar, esse público exige mais rapidez e agilidade na comunicação. Desse modo, enfrentamos os questionamentos que nos fazem pensar sobre como podemos utilizar essa ferramenta de modo que sirva como apoio na sala de aula.

Para compreender o que motiva os jovens a utilizarem de forma tão ativa as redes sociais, é necessário saber o que elas são, sua estrutura e como elas funcionam. Lima (2011, p. 30-41) explica rede social como “[...] uma estrutura social formada por pessoas ou organizações, que estão conectadas por um ou vários tipos de relações, que compartilham seus valores e objetivos comuns”. Para ele, uma das características principais na definição das redes é a sua abertura e porosidade, que possibilita relacionamentos horizontais e não hierárquicos entre os participantes. Contudo, na educação, as tecnologias digitais e seus usos promovem a democratização do ensino e a propagação do conhecimento, além de proporcionar uma maior flexibilidade e interatividade no estudo. Com efeito, as redes sociais promovem a ampliação das possibilidades de inovação no aprendizado através do seu poder de alcance e rapidez.

Na perspectiva dos multiletramentos, o ato de ler envolve articular diferentes modalidades de linguagem além da escrita. Nesse sentido, refletindo as mudanças sociais e tecnológicas atuais, ampliam-se e diversificam-se não só as maneiras de disponibilizar e compartilhar informações e conhecimentos, mas também de lê-los e produzi-los.

Com este trabalho, esperamos analisar os aspectos relevantes do uso das redes sociais na escola, descrever a experiência que será realizada e elencar reflexões a partir desse exemplo concreto. A utilização das redes sociais deve ser mais amplamente pesquisada, visto que essas tecnologias podem ser úteis, e sua utilização pode trazer resultados positivos com sua introdução na sala de aula. São ferramentas proveitosas, mas que, como qualquer ferramenta, precisam ser utilizadas de maneira adequada. O seu uso nas disciplinas depende muito do professor atuar como indutor e mediador do processo. Somente desse modo é possível obter resultados satisfatórios e que atendam às expectativas de alunos e professores.

Rojo (2009, p. 52) discorre sobre o surgimento das tecnologias digitais, afirmando que “[...] por efeito da globalização, o mundo mudou muito nas duas últimas décadas, e em termos de exigências de novos letramentos, é especialmente importante destacar as mudanças relativas aos meios de comunicação e à circulação da informação”. Rojo (2009, p. 57) ainda reafirma que com o advento da globalização a sociedade mudou muito, ou seja, novas formas de comunicação estão, cada vez mais, presentes, e, conseqüentemente, novas práticas de letramento (letramentos múltiplos) são exigidas. Desse modo, a escola não pode deixar de desenvolver e valorizar essas novas práticas de letramento, já que fazem parte do universo dos alunos. Nesse sentido, somente assim a escola poderá preparar melhor o educando para se portar com mais autonomia diante da sociedade atual e diante dos novos conhecimentos que lhe são exigidos.

Freire (2000, p. 122) já chamava a atenção sobre a importância da valorização do “conhecimento de mundo” do aluno e sua relação com o processo educacional, pois para ele a leitura do mundo precede a leitura da palavra. Ele defendia que linguagem e realidade se prendem dinamicamente, pois as relações de sentido não estão localizadas apenas no texto, emergem da relação entre texto, contexto e conhecimento do mundo do educando. Para que haja o devido estímulo, cabe à escola, então, proporcionar essa “convivência” na sala de aula. Vemos como um processo educacional que possa servir como estratégia na melhoria do aprendizagem, levando em consideração as práticas sociais, fazendo, assim, com que o conhecimento tenha sentido para o aluno.

Entretanto, diferente do que sugerimos neste trabalho, parece ser costume escolar ter uma postura disciplinadora em relação ao uso dos dispositivos tecnológicos, em vez de investigar as causas de tão grande procura, o que, dessa

maneira, acaba por impor uma prática dissociada da realidade na qual o aluno está inserido. Assim sendo, levando em consideração que o mundo atual está globalizado e as tecnologias digitais surgem a todo momento, é preciso que toda essa quantidade de informações que surgem inove e contribua para uma mudança expressiva nas necessidades da sociedade.

Percebe-se que a internet é, atualmente, um dos maiores meios de se obter acesso à informação utilizada por toda a população, em especial os mais jovens. Nela, é possível encontrar, em frações de segundos, informações atualizadas sobre qualquer assunto, mais rápida e eficaz que em qualquer livro ou material que se tenha impresso. Nesse contexto, alcançamos um dos maiores desafios para o ensino hoje, que é encontrar uma forma de estabelecer com a nova geração um meio de conciliar seus interesses com os objetivos pedagógicos que possibilitem o ensino e aprendizagem. Considerando tais elementos, e questionando se as redes sociais, em especial o *Facebook*, podem ser um aliado ao ensino, e quais seus impactos na educação e de que forma essas interferências auxiliam na prática docente, como uma ferramenta pedagógica no processo de ensino e aprendizagem, vamos, através desta pesquisa, propor uma discussão acerca relevância do uso das tecnologias digitais no contexto de sala de aula (ARAÚJO, 2010).

Acreditamos que seja relevante explicitar o porquê do nosso interesse em investigar o tema da pesquisa: O *Facebook* como ferramenta pedagógica no ensino da Língua Portuguesa. Nosso desejo de investigar de que forma o uso do *Facebook*, utilizado como ferramenta mediadora do processo de ensino e de aprendizagem, tem surgido de nossa prática profissional como professor de Língua Portuguesa, veio também da necessidade que se fez em utilizar tal ferramenta tecnológica quando tivemos que nos ausentar da sala de aula por motivo de doença. Sabemos qual a realidade da carência de profissionais na rede pública de ensino, diante disso, para que os alunos não permanecessem sem atividades e contatos com conteúdos pedagógicos, pois a Prefeitura de Fortaleza não disponibilizou um professor substituto para atuar em nossa ausência, criamos um grupo no *Facebook* onde postamos tarefas, instigamos o debate e posteriormente avaliamos essas atividades. Diante do sucesso dessa experiência é que tivemos a curiosidade de pesquisar mais a fundo, de forma mais organizada, direcionada e com questionários e oficinas didáticas.

A escolha pelo site de rede social *Facebook* como suporte pedagógico se estabeleceu pela constatação da frequente e diária utilização dessa tecnologia pelos

alunos, tornando a utilização do ambiente digital um estímulo para uma nova prática pedagógica através de suportes hipertextuais. Nesse sentido, é importante salientar a incontestável contribuição desses sites como espaço de aprendizagem, quando utilizada como ferramenta pedagógica. Tanto pela possibilidade de interação dos indivíduos, como também pela riquíssima troca de informações, experiências e opiniões, e ainda por agregar novas práticas de letramento visando a aprendizagem.

Dentro desse contexto é que nos propomos em nosso estudo avaliar se o *Facebook* poderia ser utilizado como ferramenta pedagógica pelos docentes e quais seriam os aspectos relevantes do impacto dessa ferramenta na educação, e quais as implicações dos desafios impostos para o ensino. Além disso, tencionamos também descobrir quais são as justificativas dadas pelos professores a respeito do uso das redes sociais em suas práticas docentes e o que pensam os alunos sobre o uso das tecnologias digitais no ensino.

Um dos motivos que nos levou a escolher os jovens para desenvolver nossa pesquisa foi justamente o fato de sempre buscarem inovar, e a internet ser um meio de comunicação que possibilita aos usuários transcrever e apresentar a língua oral de maneira totalmente inovadora e dinâmica. Não esquecendo também que os jovens são grandes usuários das redes sociais que atualmente parecem ser uma das formas de comunicação mais utilizada, visto que os equipamentos informáticos e as tecnologias digitais de comunicação têm feito parte de nossas vidas de forma intensa. Para Porto (2003, p. 72), “[...] a maioria dos professores ainda não se abriu para a incorporação destas novas tecnologias em seu cotidiano”. Assim, pretendemos realizar nossa investigação por meio de oficinas aplicadas aos alunos. O objetivo será descobrir como essa ferramenta pode facilitar a prática docente e melhorar o desempenho da compreensão leitora e da produção textual dos alunos.

À luz dos conceitos e teorias apresentados, analisaremos as questões propostas, buscando analisar como o docente pode utilizar as redes sociais direcionadas ao ensino e à aprendizagem. E com isso, fazer uma reflexão quanto ao preparo dos educadores para o trato com os letramentos múltiplos e a transformação do ensino que as tecnologias digitais nos trazem.

Portanto, compreendendo essa problemática, esta pesquisa tem como alvo contribuir e esclarecer as possibilidades e potencialidades que os recursos tecnológicos, em especial o *Facebook*, como ferramentas indispensáveis para os avanços na aplicabilidade de metodologias inovadoras aliadas à prática da sala de

aula. Além disso, é intenção também identificar como usá-las para que o professor possa redimensionar a sua prática pedagógica diante do aluno conectado com as redes sociais. Então, perguntamos: De que forma essas ferramentas podem auxiliar os docentes a colaborarem na formação de alunos autônomos, pesquisadores, críticos, conectados, e que os alunos possam sozinhos construir seu próprio conhecimento?

Além dos teóricos da área, podemos também ressaltar nossa pesquisa citando alguns trabalhos já desenvolvidos sobre o tema ao qual estamos estudando. No próprio programa de mestrado profissional em Letras, do Campus de Pau dos Ferros, na UERN, identificamos trabalhos que utilizaram o *Facebook* como meio pedagógico para o ensino da língua.

Como por exemplo a dissertação de Silva (2015), que tem como título **O *Facebook* mediando as habilidades de compreensão e produção do gênero crônica**, na qual abordou sobre o *Facebook* a partir da introdução de novas práticas de letramentos que possibilitam e favorecem uma interação maior entre educandos e educadores através de uma troca de informações e vivências. Sua proposta foi melhorar o domínio das habilidades de compreensão e produção do gênero crônica através do uso do *Facebook*, para que a aquisição do letramento digital se transformasse numa competência que se aliasse ao processo de ensino-aprendizagem.

A pesquisa realizada por Cavalcante (2015), intitulada **O ensino de leitura e o facebook nas aulas de língua portuguesa**, abordando o uso do facebook como instrumento para o desenvolvimento da compreensão leitora. A metodologia é descrita como um estudo qualitativo e descritivo. E os resultados mostram que o facebook pode ser uma ferramenta significativa para explorar a leitura na sala de aula. Revelou também que o uso das tecnologias digitais pode ser um forte aspecto motivador para os alunos e a escola.

Outro trabalho que abordou o facebook como instrumento de sala de aula foi a dissertação de Guerra (2015), com o título **Uso de rede social do facebook em sala de aula: mais interação e aprendizado sobre poemas concretistas**. Esse estudo foi caracterizado como uma pesquisa participante, qualitativa, utilizando um método indutivo, como também definida como uma pesquisa etnográfica virtual. Os resultados dessa pesquisa mostram que o facebook evidencia-se como um instrumento de

significativo valor para a interação síncrona e assíncrona e para a construção do saber dos alunos.

Nos inspiramos também na pesquisa realizada no PROFLETRAS de Belo Horizonte, pela autora Ambrozio (2016), com o título **Escrita em meios digitais: uma experiência com Facebook no Ensino Fundamental**, onde a pesquisadora analisa a construção e a alimentação de uma página no *Facebook* como mecanismo de trabalho com a escrita em meios digitais, buscando obter um olhar sobre a experiência voltada para a análise (desde a produção em sala até o texto publicado na página criada), para a contribuição que o *Facebook* pode dar para o processo de produção de texto na escola, como também a sua contribuição para a formação de um aluno autor independente e responsável.

Apresentamos também uma dissertação mais recente, de Carvalho (2018), intitulada **O uso da rede social facebook como ferramenta para ensino da ortografia em séries finais do ensino fundamental: o caso da hipossegmentação**. O trabalho teve como objetivo investigar os erros ortográficos realizados por alunos do ensino fundamental, utilizando o facebook como ferramenta para desenvolver sua pesquisa sobre o fenômeno da hipossegmentação. Esse estudo foi caracterizado como uma investigação qualitativa. Os resultados mostraram que o uso do facebook pode ser um grande auxílio para o aprimoramento da ortografia dos alunos.

Em nossa pesquisa, diferentemente das pesquisas apresentadas, abordamos o uso das tecnologias digitais, especificamente o facebook, como ferramenta para a exploração da leitura e da produção de textos nas aulas de língua portuguesa. Nosso foco é a interação que essa ferramenta pode proporcionar para o desenvolvimento do ensino e da aprendizagem. Acreditamos que as tecnologias digitais podem ser enormemente úteis para a educação, considerando o grande potencial que hoje em dia têm nas práticas das pessoas fora da escola.

O presente estudo está estruturado em quatro capítulos. O primeiro constitui a Introdução, na qual estabeleceremos os principais aspectos que norteiam a pesquisa, como a contextualização, os objetivos, a problemática, além de discorrer a respeito da relevância do estudo para a prática docente. No segundo capítulo, vamos fazer um apanhado sobre as teorias que norteiam esta pesquisa, bem como apresentar um panorama sobre o uso das tecnologias digitais no Brasil e o forte crescimento do uso das redes sociais.

Em seguida, no terceiro capítulo, discorreremos sobre os aspectos metodológicos da pesquisa, a contextualização da mesma, o método e o processo de coleta de dados para a formação do *corpus*, onde caracterizamos o universo de nossa pesquisa, contextualizando o espaço, os sujeitos e os instrumentos de intervenção presentes no trabalho. No quarto capítulo, detalhamos a análise de dados, mostrando a análise da etapa diagnóstica da pesquisa em desenvolvimento, apresentando os resultados da experiência executada. Por fim, apresentamos nossas considerações finais acerca dos pontos principais do trabalho e refletimos sobre as implicações pedagógicas dela para a melhoria do ensino e da aprendizagem nas escolas de Ensino Fundamental.

CAPÍTULO 2: AS TECNOLOGIAS DIGITAIS E O ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA

Todo discurso é orientado para a resposta e ele não pode esquivar-se à influência profunda do discurso da resposta antecipada.

(BAKHTIN)

Neste capítulo, discorreremos sobre as tecnologias digitais e o uso das redes sociais de forma pedagógica. Abordaremos uma discussão crítica e reflexiva sobre a inserção das tecnologias digitais na educação e as suas contribuições para o processo de ensino e aprendizagem. Abordaremos ainda, neste capítulo, conceitos relacionados ao gênero utilizado na pesquisa. Um trabalho que propõe executar um estudo, através de uma investigação que considere as práticas sociais da leitura e da escrita do aluno e promover seu letramento considerando as variações de possibilidades promovidas pelas Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação e as práticas das redes sociais, como *Facebook*, para a ampliação e facilitação da leitura e da escrita.

2.1 A internet e as redes sociais

O mundo da informação passa por mudanças importantes e que afetam a vida na sociedade contemporânea, essas transformações vêm modificando o cotidiano das pessoas e as suas relações sociais. A dinâmica do acesso à informação e a rápida propagação das tecnologias da informação e comunicação (TIC) no mundo, fazem com que cada vez mais haja a interatividade entre as pessoas, principalmente em suas relações pessoais, interpessoais e sociais. Com efeito, não poderia ser diferente na educação, que gradativamente tem que se alinhar e despertar o interesse dos jovens. Nesse sentido, a comunidade escolar precisa fornecer a seus educandos um ambiente colaborativo de troca de conteúdo didático e recursos educativos que promovam a facilitação do aprendizado.

A *internet* vem sendo usada crescentemente nas escolas, como uma ferramenta pedagógica de grande auxílio aos profissionais da educação, trazendo

maior número de informações aos alunos e de maneira mais rápida do que se fossem pesquisadas em livros. Entretanto, essa democratização da comunicação online parece ser vista de maneira controversa por professores e estudiosos da língua. Essa visão distorcida da utilização das redes sociais como instrumento pedagógico vem muito ligada às práticas tradicionais e preconceitos, muitas vezes, praticados por profissionais avessos a mudanças e que se recusam a aprender a utilizar novas ferramentas de ensino. A preocupação com o uso da *internet* em sala de aula é justificada por muitos por acharem que essa utilização prejudica o uso da língua formal, já que na *internet* uma nova linguagem é criada e os jovens tendem a usá-la fora do mundo virtual (KENSKI, 2013).

Devido a esse fenômeno que é o advento do ciberespaço, que traz uma nova visão do mundo com um espaço novo, virtual, mas igualmente real, caracterizando uma reconfiguração dos espaços já conhecidos, trazendo mudança nas relações das pessoas é que temos agora uma nova forma de comunicação, como afirma Recuero (2014, p. 19-20),

[...] vemos a rede social como o grupo de atores, que utiliza determinadas ferramentas para publicar suas conexões e interagir. Assim, o Orkut ou o Facebook não são rede social, mas, sim, o espaço técnico que proporciona a emergência dessas redes. As redes sociais, desse modo, não são pré-construídas pelas ferramentas, e, sim, apropriadas pelos atores sociais que lhes conferem sentido e que as adaptam para suas práticas sociais.

As redes sociais surgiram com o avanço tecnológico e sua funcionalidade era voltada para a interação, no entanto passaram a ser utilizadas de outras formas de acordo com as necessidades que surgiam. Desse modo, a *internet* torna-se um espaço de informação constituído de forma plena, tendo um papel central nessa nova sociedade, reconfigurando as comunicações e relações sociais, interferindo, também, num novo fazer pedagógico.

O ciberespaço vem para transformar, de forma real, a comunicação mediada. Nenhum meio de comunicação é tão poderoso atualmente quanto o espaço virtual. Todos os meios de comunicação funcionam como extensões de nossas capacidades humanas, porém, nenhum consegue ser tão eficiente quanto a *internet*, pois com ela podemos não só ver as coisas que não estão próximas a nós, como também podemos interagir com elas.

Durante muitos séculos da educação, o professor foi considerado o maior (e talvez único) responsável pelo ensino, e esperava-se do aluno apenas que aprendesse os conteúdos ensinados. Dessa forma, o aluno tinha uma posição passiva, pois ele apenas recebia informações sem participar totalmente do processo (MORAN, 2000). Esse cenário, no entanto, vem sofrendo alterações relevantes que estão modificando as formas de ensino-aprendizagem. Para Moran (2000, p. 22), “[...] as ferramentas utilizadas no aprendizado também se multiplicaram e uma das alterações relevantes é a utilização da Internet como um novo espaço para o desenvolvimento do ensino”. Através da conexão com a *internet*, o aluno tem acesso a materiais, atividades, pode compartilhar fotos, músicas, vídeos, participar de discussões sobre o tema em estudo, socializar links importantes, dentre outros, sendo, dessa forma, o agente de sua própria aprendizagem, e tudo isso torna professor e aluno mais próximos.

Para que haja êxito nessa empreitada, o professor deve estar conectado com as evoluções tecnológicas, pois “não saber usar a internet em um futuro próximo será como não saber abrir um livro ou acender um fogão, não sabermos algo que nos permita viver a cidadania na sua completitude” (VAZ, 2008, p. 63). Para isso, o educador deve estar constantemente atualizando-se para que possa falar a mesma linguagem de seus alunos.

Além de ajudar a comunicação do aluno com o professor e seus pares, a conexão com a rede propicia o encontro do aluno com o objeto de conhecimento, porém, o professor deve estar preparado para inseri-la nas aulas, renovando, desta forma, suas concepções sobre ensino e aprendizagem, fazendo seu planejamento de forma que considere a realidade dos alunos, construindo uma aprendizagem numa perspectiva crítica e reflexiva (JUSTEN, 2007). Nesse tipo de atividade, cada colaborador da rede exerce papel central de liderança compartilhada em um ambiente de acolhimento e autoformação. Desse modo, para Justen (2007), na rede não há hierarquização, mas sim uma relação horizontalizada e informal, em que o centro da rede está difundido e, portanto, não existe centralização de decisões, e a intenção é sempre chegar ao consenso, embora haja a convivência com o dissenso.

Tomaél, Alcará e Di Chiara (2005, p. 93), quando destacaram em seus estudos as redes sociais, concluíram que “a própria natureza humana nos liga a outras pessoas e estrutura a sociedade em rede. Nas redes sociais, cada indivíduo tem sua função e identidade cultural. Sua relação com outros indivíduos vai formando um todo

coeso que representa a rede”. Os autores definiram a *internet* como um ambiente dinâmico e flexível, onde acontecem situações diversas, como uma conversa informal, reúne pessoas que têm os mesmos objetivos, ou que a utilizam para participar de uma rede de relacionamentos.

É de extrema importância que qualquer ferramenta tecnológica, seja qual for, um ambiente virtual de aprendizagem ou uma rede social colaborativa desperte e desenvolva no aluno a capacidade de criticar, de discutir ideias pertinentes à educação dentro da sala de aula ou até mesmo fora dela, de sentir-se confortável em expor suas opiniões como cidadão, e, desse modo, colaborar no processo educativo junto a seus pares e não ser apenas um receptor passivo de conhecimento que recebe a informação de forma hierarquizada. A partir da expansão do ciberespaço deve-se desenvolver práticas e valores, pois essa nova realidade “expressa um novo universal, diferente das formas culturas que vieram antes dele no sentido de que ele se constrói sobre a indeterminação de um sentido global qualquer”. (LÉVY, 1999, p. 15).

É papel do professor também planejar, mediar de forma justa e democrática, além de motivar o interesse do aluno em participar destes ambientes virtuais, pois há muitos professores que resistem ao uso das tecnologias em sala de aula por desconhecerem o quanto estas ferramentas podem ser úteis no processo de ensino-aprendizagem e na prática da cidadania, fazendo com que os alunos se tornem questionadores e críticos e possam fazer escolhas conscientes. Para possibilitar debates e discussões em grupos o uso dessas ferramentas facilita o desenvolvimento cognitivo e sociável do aluno, levando-o a uma postura mais crítica perante a sociedade em que vive e não ao isolamento. A interatividade que um Grupo no facebook oferece é uma grande oportunidade pedagógica. Segundo Mattar (2013, p. 118),

Grupos são espaços online em que as pessoas podem interagir e compartilhar recursos e comentários. É uma maneira de alunos e professores trabalharem em projetos colaborativos. [...] Quando um membro posta algo no grupo, como um link para um artigo, uma questão ou uma atividade, outros membros receberão uma mensagem do Facebook com a atualização. Essa seria uma oportunidade para estender a aprendizagem para fora das paredes da sala de aula tradicional [...].

O autor ressalta o uso das tecnologias digitais como ferramenta de interação e de aprendizagem. Vários pesquisadores têm comentado e analisado sobre o uso das redes sociais como ferramentas no processo de ensino-aprendizagem. Para Chatti (2006), o aprendizado não é apenas a união entre pessoas e conteúdos, mas sim a conexão de pessoas com outras para dar suporte à construção colaborativa do conhecimento. Ele ainda enfatiza que a evolução tem sido acompanhada para integrar as tecnologias digitais e experiências de redes sociais na educação formal, e para que isso realmente ocorra a aprendizagem precisa tomar um novo rumo, semelhante à web e se tornar mais aberta, dinâmica, centrada no aluno.

Já para Molina e Sales (2008), os educadores acreditam que o conhecimento é construído socialmente por meio de processos educacionais facilitados por cooperação, colaboração e interações sociais, sendo possível, dessa forma, expandir o aprendizado fora das salas de aula tradicionais, através das redes sociais. Em síntese, considerando o que os autores ressaltam, o uso das TIC podem ser ferramentas de utilidade para explorar o ensino/aprendizagem, na medida que servem de interação, de motivação e de construção de conhecimento. “Em lugar de confiná-los a um mero papel de receptores, é preciso criar condições para que eles mesmos gerem mensagens próprias, pertinentes ao tema que estão aprendendo” (KAPLUN, 1999, p. 73). Nesse sentido, a utilização das mídias digitais favorece a democratização do ambiente escolar onde alunos, professores e comunidade aprendem entre si, formando os ecossistemas comunicativos, como as redes sociais.

2.2 O facebook e o ensino de língua portuguesa

Diante da revolução digital, um grande fenômeno ocorreu, o aparecimento das redes sociais promoveu o encurtamento da distância entre as pessoas, assim como também a possibilidade de acesso fácil à informação. Uma das mais famosas redes sociais utilizadas em todo o mundo e que mais cresce é o *Facebook*. Criado em fevereiro de 2004, pelo universitário Mark Zuckerberg, seu principal objetivo era ser uma ferramenta de conexão entre os estudantes da universidade de Harvard. Porém, com o enorme sucesso entre os universitários daquela instituição, rapidamente se

expandiu para outros estados norte americanos e hoje virou a rede social mais acessada no mundo.¹

O *Facebook* faz as pessoas se conectarem, e, assim, estas compartilham e interagem de maneira dinâmica. Dessa maneira, os educandos podem utilizar o *Facebook* para postar fotos, vídeos, compartilhar notícias interessantes, criar eventos, grupos de discussão sobre as aulas vistas e páginas pessoais. Além de poderem se comunicar através de bate papo, mensagens pessoais, mensagens no mural, ou “cutucadas”. Permite também configurar os amigos em listas, podendo cada lista ter edição de visualização e privacidade diferentes. Podemos utilizar esta plataforma como uma excelente ferramenta educacional, uma vez que muitos alunos já estão cadastrados na rede e se sentem confortáveis com o ambiente. Os professores podem utilizar essa ferramenta para estimular a participação dos alunos dentro e até fora da escola, e diminuir a distância entre aluno/professor fora dos muros escolares. Desse modo, é evidente a influência que o *Facebook* exerce sobre os jovens e o quanto é relevante na realidade deles. Isso porque, de acordo com Couto Júnior (2013, p. 51),

Direta e indiretamente, os jovens estão conectados pelas redes sociais digitais que se formam a cada instante, criando vínculos sociais, interagindo e manipulando informações que vêm modificando a forma como o mundo informacional é apreendido pelos internautas.

Essa grande rede social veio trazendo um novo cenário para aprender a ensinar e aprender a aprender com o outro, ou seja, aprender a conviver virtualmente, de um modo interativo pedagógico de comunicação que se expande no ciberespaço. Com isso o professor pode utilizar diversas ferramentas, abrangendo todas as possibilidades que permitem e motivam o aprendizado. Nesta perspectiva, o *Facebook* pode auxiliar professores a se conectarem com seus alunos, enviando tarefas referentes às aulas pela rede, criando eventos, postando links úteis e outras atividades fora da sala de aula. Além disso, os alunos podem estar em contato direto e imediato com os colegas de sala e trocarem informações sobre as atividades pedagógicas desenvolvidas, dessa forma, é possível também promover uma maior interação entre professor-aluno e aluno-aluno. Inerente a essa realidade, faz-se necessário adicionar novas estratégias a nossas práticas docentes em sala de aula,

¹ Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Facebook>> Acesso em: 01 maio 2017.

permitir que as novas abordagens pedagógicas e metodológicas advindas das tecnologias digitais sejam uma ferramenta a mais para facilitar nosso trabalho. “Isso porque a cultura digital media novos modos de ensinar e aprender que merecem a atenção das instituições responsáveis pela educação de crianças e jovens” (COUTO JÚNIOR, 2013, p. 16).

É importante enfatizar que as redes sociais podem melhorar a relação dentro de sala de aula, pois o aluno não pode não ver o professor como um sujeito à parte do processo, alguém intocável, pois no perfil da rede social é possível que os estudantes vislumbrem as informações pessoais permitidas pelo educador, interesses e “amigos”, o que pode aumentar a motivação dos alunos, o aprendizado e emoções de sala de aula. É possível criar comunidades ou grupos de aprendizagem onde os usuários possam interagir, trocar informações e compartilhar todas as informações e multimídias que desejarem.

Essa é uma ótima maneira para incentivar e provocar o interesse para que os alunos trabalhem em projetos colaborativos com os outros alunos e com os professores. “A participação cada vez mais frequente das pessoas nas redes sociais da web aponta para a urgência do desenvolvimento de pesquisas no campo da educação que invistam na investigação desse fenômeno” (COUTO JUNIOR, 2013, p. 24-25). Contribuindo, assim, para uma renovação das práticas pedagógicas nas instituições escolares, que ainda hoje continuam, e estão presas às práticas tradicionais.

Como já foi mencionado anteriormente, as redes sociais podem ser uma ótima ferramenta de apoio à educação, pois centralizam em um ambiente online todas as atividades de ensino colaborativo, criadas pelos professores e alunos. Todavia, há uma forte resistência por parte dos professores que têm maior dificuldade com ambientes tecnológicos, que não se sentem confortáveis em sair dos muros da sala de aula e mudar os paradigmas tradicionais, que muitos não conseguem obter os resultados esperados no processo de ensino-aprendizagem. É possível observar o auxílio dessas ferramentas na melhora da produtividade, esses ambientes permitem que os alunos criem e gerenciem seu desempenho, bem como sua evolução no aprendizado, podendo sentir-se integrante deste processo e não meros receptores de conhecimento passado verticalmente. O ensino é facilitado, pois há o aumento da proximidade entre professores e alunos dentro destas redes sociais, objetivando a educação, fortalecendo os vínculos sociais nas salas de aulas, permitindo, dessa

forma, um relevante avanço na cultura educacional das instituições de ensino. Portanto, se utilizarmos de forma moderada e com sabedoria, essa ferramenta pode ser de grande valia para facilitar o trabalho pedagógico. São pertinentes, então, as palavras de Couto Júnior (2013, p. 142) a respeito dessa ferramenta:

Não obstante a importância de considerar o Facebook nos processos de ensinar e aprender, é igualmente importante reconhecer que as dinâmicas das redes sociais da internet poderiam ensejar um novo olhar que contribuísse para se pensar educações na/com a cibercultura. Mais do que meramente ser utilizado como uma ferramenta na promoção de um ambiente institucionalizado do saber e de se constituir como uma sala de aula virtual, o Facebook se revela importante porque agrega dinâmicas comunicacionais que proporcionam aos professores e estudantes formas outras de tecer teias complexas de relacionamento com o mundo.

A forma de aprender utilizando o *Facebook* como recurso ou ambiente virtual de aprendizagem no ensino presencial, semipresencial ou a distância, permite que o professor reformule sua metodologia de uma forma mais interativa, participativa e que os alunos, em grande maioria, possuem grande familiaridade. Assim, a mediação pedagógica e a interação entre os indivíduos é mais facilitada. Llorens e Capdeferro (2011), em seus estudos, descreveram quais as principais potencialidades pedagógicas do *Facebook* para a aprendizagem colaborativa.

Os autores esclarecem que esta rede social favorece a cultura de comunidade virtual e aprendizagem social. A cultura de comunidade virtual fundamenta-se em valores à volta de um objetivo em comum que gera sentimentos de pertença e de aprendizagem social. E ainda permite abordagens inovadoras da aprendizagem, possibilitando a construção do conhecimento e o desenvolvimento de competências, apoia a aprendizagem ao longo da vida e atualização profissional mediante a colaboração dos pares.

O *Facebook* ainda permite, segundo Llorens e Capdeferro (2011), a apresentação de conteúdos por meio de materiais “reais”. A informação que se transmite pode vir a ser dos próprios integrantes da rede social, com vídeos, documentos e artigos de blogs etc. Partindo dessa perspectiva, é fácil perceber que o *Facebook* pode ser usado não só como um canal de comunicação, mas também uma ferramenta que promove a aprendizagem e participação colaborativa, trazendo o pensamento crítico ao criar oportunidades de debates sobre os conteúdos expostos e a diversidade de conhecimentos do grupo, favorecendo a aprendizagem colaborativa

e a troca de experiências de saberes diversos. No entanto, devemos ressaltar que as redes sociais não foram criadas com finalidades educacionais, embora estejam sendo utilizadas como ambiente virtual de aprendizagem. Dentro dessa perspectiva, devemos entender que é um desafio para muitos professores compreender e aproveitar da melhor forma essa tecnologia, que possibilita a criação de novas formas de aprendizagem. Por este motivo, faz-se necessário que o professor seja capaz de selecionar e problematizar a informação que deseja debater ou repassar. As comunidades virtuais são chamadas no *Facebook* de “grupos”, e promovem as relações no ciberespaço, aproximando quem tem interesses em comum e objetivos específicos. Conforme Lévy (1999, p. 29),

O ciberespaço, dispositivo de comunicação interativo e comunitário, apresenta-se como um instrumento dessa inteligência coletiva [...]. Os pesquisadores e estudantes do mundo inteiro trocam ideias, artigos, imagens, experiências ou observações em conferências eletrônicas organizadas de acordo com interesses específicos.

O autor destaca o ciberespaço como uma ferramenta de comunicação e de interação. Para a educação, o potencial pedagógico das redes sociais como *Facebook*, fica evidente quando os principais sujeitos do processo da aprendizagem colaborativa – professor e aluno – conseguem estabelecer uma conexão que transforma a aprendizagem em um momento mais interativo, facilitando todo o processo de ensino, indo, portanto, ao encontro da visão de interconexão com a atualidade, como afirmou Matos (2003, p. 37):

[...] época em que vivemos, o principal bem passou a ser o conhecimento e, aqueles que possuírem os melhores sistemas para obter e manter os recursos de conhecimento como o objetivo de suportarem a performance de indivíduos e organizações, certamente, se tornarão os grandes vencedores. A sociedade encontra-se na Era da informação e da comunicação. Era esta em que se é bombardeado diariamente por uma gama de informações provenientes dos mais diversificados meios de comunicação que possuem o poder de manipular, ditar regras e padrões de comportamentos de uma forma tão eficaz que transformam a vida social e psicológica dos indivíduos.

A afirmação em destaque é o domínio do conhecimento, por meio das tecnologias digitais. E que para haver sucesso no contexto de ensino é relevante que

haja uma adesão a esse contexto. Em outras palavras, é muito importante o professor manter a fonte de base de pesquisa sempre constante, pois a formação discente e docente acontecerá ao mesmo tempo durante o processo vivenciado, portanto, as práticas escolares engessadas poderão ser abolidas e uma nova faceta poderá se fazer presente de forma inovadora no ensino e aprendizagem, estando mais aberta e flexível, com maior participação dos envolvidos no cenário educativo.

Por serem uma alternativa didática de viabilidade, a utilização das redes sociais em ambientes educacionais está sendo alvo de estudos, pois o uso destes recursos no processo de ensino-aprendizagem na escola deve ser utilizado juntamente com outros recursos pedagógicos. E, para isso, se faz necessário ter uma proposta pedagógica norteando o seu uso na educação para que a utilização seja eficaz no processo de ensino-aprendizagem. Dessa forma, as novas tecnologias trazem contribuições decisivas para transformar a escola em um lugar para a inovação, onde se pode explorar culturas, realizar projetos e debates de forma dinâmica e acessível (KENSKI, 2013).

Existem algumas restrições que podemos considerar ao escolher utilizar este recurso pedagógico no ambiente escolar. Além da grande exposição, uma vez que esses disponibilizam informações pessoais e mecanismos de contato, um dos problemas mais apontados no uso das redes sociais é o fato da existência da insegurança virtual, pois a escola não tem como garantir a privacidade de uso das informações, portanto, seria necessário adotar precauções de forma que se possa evitar que informações privadas circulem na rede, evitar que os alunos sejam vítimas de ações criminosas, sejam elas virtuais, como também de forma real.

A acessibilidade é outro fator que gera resistência ao uso das redes sociais no ambiente educacional, já que muitas escolas podem não possuir ambientes de informática adequados e preparados para essas atividades, além de que alguns alunos podem não possuir recursos para obter o acesso para as atividades a distância em ambientes extraclasse.

Tais fatores acabam prejudicando que as atividades sejam desenvolvidas de forma satisfatória pelas redes sociais; outro problema que pode ocorrer na realização de atividades pedagógicas através do uso das redes sociais é o fato de que é necessário um acompanhamento eficaz dos professores, e estes profissionais precisam estar familiarizados com o uso dos recursos tecnológicos, afim de mediar o uso junto aos alunos (GELLER, 1995).

De acordo com Alvarenga (2011, p. 1), “[...] a sociedade encontra-se imersa em demandas que exigem o domínio de recursos tecnológicos e que isso pode favorecer o processo de ensinar e aprender, podendo ajudar a construir conhecimentos [...]”, e isto por si só justifica integrá-los à educação. Portanto, os professores precisam estar atentos às demandas tecnológicas diárias que podem ser utilizadas como instrumentos de educação, pois os alunos necessitam de orientações claras e eficazes para não se prejudicarem na realização das atividades, principalmente aquelas de caráter avaliativo. Além dos fatores já citados, há ainda outros problemas que podem surgir quando as redes sociais virtuais são utilizadas na Educação, podem ocorrer dificuldades técnicas - tanto alunos como professores podem ter dificuldades no uso das redes ao se depararem com problemas técnicos, tais como dificuldades no acesso, na execução de procedimentos (downloads, uploads, por exemplo), problemas de conexão, dificuldades no manuseio de softwares e aplicativos, dentre outros.

Além dos fatores expostos acima, ainda pode ocorrer problemas na administração do tempo - as atividades em rede podem se tornar mais extensas do que as atividades presenciais. Devido a isso, é necessário um planejamento e controle mais rigoroso do tempo para evitar a dispersão ou mesmo a desistência em relação às atividades. Professores e alunos devem manter o compromisso de acompanhar as atividades propostas, e, para isso, o planejamento do tempo é fundamental, pois podem surgir dificuldades na condução das atividades (conversas, trabalhos etc.) e as atividades devem ocorrer de modo eficaz e de forma que sejam possíveis de serem realizadas pelos alunos; se o professor cobra demais ou de menos, não orienta os alunos, não estabelece objetivos claros a serem atingidos, os alunos podem se desmotivar ou mesmo construir concepções equivocadas sobre algo. É importante promover a interação, em vez da competição, porque um dos objetivos das atividades em rede é promover a cooperação entre os alunos (RECUERO, 2009).

Poderíamos ainda exemplificar outras dificuldades, mas as que foram expostas já são um indicativo de que há muitos elementos a serem considerados para que o uso das redes sociais virtuais sejam uma opção válida no processo de ensino-aprendizagem.

2.3 O ensino de língua portuguesa

Neste tópico, será discutida a importância da linguagem para o processo de desenvolvimento da competência leitora e as diversas concepções de leitura presentes nos estudos ao longo do tempo, além de abordar também, o processo de produção textual e comunicativo nesse contexto de ensino. Discutimos ainda a inserção dos gêneros textuais na sala de aula, e, mais especificamente, o gênero resumo, como mediação para a interação pedagógica e a construção de sentidos em sala de aula de língua portuguesa.

2.3.1 O ensino de leitura e de produção de textos em língua portuguesa

Frente às novas realidades sociais, que exigem do ensino de língua portuguesa múltiplas e inovadoras práticas, faz-se fundamental a formação de um leitor participativo e consciente de seu papel como sujeito proficiente, que difunde o conhecimento humano através da própria capacidade de comunicar-se e, assim, interagindo com os demais. Partimos da afirmação de que o homem, sendo um ser social, terá essa capacidade de comunicar-se e interagir entre seus pares tornando a vida em sociedade uma ferramenta importante para a difusão do conhecimento necessário para nossa existência.

Nesse sentido, ao ensinar a leitura identificamos alguns desafios que o professor irá enfrentar ao propor novas concepções de leitura. Bortoni-Ricardo et al (2012, p. 87) apontam que

Há um consenso entre teóricos e professores, segundo o qual a leitura é essencial para o indivíduo construir seu próprio conhecimento e exercer seu papel social no contexto da cidadania, pois a capacidade leitora amplia o entendimento de mundo, propicia o acesso à informação, facilita a autonomia, estimula a fantasia e a imaginação e permite a reflexão crítica, o debate e a troca de ideias.

Segundo esse entendimento, o professor precisa acompanhar a evolução digital, uma vez que para seu fazer pedagógico ela torna-se um fator primordial para

inserir-lo no mundo em que seus alunos vivem hoje. Desse modo, o desenvolvimento tecnológico é uma ponte para que a escola promova ao ensino a prática próxima à realidade dos educandos, sendo possível, assim, observar e compreender as tecnologias como ferramentas de construção e aquisição de conhecimento.

Ao longo da história é possível perceber as diversas concepções de leitura que mudam de tempos em tempos. Desde o processo de decodificação de símbolos e sinais gráficos até o seu processo final, onde encontra-se a interação entre os sujeitos do texto: o próprio texto, o autor e o leitor (KLEIMAN, 2004).

Com essas novas concepções surgindo ao longo do tempo e assim como seus estudos, provocam reflexões sobre a prática pedagógica. A comunicação é fundamental para a transformação do mundo e da realidade histórica. A leitura de mundo que fazemos é o ponto de partida para as transformações, como afirmou Freire (2001, p. 56), “mas para mim, desde o início, nunca foi possível separar a leitura das palavras da leitura do mundo. Segundo, também não era possível separar a leitura do mundo da escrita do mundo, ou seja, linguagem”. Desse modo, o ato de ler passa da decodificação da palavra escrita a uma leitura crítica do mundo em que o indivíduo está inserido. Freire (2001) ainda complementa, em seguida, explicando que a memorização mecânica da descrição do elo não se forma em conhecimento do objeto e, por isso, que a leitura de um texto feita por pura descrição de um objeto é feita no sentido de memorizá-lo, não resultando num sentido real de leitura, nem do conhecimento do objeto de que o texto fala.

Não basta saber ler que “Eva viu a uva” (FREIRE, p. 96), é preciso compreender qual a posição que Eva ocupa no seu contexto social, quem trabalha para produzir a uva e quem lucra com esse trabalho. Alguns aportes teóricos que embasam nossa pesquisa dizem respeito a estudos atuais (COSTA VAL, 2004; KOCH; ELIAS, 2008), que concebem a linguagem como um processo de interação entre o texto, o leitor, o produtor, as condições sócio-culturais, econômicas e discursiva do texto. Assim, o leitor não é só mais visto como um sujeito passivo, apenas receptivo, mas também como um autor fundamental desse processo, participando ativamente da construção do sentido do texto através de seus conhecimentos, sejam eles linguísticos, culturais, pessoais e suas experiências, agindo e interagindo com o texto e seu contexto na produção de texto.

Na leitura de um texto, o leitor não só recebe como também constrói; através de pistas formais ele consegue antecipar alguns fatos, formula hipóteses, conclui,

aceita ou rejeita essas conclusões. Entretanto, falta reciprocidade à ação do autor, que busca, principalmente, a adesão do leitor, apresentando para isso, da melhor forma possível, os melhores argumentos e a evidência mais convincente, organizando e deixando pistas formais a fim de facilitar a consecução do seu objetivo (KLEIMAN, 2002, p. 65).

E, ao fazê-lo, o autor está assumindo claramente uma concepção de língua/linguagem como uma forma de interação que significa, essencialmente, perceber e entender os falantes como sujeitos. Com isso, Geraldi (1984, p. 43) reafirma que “a língua só tem existência no jogo que se joga na sociedade, na interlocução, e é no interior de seu funcionamento que se pode procurar estabelecer as regras de tal jogo”. Desse modo, percebe-se que é possível traçar diversas estratégias para uma leitura significativa, que a melhor forma de aprender a ler é de fato lendo, e que cada professor pode criar suas estratégias, para estabelecer a melhor forma que irá acontecer o processo de compreensão textual. Portanto, “[...] ler é um procedimento, e se consegue ter acesso ao domínio dos procedimentos através da sua exercitação compreensiva” (SOLÉ, 1998, p. 117). O leitor proficiente consegue fazer a conexão da palavra escrita com o mundo ao seu redor, fazendo inferências, criando estratégias para compreender além das palavras.

É nesse contexto, que se caracteriza pelo surgimento de novas práticas de leitura e escrita, na qual Soares (2002, p. 156) chama a atenção para a necessidade de uso do termo letramentos, uma vez que “[...] diferentes espaços de escrita e diferentes mecanismos de produção, reprodução e difusão da escrita resultam em diferentes letramentos”. A informação está, cada vez mais, diversificada em termos de divulgação, por isso, é preciso ser seletivo e saber caminhar diante dessa diversidade, para com isso poder transformar a informação em conhecimento. Nesse sentido, cabe ao pesquisador buscar identificar essas percepções e tentar amenizar a relação de poder que existe entre pesquisador e pesquisado. “É difícil manter uma postura como se o investigador estivesse desvelando uma realidade que era totalmente ignorada pelos atores” (ZANTEN, 2004, p. 31). Diante disso, os atores sociais do mundo contemporâneo possuem um olhar mais apurado sobre a sua realidade, pois refletem constantemente sobre ela.

No ensino da língua portuguesa não é diferente, é necessário poder proporcionar a possibilidade de desenvolver um leitor autônomo que domine o funcionamento da linguagem em diversos contextos da comunicação.

Para Rojo (2009), estas práticas de linguagem não podem ser compreendidas fora dos contextos sociais e históricos a qual pertencem. A nosso ver, o conteúdo da língua portuguesa na escola deve trazer uma ressignificação ao texto. É preciso considerar as diversas formas de escrita que vêm se transformando em função das novas formas de comunicação. Portanto, a leitura é um exercício muito complexo que envolve interação entre o texto e o sujeito, já que está ligada ao conhecimento de mundo que cada indivíduo constrói.

Com isso, é função do professor de língua portuguesa direcionar este processo de leitura dos seus alunos, para que eles possam identificar e reconhecer os mais diferenciados gêneros textuais que circulam atualmente, para que, desse modo, possam saber utilizar as estratégias mais adequadas para compreender cada texto. Compreendemos, assim, que os indivíduos serão capazes de identificar o objeto de leitura para cada tipo de texto, seja ele a leitura por obrigação, por prazer ou outros objetivos.

2.3.2 Os Gêneros Textuais e a produção textual na era digital

Na linguagem, os textos são a forma de estabelecer sentido às diversas atividades humanas, e para isso se organizam em gêneros. Nesse contexto, quando produzimos texto, estamos automaticamente criando fatos sociais. Por essa perspectiva, podemos afirmar que são os sujeitos que validam os gêneros, através dos processos comunicativos e da sistematização das práticas sociais.

Utilizar os Gêneros Textuais na prática em sala de aula é uma excelente forma de entender e usar a língua nas suas diversas formas de uso diário. Desse modo possibilita-se ao aluno a oportunidade de produzir e compreender os textos de maneira mais eficiente a cada situação de interação comunicativa. Segundo os PCN:

Cabe a escola viabilizar o acesso do aluno ao universo dos textos que circulam socialmente, ensinar a produzi-los e a interpretá-los. Isso inclui os textos das diferentes disciplinas, com os quais o aluno se defronta sistematicamente no cotidiano escolar e, mesmo assim, não consegue manejar, pois não há um trabalho planejado com essa finalidade (BRASIL, 1997, p. 30).

Nesse contexto, é possível afirmar que os Gêneros Textuais circulam livremente no âmbito social; são utilizados na escola como modelos com formas próprias com a finalidade de ampliar a competência linguística e discursiva do aluno, proporcionando as mais variadas formas de participação social através da linguagem.

Para Bakhtin (1998), as inúmeras formas de interação entre os homens podem acontecer nas diversas esferas sociais. Nessa interação são utilizados diversos tipos de enunciados relativamente estáveis, na qual são nomeados gêneros do discurso. Portanto, é mais significativo ainda todo esse processo da produção textual partindo das práticas sociais do cotidiano do uso desses gêneros, pois é necessário que o texto desempenhe sua função social. Dessa maneira, é importante salientar que, a produção de texto na escola deve estar alicerçada nas práticas sociais comunicativas ligadas ao contexto da produção, dependendo da intenção comunicativa e do tipo de gênero a qual pertence.

Ao trabalhar com gêneros valorizamos a autonomia dos alunos no processo da produção escrita, além de proporcionar uma visão crítica acerca dos diversos tipos de gêneros usados por eles no cotidiano, não podendo assim dissociar a linguagem das práticas discursivas de seu meio social utilizado. É através do domínio da linguagem que os sujeitos podem exercer aptidões que lhes deem acesso às informações que os possibilitem exercerem a cidadania.

Com o advento dos avanços dos estudos linguísticos, os gêneros têm ampliado seu espaço no cenário educacional, gerando assim uma ampla bibliografia acerca de noções e conhecimentos sobre gênero, principalmente com as pesquisas de Bakhtin, um dos percursores a debater e teorizar os gêneros discursivos.

Ao falar sobre os gêneros, Marcuschi (2008) explana que o interesse pela teoria dos gêneros vem aumentando consideravelmente, passando a ser incluída nas reflexões e discussões de estudiosos de diversas áreas, tornando-se cada vez mais pluridisciplinar. No entanto, ele afirma que no âmbito escolar a forma como se é abordado não é satisfatório, pois geralmente despreza-se a natureza discursiva ao focar, em sala de aula, apenas os elementos linguísticos gramaticais, lexicais e formais. Ratificando isso, Marcuschi (2008, p. 77) ressalta que

O texto acha-se construído na perspectiva da enunciação. E os processos enunciativos não são simples nem obedecem a regras fixas. Na visão que aqui se está propondo, denominada sociointerativa, um dos aspectos centrais no processo interlocutivo é

a relação dos indivíduos entre si e com a situação discursiva. Estes aspectos vão exigir dos falantes e escritores que se preocupem em articular conjuntamente seus textos ou então que tenham em mente seus interlocutores quando escrevem.

Com isso, é importante mencionar que a produção discursiva acontece a partir de unidades maiores dos textos e não apenas sob a concepção de que a comunicação linguística acontece conectada a palavras soltas ou aos fonemas. A natureza enunciativa do texto faz com que ele ultrapasse o limite da frase, formando uma unidade de sentido completa. De acordo com o autor, o “[...] texto é a unidade de funcionamento da língua” (MARCUSCHI, 2008, p. 88), tanto pela sua atuação nas circunstâncias comunicativas, como também porque atribui legitimidade ao caráter funcional que é esperado do texto.

Os Tipos Textuais foram por muito tempo o cerne do ensino de Língua portuguesa, contudo, essa concepção foi ampliada com o aumento dos estudos sobre a teoria dos gêneros. Sobre os Tipos Textuais e Gêneros Textuais, Marcuschi (2008, p. 154-155) faz uma diferenciação, definindo-os como

[...] uma espécie de construção teórica {em geral uma sequência subjacente aos textos} definida pela natureza linguística de sua composição {aspectos lexicais, sintáticos, tempos verbais, relações lógicas, estilo}. O tipo caracteriza-se muito mais como sequências linguísticas (sequências retóricas) do que como textos materializados; a rigor, são modos textuais.

Assim sendo, o autor afirma que os “tipos” equivalem às diversas maneiras em que se pode organizar o discurso, na qual são solidificados por meio dos vários gêneros, entretanto, os gêneros são construídos partindo dos Tipos Textuais. Em contrapartida, os Gêneros Textuais possuem características únicas que intencionam a comunicação, podendo ser utilizados como suporte textual e ainda na interação verbal. Portanto, dentro dessa perspectiva, Marcuschi (2008, p. 155) explica os Gêneros Textuais como:

[...] textos materializados em situações comunicativas recorrentes. Os gêneros textuais são os textos que encontramos em nossa vida diária e que apresentam padrões sociocomunicativos característicos definidos por composições funcionais, objetivos enunciativos e estilos concretamente realizados na integração de forças históricas, sociais, institucionais e técnicas [...].

Em consonância com os pressupostos citados acima, Porto (2009) diz que os Gêneros Textuais se distinguem uns dos outros de acordo com as suas próprias características. Além das características que determinam cada gênero, sua escolha também depende do uso social, que é determinada pela necessidade do falante. Ao realizarmos a comunicação linguisticamente fazemos uso dos gêneros de acordo com o momento e situação comunicativa a qual estamos inseridos, portanto é necessário garantir que os alunos estejam aptos a reconhecer, produzir e interagir com diversos gêneros, nas mais diversas esferas de atividades, seja na escola ou no seu cotidiano da vida particular. Porto (2009, p. 42) enfatiza que

Quanto à circulação dos gêneros textuais, ela depende de suportes que devem preencher os requisitos necessários para que os diferentes objetivos sejam alcançados. O suporte (ou portador de texto) suporta, fixa, mostra um texto. Está relacionado ao gênero textual, chegando, por vezes, a determiná-lo.

Dentro dessa perspectiva, é importante que o educador, ao desenvolver atividades de leitura e escrita, conheça as particularidades do gênero, com a finalidade de alcançar os objetivos desejados. Na prática pedagógica podemos trabalhar com a diversidade textual, adequando o texto ao conteúdo, pois o professor atua como mediador entre alunos, o conteúdo e o texto. É necessário considerar que os alunos são capazes de produzir quaisquer gêneros, contanto que tenham familiaridade com eles, seja por leitura feita com o professor, seja por sua própria iniciativa.

E quando falamos em produção textual por escrito, ou seja, escrever textos de próprio punho, as possibilidades ficam mais restritas, já que a atividade exige vários procedimentos complexos, que se dá desde o planejamento do que se vai escrever, até as singularidades da própria escrita.

2.3.3 Gênero Resumo: resgatando e reescrevendo

Para que se haja compreensão leitora é necessário uma série de fatores determinantes por parte do leitor, isso ocorre desde a leitura do texto até seu entendimento e como forma de observar este entendimento, a produção de um

resumo pode mostrar se o leitor apresenta ou não algum tipo de limitação ou dificuldade com a leitura ou se de fato estabeleceu a compreensão do que foi lido.

Para se fazer um resumo, pode ser feito tanto de forma oral quanto de forma escrita. Neste trabalho compartilhamos com Dolz e Schneuwly (2004) a concepção de que é necessário criar atividades voltadas ao processo de ensino-aprendizagem, a partir de Gêneros Textuais/Discursivos, pois eles permitem a integração de atividades de leitura e a compreensão de textos orais e escritos.

Quando nos referimos a gênero, escolhemos o conceito de Bakhtin (1992, p. 279) que o explica como “tipos relativamente estáveis de enunciados elaborados pelas diferentes esferas de utilização da língua”. E com relação ao gênero como instrumento de atividade escolar, podemos definir como “[...] uma ferramenta semiótica complexa que permite a produção e a compreensão de textos” (SCHNEUWLY, 1994, p. 160-162).

Para Costa (2008, p. 160), resumo é “[...] uma apresentação abreviada de um texto, conteúdo de livro, peça teatral, argumento de filme etc.”. Portanto, de forma geral, o resumo é uma forma abreviada, escrita ou oral, assertiva e coerente, de se falar sobre o conteúdo de texto lido, ou peça teatral ou filme assistido. Schneuwly e Dolz (1999, p. 15) entende que “[...] o resumo escolar, portanto, deve ser considerado uma variação de um gênero ou de um conjunto de gêneros, como o resumo incitativo ou a resenha oral de um filme”. Identificamos quando a compreensão leitora ocorre quando o leitor se mostra capaz de interligar vários conhecimentos de diversas áreas e níveis, tais como: gramatical, lexical e conhecimento de mundo.

O ensino entre as diferenças dos tipos de Gêneros Textuais ainda causa dificuldade para alunos e professores. Marcuschi (2002) faz uma pequena definição sobre o aspecto teórico. Para ele o Tipo Textual é usado para apresentar uma espécie de sequência já definida em teoria, pela natureza linguística de sua composição, enquanto que a expressão Gênero Textual é usada como uma noção vaga para se referir a textos materializados e utilizados na vida diária, onde apresentam características sócio-comunicativas definidas por suas funções, estilos e características. Podemos citar alguns exemplos do que seriam Gêneros Textuais: lista de compras, romance, bilhete, receita, horóscopo, resenha, edital de concurso, piada e muitos outros.

Durante muito tempo, a escola trabalhou a produção de texto como uma atividade puramente escolar. Para muitos professores, a principal finalidade dessa

atividade é ser um objeto de avaliação – os alunos escrevem para serem avaliados. Como consequência dessa concepção errônea de produção de texto, ainda presente no cotidiano dos alunos, a produção textual representa uma atividade desinteressante e que não está associada às experiências cotidianas deles.

Marcuschi (2002, p. 19) afirma que os gêneros “[...] são entidades sóciodiscursivas e formas de ação social incontornáveis em qualquer situação comunicativa”. De modo que há uma enorme diversidade dos gêneros, não é possível fazer uma lista limitada de todos. Ele ainda destaca que em um mesmo gênero também se realiza Tipos Textuais, podendo, inclusive, ocorrer mais de um tipo, fazendo com que o texto seja tipologicamente heterogêneo.

Ainda segundo Marcuschi (2002), “[...] quando dominamos um gênero textual, não dominamos uma forma linguística e sim uma forma de realizar linguisticamente objetivos específicos em situações sociais particulares”. Nesse sentido, Bronckart (1999, p. 103) destaca que “[...] a apropriação dos gêneros é um mecanismo fundamental de socialização, de inserção prática nas atividades comunicativas humanas”. Isso quer dizer que o aluno tem a apropriação do gênero a partir do confronto em uma situação não organicamente ligada ao gênero. Pode-se afirmar que quanto maior for o contato do aluno com os diversos tipos de Gêneros Textuais, melhor será sua capacidade para identificar e pensar sobre os mecanismos linguísticos e extralinguísticos que os formam.

Para Costa (2008), o resumo tem as mesmas características ou função enunciativa, pois se trata de uma breve apresentação de um texto, para que o leitor tenha um apanhado geral acerca do texto integral. Esses textos que podemos ver em diversas situações de comunicação, apresentam informações que são selecionadas e resumidas de outro texto, oral ou escrito, apresentando características peculiares, observando detalhes gerais da obra; há personagens e, ainda, podem conter avaliações, ou seja, opinião de quem está produzindo o resumo.

Nessa perspectiva, o resumo se organiza, basicamente, em uma grande sequência narrativa, onde suas unidades linguísticas, sequências textuais e tipo de discurso se configuram em uma estrutura com o objetivo de informar, divulgar ou até mesmo persuadir o leitor a interessar-se pela obra que foi resumida, contendo algumas marcas linguísticas característica do gênero, como: a construção do discurso, recursos coesivos e certos tempos verbais.

No entanto, cremos que um resumo ou sinopse de filme tem por característica o telespectador observar o enredo geral da obra apresentada, os atores e seus personagens principais, assim como avaliar (positivamente ou negativamente) o filme resumido.

Figura 1 – Fluxograma do gênero desenvolvido



FONTE: Produção do próprio autor.

A utilização desse gênero na atividade desenvolvida para a intervenção permitirá ao aluno um aprendizado maior ao escolher utilizar esse gênero, pois para transmitir alguma informação precisa-se saber reelaborá-la, transmitir de forma concisa, tendo a transmissão de informação como prioridade, e para isso o aluno precisa compreender a informação, para poder redizer. É inevitável salientar que os Gêneros Textuais precisam ser expostos, manuseados, trabalhados e vivenciados em sala de aula. O estudante não irá dominar os gêneros se não for dada a possibilidade de acontecer esta situação de conhecimento e identificação.

Farias (2000) afirma que a formulação do resumo não é uma cópia de trechos-base e cita alguns desses aspectos que devem ser analisados, como a maturidade do leitor e suas condições de realizar a tarefa do resumo na sua habilidade escrita. Para o autor, a capacidade de compreensão leitora ocorre quando os leitores são capazes de relacionar as diversas informações com seu conhecimento prévio do léxico, conhecimento linguístico, dentre outros, pois um aluno que não tem capacidade de produzir um resumo coerente, talvez, apresente alguma dificuldade na compreensão leitora, ou no caso proposto que era resumir o filme, dificuldade de síntese, de escrita e de vocabulário, não conseguindo, desse modo, associar informações contidas no texto-base a outros textos já lidos.

A escolha do gênero ocorre pelo conhecimento que temos da dificuldade de escrita de textos por parte dos estudantes, muitas vezes a escrita de um texto esconde a falta de compreensão textual. No entanto, com o gênero resumo, o aluno terá que fazer uma síntese do que ele mesmo entendeu sobre o que viu. Portanto, o resumo, nesse caso, é utilizado também como um parâmetro de compreensão leitora e as dificuldades encontradas nos resumos dos alunos nos indicam, possivelmente, as possibilidades de intervenção nesse processo de aprendizagem.

CAPÍTULO 3: ASPECTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA

O futuro dos seres humanos depende da educação. Toda tecnologia e sua adaptação trabalhada hoje forma uma série de caminhos para o ser de amanhã percorrer.

(LEONARDO TOMÉ)

No presente capítulo, organizamos nosso trabalho em seis tópicos: a princípio, apresentamos a natureza da pesquisa, discorrendo sobre os principais aspectos teórico-metodológicos que orientam nosso estudo. O método é destacado, por ser um elemento de extrema importância para delinear todas as demais escolhas metodológicas. Posteriormente, caracterizaremos o universo de nossa pesquisa, são escolhas que delimitam a nossa investigação, contextualizando o espaço, os participantes e os instrumentos de construção dos dados presentes no trabalho, bem como os procedimentos de coleta e de análise dos dados. Por fim, apresentamos as etapas da intervenção que o centro de nossa pesquisa, pois dela surgem grande parte do corpus da pesquisa.

3.1 Natureza da pesquisa

Para alcançarmos nossos objetivos, consideramos necessária uma intervenção nas aulas de Língua Portuguesa. Com isso, poderemos responder nossas questões de pesquisa que já foram explicitados na introdução, e com isso atender a um dos objetivos fundamentais do Mestrado Profissional em Letras – PROFLETRAS, que seria capacitar os professores de Língua Portuguesa, do Ensino Fundamental. Assim, os pesquisadores poderão oferecer contribuições para a melhoria da qualidade do ensino público no Brasil.

Por entendermos que a ferramenta digital *Facebook* pode ser transformada em uma ferramenta pedagógica, capaz de motivar a participação do aluno e promover a sua interação, é que propomos a criação de um grupo nesse site de rede social com

o objetivo de criar um espaço onde os alunos pudessem publicar seus textos, responder atividades publicadas pela pesquisadora e interagir com os textos dos colegas através de comentários acerca dos textos postados.

A nossa pesquisa se enquadra dentro do campo das ciências humanas e inserida especificamente na área de Linguística Aplicada. Pesquisadores como Kleiman (1998) enfatizam que com o caráter transdisciplinar da LA, foi possível abrir espaços para outros campos de estudos não menos importantes. Nesse sentido, compreendemos que nossa investigação tem uma fundamentação teórica-metodológica respaldada pela fenomenologia. Para Bicudo (2010), a pesquisa fenomenológica assume uma postura didático pedagógica ao considerar tanto a vertente dos conteúdos das áreas de conhecimentos, como também a dimensão do ser humano que é o sujeito na educação. Ainda segundo a autora, assumir essa ideia significa estar atento à dinâmica da ação que envolve aluno/professor/conteúdo.

A metodologia que nos fornece a orientação teórico-metodológica desta pesquisa é a concepção posta por Lakatos e Marconi (2001, p. 83), que afirma que metodologia “[...] é o conjunto das atividades sistemáticas e racionais que, com maior segurança e economia, permite alcançar o objetivo – conhecimentos válidos e verdadeiros, traçando o caminho a ser seguido, detectando erros e auxiliando as decisões”,

Dessa forma, para analisar de que forma é possível utilizar o *Facebook* como ferramenta pedagógica no ensino da Língua Portuguesa, será utilizada uma abordagem qualitativa, que, segundo Richardson (1999, p. 62), se refere aos “[...] estudos que podem descrever a complexidade de determinado problema, analisar a interação de certas variáveis, compreender e classificar os processos dinâmicos vividos por grupos sociais”. Portanto, trata-se de uma pesquisa feita no âmbito educacional, definida como pesquisa-ação. Esse método de pesquisa é justificado pelo incessante interesse em desenvolver ações colaborativas e de intervenção, de modo que caminhem para ações coletivas mediadas e desenvolvidas para identificar possíveis problemas, e, assim, trabalhar nos seus diagnósticos para atingir os objetivos planejados (ELLIOTT, 1997).

Nossa pesquisa se desenvolve, desse modo, por meio de uma estruturação de pesquisa-ação (GIL, 2002), no que diz respeito a sua finalidade, pois nosso intuito é de diagnosticar um problema e aplicar uma intervenção participativa entre o professor-

pesquisador e os alunos, de um modo inovador, que se difere do tradicional utilizado nas escolas atualmente, pelo que percebemos.

Por se tratar de uma pesquisa social com base empírica (THIOLLENT, 2011), com objetivo de uma ação que identifique e resolva um problema coletivo ou que aponte alternativas de encaminhamentos, visando o desenvolvimento do ensino e da aprendizagem, no qual pesquisadores e participantes estão envolvidos de modo cooperativo, é que acreditamos que nossa pesquisa se baseia no uso da pesquisa-ação. Segundo Silva e Gonçalves (2014, p. 61),

A investigação da própria prática pedagógica pelo professor pode resultar em ganhos bastante significativos para o aprendizado do aluno, pois, ao diagnosticar demandas a serem trabalhadas de forma sistematizada, o professor poderá experimentar novas estratégias de ensino e, conseqüentemente, transformar a prática pedagógica indesejada.

A pesquisa-ação surge como pesquisa na prática, em que possibilita, em constante diálogo com os participantes, fornecer compreensão e alternativas para reorganizar da realidade. Thiollent (2011) define ainda pesquisa-ação como uma pesquisa crítica, na qual não deve haver neutralidade, pois o pesquisador se inclui dentro do universo pesquisado. Desse modo, ele não apenas detalha, mas também tenta entender e identificar a realidade na qual ele investiga, para assim encontrar soluções para os problemas encontrados e transformá-los (SILVA; GONÇALVES, 2014).

O aspecto inovador da pesquisa-ação se deve principalmente a três pontos: caráter participativo, impulso democrático e contribuição à mudança social (ELLIOTT, 1997). Hoje, a pesquisa-ação beneficia seus participantes por meio de processos de autoconhecimento, e quando enfoca a educação, informa e ajuda nas transformações. Segundo Elliott (1997), a pesquisa-ação permite superar as lacunas existentes entre a pesquisa educativa e a prática docente, ou seja, entre a teoria e a prática, e os resultados ampliam as capacidades de compreensão dos professores e suas práticas, por isso favorecem amplamente as mudanças. Elliott (1997, p. 17) ainda afirma que a,

[...] pesquisa-ação é um processo que se modifica continuamente em espirais de reflexão e ação, onde cada espiral inclui clarear e diagnosticar uma situação prática ou problema que se quer melhorar ou resolver, além de formular estratégias de ação, desenvolvendo

essas estratégias e avaliando sua eficiência, para que se amplie a compreensão da nova situação.

O autor destaca que a pesquisa-ação é um processo de reflexão e ação numa situação prática, tomando como objetivo a compreensão e a resolução de um problema. Outra possibilidade é a criação de estratégias para serem executadas na sala de aula, fazendo sempre avaliação do que foi construído. Uma pesquisa pode ser qualificada de pesquisa-ação quando houver realmente uma ação por parte das pessoas implicadas no processo investigativo, visto partir de um projeto de ação social ou da solução de problemas coletivos e estar centrada no agir participativo e na ideologia de ação coletiva. A pesquisa-ação exige uma estrutura de relação entre os pesquisadores e pessoas envolvidas no estudo da realidade do tipo participativo/coletivo. Nessa perspectiva, Thiollent (2011, p. 14) assevera que

A pesquisa-ação é um tipo de pesquisa social que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo e no qual os pesquisadores e os participantes representativos da situação da realidade a ser investigada estão envolvidos de modo cooperativo e participativo.

A cooperação é um aspecto essencial da pesquisa-ação, pois os pesquisadores e os participantes se envolvem na compreensão e na busca de alternativas para resolução dos problemas da realidade estudada. Silva e Gonçalves (2014, p. 61) destacam que “quando a pesquisa-ação é desenvolvida em parceria com a comunidade acadêmica, os riscos mencionados são minimizados, pois se instaura a necessidade da negociação de interesses [...]”. É essa negociação que caracteriza a pesquisa-ação como tal. A participação dos pesquisadores é explicitada dentro do processo do “conhecer”, com os “cuidados” necessários para que haja reciprocidade e complementação por parte das pessoas e grupos implicados, que têm algo a “dizer e a fazer”. Não se trata de um simples levantamento de dados (THIOLLENT, 2011).

Esta pesquisa busca investigar se é possível a utilização do *Facebook* no espaço da sala de aula por meio de um trabalho colaborativo e interativo entre professor e alunos, propiciando novos espaços de aprendizado da Língua Portuguesa. Escolhemos o *Facebook* como a rede social a ser estudada tendo em vista que o nosso aluno se encontra imerso nessa realidade dentro do seu contexto social, onde

acompanha seus amigos através das publicações, atualiza-se sobre notícias e faz novas amizades.

Um outro aspecto teórico desta pesquisa é a sua natureza qualitativa. Os procedimentos metodológicos que adotaremos para a coleta de dados se fundamentam por uma abordagem qualitativa, já que o objetivo principal é interpretar o fenômeno do uso pedagógico das tecnologias digitais, em específico o *Facebook*, no contexto da educação e a produção escrita feita em sala de aula. Esse tipo de pesquisa caracteriza-se por uma intensa e demasiada observação de um ambiente específico, o registro dos eventos ocorridos nesse ambiente no decorrer da pesquisa e a descrição, interpretação e análise dos dados colhidos (CHIZZOTTI, 2008). Nesse contexto, o pesquisador tem participação efetiva, necessitando, para isso, observar a situação mais de perto, deslocando-se para a escola e intervindo na sala de aula. De acordo com Chizzotti (2008, p. 28),

A pesquisa qualitativa recobre, hoje, um campo transdisciplinar, envolvendo as ciências humanas e sociais, assumindo tradições ou multiparadigmas de análise, derivadas do positivismo, da fenomenologia, da hermenêutica, do marxismo, da teoria crítica e do construtivismo, e adotando multimétodos de investigação para o estudo de um fenômeno situado no local em que ocorre, e, enfim, procurando tanto encontrar o sentido desse fenômeno quanto interpretar os significados que as pessoas dão a eles.

A pesquisa do tipo qualitativa reflete uma transdisciplinaridade ligada às ciências humanas. Esse traço transdisciplinar remete à relação de nossa pesquisa com vários ramos do conhecimento, como a sociologia, a psicologia, a antropologia, a pedagogia e a hermenêutica. Nesse cenário, surge espaço para uma investigação crítica e interpretativista. Assim, a pesquisa qualitativa pressupõe o estudo e análise das práticas em seu ambiente natural, em nosso caso, a escola, mantendo uma relação direta e constante com o cotidiano dos sujeitos da nossa pesquisa. Nessa perspectiva, o pesquisador adotará o ambiente escolar como campo de pesquisa.

Para Kauark (2010, p. 26), “a interpretação dos fenômenos e a atribuição de significados são básicos no processo da pesquisa qualitativa”. Desse modo, com a pesquisa adotada para este trabalho, foi possível percebermos o vínculo inseparável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito, e quando discutimos sobre as redes sociais na educação e as tecnologias digitais, esse fator se faz ainda mais

relevante, visto que o pesquisador faz a interpretação e atribui os significados que avaliou essenciais para o processo da pesquisa qualitativa.

Minayo (2001, p. 14) afirma que ao se trabalhar com a pesquisa qualitativa, se trabalha com o universo de significados, valores, crenças e atitudes, que correspondem ao espaço em que as relações se apresentam, os processos emergem e os fenômenos não são reduzidos à apenas simples variáveis operacionais. Segundo essa definição, concluímos que essa estratégia de pesquisa está mais alinhada, em grande parte, aos procedimentos científicos de investigação e suas atividades práticas que utilizam conhecimentos e técnicas necessárias para a resolução de um problema que foi identificado pelo pesquisador e em que todos os sujeitos da pesquisa estão envolvidos. Isso quer dizer que, em nossa pesquisa, quisemos desempenhar de forma ativa um papel significativo na realidade dos fatos gerados e observados a partir de nosso fazer pedagógico, e, desse modo, contribuir para uma melhor qualidade do ensino da língua portuguesa.

Dessa forma, consideramos que ao identificarmos a situação problema que será investigada, também será analisada na busca de soluções para que haja melhora na aprendizagem dos participantes pesquisados, essas características se efetivam como características qualitativas, que, por sua vez, estão ligadas à pesquisa científica. Foi pensando nisso que acreditamos na relevância dessa escolha e em sua eficácia, pois esta segue todo o contexto da pesquisa, fornecendo ao leitor a capacidade de compreender todos os dados importantes do desenvolvimento do trabalho, como onde, quando e com quem a pesquisa se desenvolveu.

A busca da solução do problema ocorre através de intervenções racionais que resultarão num processo inacabado e permanente, pois “a preocupação de quem adota essa abordagem é com a descrição e apresentação da realidade tal como é em sua essência, sem o propósito de introduzir informações substanciais nela” (GRESSLER, 2007, p. 43).

Existem diversas contribuições da pesquisa qualitativa para o estudo e, dentre elas, destacamos a competência em compreender os fenômenos referentes ao âmbito escolar, tendo em vista que revela as peculiaridades do cotidiano escolar. Proporcionando, assim, uma aproximação importante entre teoria e prática, além de ferramentas eficientes para interpretar as questões relacionadas ao ambiente educacional (GRESSLER, 2007).

Nessa visão, nos alinhamos aos autores Bogdan e Biklen (1994) que afirmam ser nesse tipo de pesquisa em educação, onde os investigadores mais estão inseridos nesse ambiente de muitos significados e fazem valer a grande quantidade de tempo dedicada ao local da pesquisa, se preocupando com a contribuição que podem fornecer ao contexto de ensino. Segundo os autores,

Os investigadores qualitativos frequentam os locais de estudo porque se preocupam com o contexto da história das instituições a que pertencem. Os locais tem que ser entendidos no contexto histórico das instituições a que pertencem.[...]

Para o investigador qualitativo divorciar o acto, a palavra ou o gesto do seu contexto é perder de vista o significados. (BOGDAN; BIKLEN, 1994, p. 48)

De acordo com os autores, a palavra, ou seja, a linguagem, e as interações do contexto influenciam diretamente nos resultados ocorridos nesse espaço. Desse modo, a abordagem utilizada neste trabalho exige a reflexão para além das paredes escolares, permitindo que o mundo cotidiano seja observado e que nada que o pertença é sem importância. Tudo que acontece durante a pesquisa pode servir de construção de caminhos a seguir, que nos permita compreender de forma mais clara nosso objeto de estudo.

Em relação às técnicas e instrumentos de coleta, caracteriza-se como pesquisa interventiva, tendo em vista que será necessária uma intervenção na sala de aula para a obtenção de parte do nosso *corpus*. De acordo com Rocha (2003, p. 66), “a pesquisa-intervenção consiste em uma tendência das pesquisas participativas que busca investigar a vida de coletividades na sua diversidade qualitativa, assumindo uma intervenção de caráter socioanalítico”. Nessa perspectiva, procura acompanhar as práticas no seu cotidiano e propõe uma ação interventiva que modifica a realidade. Ratificando isso, Rocha (2003, p. 71) ainda ressalta: “Na pesquisa-intervenção, não visamos à mudança imediata da ação instituída, pois a mudança é consequência da produção de uma outra relação entre teoria e prática, assim como entre sujeito e objeto”. Para a autora, “[...] a relação entre pesquisador e objeto pesquisado é dinâmica, e determina os próprios caminhos da pesquisa” (ROCHA, 2003, p. 72). A pesquisa não é fixa, pode tomar rumos que o contexto exigir, mostrando, assim, o caráter dinâmico que a investigação tem.

Dessa forma, esse o *Facebook* será utilizado como suporte de análise para esta pesquisa. Pretendemos explorá-lo como um instrumento de aprendizagem e de ensino, de forma interativa e crítica. Em outras palavras, com esta pesquisa, pretendemos investigar se podemos utilizar o *Facebook* como ferramenta pedagógica no ensino escolar, refletindo no desenvolvimento das produções textuais dos alunos. É o uso das tecnologias digitais a favor do ensino-aprendizagem.

3.2 Caracterização da pesquisa

Será analisado, neste estudo, por meio de um processo intervencionista e interpretativo, que tem por objetivo refletir sobre o uso pedagógico das tecnologias digitais, especificamente o *Facebook* – como professores e alunos podem utilizar esta ferramenta pedagógica de forma eficaz para ajudar no aprendizado da língua portuguesa.

A presente pesquisa busca promover a investigação acerca do ensino-aprendizagem através do uso das tecnologias digitais, especificamente o *Facebook* como suporte mediado pelo professor, analisando a aquisição do letramento digital de forma que se converta numa competência que favoreça o processo de ensino-aprendizagem. Dentre as tecnologias digitais, escolhemos o *Facebook* como ferramenta a ser utilizada para este fim, tendo em vista que o nosso aluno encontra-se inserido nesse ambiente digital na sua vida cotidiana, e assim, acreditamos ser viável explorar esse instrumento em prol do desenvolvimento do ensino

O *corpus* será composto por uma proposta de atividade de ensino para ser desenvolvida pela turma, utilizando-se como ferramenta o *Facebook*, tendo o objetivo de refletir sobre as suas possibilidades em relação à produção do conhecimento, indicando facilidades e dificuldades e suas contribuições em relação à aprendizagem colaborativa. Vamos optar pelo desenvolvimento de um estudo qualitativo, pesquisa-ação, como forma de verificar e melhorar o processo de ensino-aprendizagem.

Buscaremos analisar as postagens de alunos matriculados na disciplina de Português do oitavo ano de uma escola municipal de Fortaleza. Para tanto, foi criado um grupo de estudo no *Facebook*, no qual os alunos puderam debater acerca de

assuntos expostos na sala de aula e responderam às questões propostas pela professora, em forma de *Post*. Parte do corpus da pesquisa foi construído por meio de uma intervenção em sala de aula, usando o facebook como ferramenta.

O trabalho interventivo para a coleta dos dados aconteceu da seguinte forma: no primeiro momento foi lido um texto em sala de aula, discutido entre os alunos e posteriormente a professora analisou através de perguntas no grupo criado. Pretendeu-se observar como os alunos iriam se comportar diante do uso de uma ferramenta não habitual no ambiente pedagógico, como participariam, se teriam dificuldades, e se a avaliação teria o êxito desejado. O segundo momento da avaliação aconteceu com a apresentação de um filme durante a aula de Português, após a apresentação, na aula seguinte, foi debatido sobre o filme assistido e a professora propôs um debate também no grupo criado no *Facebook*, onde os alunos comentaram como entenderam as questões levantadas, e assim, foram ser avaliados de acordo com a proposta descrita. Posteriormente aos debates e interações na rede social, analisando as postagens e linguagem utilizadas dos alunos, tivemos aulas dedicadas a oficinas de Gênero Textual, onde trabalhamos o gênero resumo. As várias “oficinas” de atividades tiveram o objetivo de permitir a apropriação do gênero resumo, uma vez que a organização das oficinas formava um trabalho que tinha como intuito de fazer os alunos desenvolverem capacidades de linguagem que lhes permitissem assistir ao filme e produzir o gênero de forma eficaz. Para identificar o processo de aprendizagem, foi apresentado o filme **Percy Jackson e o ladrão de raios**, para que os alunos pudessem realizar suas produções escritas adequadas às características do gênero estudado.

Nosso corpus, entre outras fontes, é baseado em cinco textos produzidos pelos alunos voluntários em sala de aula, e que foram coletados ao final do projeto de intervenção (ver anexos). Para a produção do texto foi utilizado o gênero resumo, baseado no filme apresentado em sala de aula já citado acima.

Foram utilizados para a análise apenas alguns textos (no total cinco) produzidos, devido ao grande número de alunos existentes na turma, o que dificultaria a análise no tempo disponibilizado para o projeto. No entanto, entendemos que a escolha desta quantidade de textos seria suficiente para a análise que embasa nossa pesquisa. Para tanto, os critérios utilizados para a escolha dos textos que fizeram parte do nosso *corpus* foram os que tinham as características exigidas do gênero, os

que menos teriam essas características, o uso da linguagem literária em comparação as postagens no grupo do *Facebook*, se adequando a formalidade da atividade.

Ao término do trabalho e avaliação da proposta de ensino, foi aplicado um questionário semiestruturado, pelo qual foi possível avaliar os pontos positivos e negativos e as facilidades e dificuldades em relação ao desenvolvimento da proposta. No instrumento, foi avaliada a contribuição do *Facebook* como plataforma para atividade de ensino e as relações colaborativas estabelecidas entre os participantes.

Pretendeu-se com a atividade desenvolvida no *Facebook*, favorecer a comunicação entre os participantes e estabelecer relações colaborativas que promovam a participação direta dos alunos na construção do conhecimento. E assim, foi possível analisar se e como as redes sociais favorecem a construção do conhecimento escolar, o aprofundamento nas temáticas propostas nas atividades no grupo criado, possibilitando uma experiência inovadora de aprendizagem. Além disso, quisemos motivar uma maior autonomia nos alunos, uma vez que eles tiveram que organizar o tempo para produzir suas atividades fora das paredes da escola.

Além de registros escritos através de atividades complementares às aulas no processo de intervenção no grupo de estudo, optamos também pela observação do participante, tanto nas tarefas presenciais quanto nas tarefas virtuais, à medida que as atividades foram desenvolvidas. Acreditamos que muito se tem a analisar no processo pedagógico utilizando-se das tecnologias digitais como forma de ajudar na aprendizagem, participando de momentos de discussão acerca de assuntos vistos na sala de aula convencional, fomentados pelas discussões que foram feitas. Para isso, a pesquisadora assume papel integrante ao grupo e interage com eles no contexto observado (o grupo no *Facebook*). Assim, a técnica da observação do participante foi empregada como uma das técnicas de coleta de dados. À medida que fomos interagindo com os sujeitos nos momentos da construção das atividades desenvolvidas, fizemos observações e análises sobre o processo investigativo, e assim obtivemos uma análise dos resultados colhidos. Nesse processo, construímos notas de campo para servirem de dados de análise.

Ao passo que as atividades foram desenvolvidas, foi possível confrontar os textos teóricos estudados para a realização desse trabalho com a prática da utilização da rede, construindo diálogos significativos e reflexivos, favorecendo a aproximação de seus membros e o fortalecimento de vínculos de amizade. Com essa estratégia, pudemos averiguar os mecanismos que os alunos encontraram para buscar o

conhecimento, pois, para trabalhar de forma colaborativa, foram necessárias alterações na prática pedagógica, para, com isso, ser possível problematizar os conteúdos e motivar o aluno na construção do seu conhecimento, e assim aproximar professores e alunos por meio da tecnologia, atendendo, dessa forma, a diferentes estilos de aprendizagem, criando novos espaços de produção de conhecimento.

3.2.1 Descrição do local de pesquisa

O local que foi desenvolvido o estudo foi uma escola pública municipal, localizada no bairro Barroso na cidade de Fortaleza. A escola em questão funciona em dois turnos, com turmas do Fundamental I e II, do quinto ao nono ano, totalizando pouco mais de mil alunos. A escola possui uma estrutura física de médio porte, porém com muitas dependências em estado precário. Os espaços da biblioteca e sala de informática estão em desuso por falta de funcionários responsáveis por esses ambientes.

A escola dispõe um refeitório, onde os alunos podem realizar as alimentações durante o recreio, e um único pátio onde todos os alunos do Ensino Fundamental I e II se aglomeram nos horários do intervalo por não haver outro espaço de convivência. Tanto esse ambiente quanto as salas de aula ao redor dele são mal projetados e, portanto, extremamente quentes, ocasionando irritabilidade e desconforto constantes. A equipe gestora é formada por um diretor e uma vice-diretora, três coordenadores para todos os segmentos (Fundamental I e Fundamental II). Os planejamentos acontecem semanalmente, algumas vezes com a presença da coordenação, outras não. A escola sofre com constante desfalque de professores, principalmente de áreas específicas, em parte por falta de profissionais na rede de ensino, porém, em especial pela localização da escola em área de risco, o que dificulta o transporte para chegar até a mesma, somente com transporte particular é possível chegar até lá, pois não há linhas de ônibus próximas a escola.

Além disso, a comunidade, em geral, possui um nível de poder aquisitivo muito baixo, convive com a problemática do tráfico de drogas, violência e constantes assaltos. Com isso, as consequências desses fatos se refletem dentro das salas de

aula, com alunos pouco motivados, muitas vezes com histórias familiares conturbadas e pouco estímulo para os estudos. A escolha desse tema para o desenvolvimento do estudo se deu, principalmente, pelo fato da pesquisadora ser professora efetiva há 3 anos dessa unidade escolar e conhecer as demandas específicas da realidade dos sujeitos participantes e, com isso, facilitar o processo de investigação e intervenção.

Acreditamos que o professor deve sempre estar em busca de melhorar sua prática docente, para assim enfrentar as dificuldades de aprendizagem apresentadas pelos alunos. Pensando nisso, decidimos por desenvolver a nossa intervenção, requisito do Profletras, na escola na qual atuamos.

Escolhemos para o desenvolvimento da pesquisa os alunos do oitavo ano, do turno da manhã, que é formado por 37 alunos. Optamos por essa turma por aparentemente já possuírem maturidade suficiente para a participação numa experiência como essa, visto que estão na faixa etária entre 13 e 16 anos e possuem contato direto e constante com a *internet*.

Quanto a infraestrutura escolar, o ambiente é carente dos materiais mais básicos, como papel, por exemplo. Não há laboratório de informática, o que dificulta inserir um trabalho voltado para uso de tecnologias digitais. Por isso, nosso foco foi na criação do grupo, no qual os alunos iriam acessar fora do ambiente escolar.

3.2.2 Os participantes e os instrumentos da pesquisa

Para este trabalho de pesquisa teremos como participantes os seguintes agentes: o professor como pesquisador e os alunos da turma do 8º Ano, do ano de 2017, de uma escola pública municipal de Fortaleza. A escolha da turma do 8º ano para este processo de intervenção pedagógica deu-se devido à necessidade de aprimorar as competências para a produção de texto, já que muitos alunos se mostravam resistentes para as atividades de produção textual em sala. Além disso, a turma mostrou interesse em participar do projeto que não só avaliaria a eles, como também, haveria a possibilidade de incluir redes sociais nos estudos pedagógicos dentro da escola.

A turma era composta por 37 alunos matriculados, na faixa etária entre 13 e 16 anos, mas nem todos frequentavam com assiduidade. Vale ressaltar que, durante o

percurso desta pesquisa houve, nos meses que trabalhamos, uma evasão de alunos acarretada principalmente pelo aumento da violência na região, onde a criminalidade é notória e faz parte da vida regular desses alunos. Todos oriundos de famílias economicamente desprovidas, muitas desestruturadas e, por este motivo, nem todos se prontificaram a serem voluntários neste processo. No entanto, grande parte da turma tem contato direto com a *internet*, principalmente através de celulares. Interagem através de leitura de mensagens curtas e abreviadas, porém, apresentam resistência às atividades de leitura e escrita na sala de aula. Destacamos que para a coleta dos questionários, tivemos a participação de dez alunos, já nas análises das postagens, tivemos apenas a participação de cinco alunos, e quanto às considerações sobre o processo interventivo somente três alunos, por consideramos uma amostra suficiente para a demonstração da interação. Todas as participações deles foram por decisão exclusivamente deles em colaborar a pesquisa.

Como estímulo para a participação dos alunos às atividades realizadas, foram atribuídas notas de desempenho para cada aluno e, desse modo, sendo utilizada como nota parcial que serviria para chegar até a nota final do bimestre. Com o uso das redes sociais em sala e a criação do grupo, e ainda a possibilidade de interagir com os colegas fora dos muros da escola, os alunos demonstraram muito ânimo e expectativa pelas etapas que viriam, com um grande interesse em colaborar. No entanto, no meio do caminho alguns não se manifestaram na fase de criação do grupo no *Facebook*, por motivos diversos, mas participaram das atividades realizadas em sala e, conforme suas participações, foi possível serem avaliados, para que assim tivessem suas notas para aquele bimestre.

Quanto aos instrumentos de pesquisa, utilizamos instrumentos de diversas naturezas como: questionário, observação com notas de campo. O questionário foi uma ferramenta de grande importância, pois permitiu que tivéssemos um significativo volume de informações necessárias para o desenvolvimento da pesquisa. O questionário que foi aplicado era composto de 14 questões objetivas e 2 abertas e com características afirmativas para facilitar as repostas dos participantes.

As questões objetivaram identificar o interesse do aluno e sua opinião sobre a ferramenta. A construção de uma intervenção nos levou a observar como os alunos se comportaram ao longo do processo, e para a coleta dos dados fizemos notas em um diário de campo, que foram de enorme valor para a percepção de como essa intervenção foi significativa para nosso estudo. Após longas conversas coletivas,

exploramos as normas de utilização e criação de um grupo no Facebook e, através deste, realizamos diversas atividades em sala que se estendiam ao grupo criado, num processo dialógico e construtivo. O grupo, ao longo do projeto, foi mantido atualizado e com participação permanente, servindo também para interação entre os alunos. Além disso, foi mantido o diário de campo para registro dos elementos relevantes e principais percepções acerca das etapas do trabalho.

Além disso, tivemos também como dados as postagens dos alunos no grupo do *facebook*. Assim, acreditamos que poderíamos dizer que o *facebook* funcionou como um instrumento (de pesquisa) que gerou dados a serem analisados. Todas essas ações foram feitas com o objetivo de fazer um levantamento quanto a percepção do projeto e avaliação, analisando o desenvolvimento do aluno e como o Facebook pode facilitar esse estudo.

3.2.3 Procedimentos de coleta e de análise dos dados

Numa pesquisa, o objetivo da construção dos dados é relatar a realidade em que se encontram os participantes. Através dessa construção é que produzimos os critérios e as variáveis dos dados, e, a partir deles, podemos direcionar nosso olhar crítico. Nossa investigação se deu através da aplicação de uma intervenção usando o facebook, de resoluções de atividades dirigidas em sala de aula e debatidas no grupo que foi criado no *Facebook*.

A aplicação do questionário se deu em sala de aula, em que apresentamos o instrumento e os alunos responderam e, em seguida, devolveram para a professora/pesquisadora. Por considerarmos que essa ferramenta digital, o *Facebook*, pode ser uma ferramenta pedagógica de grande utilidade, a qual possibilita a motivação do aluno em querer participar das discussões acerca dos assuntos vistos em sala de aula, propomos, primeiramente, a resolução do questionário para que verificássemos qual o interesse do aluno pela ferramenta e se ele tem intimidade com ela. Essa atividade teve por objetivo levantar um diagnóstico com a intenção de sabermos o perfil dos alunos pesquisados e qual a sua relação com o mundo virtual.

O referido questionário foi construído a partir de questões objetivas e abertas, no qual o aluno responderia 16 questões sobre seu uso e sua opinião sobre as redes sociais.

A aplicação de oficinas e a observação dos participantes foram feitas através de doze encontros. Em cada encontro, realizamos atividades envolvendo as tecnologias digitais, e em especial o facebook, tomando notas a cada situação vivenciada. Construímos de forma que fosse possível avaliar como uma nota da disciplina e que iria compor a média bimestral.

Para a realização da coleta dos dados, foram utilizados vários meios, cada instrumento utilizado teve o objetivo de enriquecer ainda mais a nossa pesquisa. Como afirma Gil (2002, p. 17), “[...] quando o pesquisador procura localizar os grupos adequados, procede a um trabalho de levantamento de dados dos sujeitos. Pode valer-se da observação de questionários, de entrevistas, e mesmo de registros documentais, quando estes são disponíveis”. Para tanto, pretendemos analisar primeiramente os dados ofertados pelo questionário inicial.

Os procedimentos de análise foram pautados nos dados coletados por meio dos instrumentos elencados. Inicialmente, os dados dos questionários, e depois apresentamos os dados da intervenção, as interações das oficinas. Por fim, discutimos as postagens dos alunos e os textos produzidos em sala de aula, fazendo uma triangulação de todos os dados coletados. Nossas categorias de análise são, portanto, as concepções dos alunos sobre a tecnologias digitais, o processo interventivo com seus desdobramentos de produção de textos, e a análise desses textos.

As postagens e comentários que foram analisados, tiveram seu aporte teórico baseado nos pressupostos teóricos de Marcuschi (2008), Kleiman (2004), Kock e Elias (2008) no que tange a compreensão textual. Para nos apoiarmos teoricamente sobre as tecnologias digitais e seus usos, tivemos o suporte de Recuero (2009), que aborda o sistema de funcionamento das redes sociais, Kenski (2013) e Rojo (2009) que, dentre outras coisas, discorrem sobre o surgimento das tecnologias digitais e a sua utilização de forma pedagógica. Em relação a análise das produções dos alunos (os resumos), nosso aporte teórico fundamenta-se nos estudos de Costa (2008) e Farias (2000).

3.3 Etapas da intervenção

A intervenção consistiu na aplicação de oficinas envolvendo textos, nos quais atividades foram postadas no grupo criado, além de uma apresentação de filme que culminou com as produções textuais dos alunos no grupo do *Facebook* e a produção final escrita feita em sala de aula. Nosso objetivo era investigar o *Facebook* como recurso pedagógico de ensino-aprendizagem no ensino da língua portuguesa, observando, assim, se os discentes têm autonomia suficiente para realizar estas atividades utilizando as redes sociais como uma ferramenta pedagógica eficiente.

Dessa forma, inicialmente expomos ao grupo o trabalho que seria realizado. Foi explicado como as redes sociais funcionam e como nós iríamos utilizá-las no nosso contexto pedagógico. Em seguida, foi feita a criação um grupo no *Facebook* para a realização de atividades fora da sala de aula, onde poderia haver debates, discussões, esclarecimento de dúvidas e respostas às perguntas que o pesquisador iria fazer.

Iniciamos as postagens no grupo após um debate em sala de aula sobre a ditadura, com apresentação de textos e músicas acerca do assunto, e então fizemos uma postagem teste. Essa atividade foi proposta para apresentar o grupo aos alunos e acostamá-los com as postagens e comentários, para que na atividade seguinte eles já soubessem como funcionaria na prática. Em seguida, foram realizadas oficinas em sala de aula para apresentação do gênero resumo aos alunos, sempre vinculando as atividades de sala ao grupo de estudo no *Facebook*.

Em seguida, após realizados os passos anteriores, foi exibido – em sala de aula – um filme com o título de: “Percy Jackson e o ladrão de raios”, com duração de 120 minutos. Os alunos, então, produziram um texto escrito contendo o resumo do filme e posteriormente o grupo do *Facebook* foi utilizado para debater acerca do assunto do filme. As atividades da apresentação do filme e produção textual foram aplicadas em quatro aulas de cinquenta minutos cada, tempo suficiente para que se completasse a tarefa.

O pesquisador teve a função de professor-mediador, no qual foi responsável pela interação e adaptação do conteúdo que foi solicitado. Todo esse processo foi visto de perto pelo pesquisador, desde a execução das tarefas pelos alunos até o resultado final em termos de geração de conhecimento para o processo de ensino e aprendizagem. O objetivo era utilizar o *Facebook*, de forma pedagógica, como

também a interação social – que poderia ser aproveitada para se construir um modelo de saber cooperativo e participativo – na medida em que os alunos poderão interagir publicando vídeos, textos e links, além de promover uma melhora na escrita dos alunos através da utilização do Gênero Textual. O professor acompanhou as discussões de forma a mediar qualquer conflito e conduzir o debate de forma sadia, além de esclarecer dúvidas e questionamentos que surgiram.

Certamente é do conhecimento de todos o quanto o uso das tecnologias digitais em sala de aula podem prejudicar o aproveitamento do aprendizado se não forem utilizadas de forma que contribuam para a produção do saber. Pensando nisso, poderemos incluí-las de forma que sejam úteis, inovando a prática docente e motivando o aluno a participar das situações criadas. Poderemos sair de um trabalho mecanizado e tradicional para uma prática diferente e inovadora, facilitando o interesse dos alunos pela disciplina.

Apresentamos, nesse momento, o nosso procedimento de intervenção, a saber: **oficina 1:** Apresentação da nossa proposta de trabalho para os alunos; **oficina 2:** Criação do Grupo no facebook e discussão sobre a dinâmica do trabalho no facebook; **oficina 3:** Realização de um estudo acerca das redes sociais dando ênfase ao Facebook, através de pesquisa e rodas de conversa; **oficina 4:** Discussão e esclarecimentos acerca do modo de funcionamento de um grupo no Facebook e de que maneira poderiam participar e comentar as postagens (sugestão da criação do grupo no Facebook para a turma, criação de perfil no site para os alunos que ainda não possuíam conta); **oficina 5:** Leitura em sala de aula e atividade no grupo - orientações para os comentários da postagem feita pelos alunos no grupo (os comentários deveriam ser sobre a discussão que tivemos em sala e as impressões causadas pela música apresentada); **oficina 6:** Discussão sobre as postagens postadas no grupo; **oficina 7:** Estudo do gênero Resumo - momento para apresentação e apropriação das características do gênero que seria trabalhado; **oficina 8:** Apresentação do filme e discussões sobre o filme pelos alunos e apresentação de suas impressões (no grupo), tais como: gênero do filme (lírico, humorístico, reflexivo etc.), produção, o público-alvo; **oficina 9:** Continuação da apresentação do filme e discussões; **oficina 10:** Debate em sala de aula sobre o filme e orientações sobre o grupo; **oficina 11:** Discussão sobre *post* e comentários sobre o filme no grupo do Facebook **oficina 12:** Realização de atividade proposta em

sala de aula após a apresentação do filme - produção de um resumo escrito em sala de aula;

Como podemos perceber, a intervenção teve como atividades oficinas, organizadas em torno da exposição e da criação do *facebook* para os participantes. Nosso foco era explorar o gênero textual resumo e a utilização do *facebook* como ferramenta de auxílio para o processo de ensino-aprendizagem.

CAPÍTULO 4: O FACEBOOK E O ENSINO DE LEITURA E DE PRODUÇÃO DE TEXTOS

Onde não há texto não há objeto de pesquisa e pensamento.

(BAKHTIN)

O presente capítulo apresentará a análise e interpretações feitas a partir dos dados coletados no plano de intervenção, e deste modo estabelecendo uma ligação entre teoria e prática. O nosso *corpus* foi composto pelos comentários nas postagens publicadas no grupo do *Facebook*, criado para a turma do 8º ano, um questionário inicial de reconhecimento e as produções textuais (resumos) produzidas por 5 sujeitos voluntários. Discutiremos acerca da análise relacionada à participação dos alunos nas atividades e o atendimento às características do gênero resumo.

4.1 Considerações dos alunos sobre o Facebook

Foi necessário realizar uma sondagem a respeito dos hábitos em relação ao uso da *internet* e redes sociais, devido a pesquisa tratar-se do uso de recursos tecnológicos e tecnologias digitais, para, dessa forma, termos uma melhor compreensão do perfil desses alunos. O questionário foi realizado com 10 alunos do oitavo ano, do Ensino Fundamental II, com idades entre 13 e 16 anos, contendo questões objetivas e dissertativas, para que fosse possível descobrir se os indivíduos teriam acesso à *internet* e se possuíam redes sociais.

Nas duas primeiras perguntas foram questionados aos participantes suas idades e gênero. Nas seguintes perguntas, foram questionados os interesses dos alunos nas redes sociais e a frequência com que navegavam. Para 100% dos entrevistados, as redes sociais são uma importante ferramenta de interação e

construção do conhecimento. E todos eles utilizam as redes sociais pelo menos uma vez por semana. A média de tempo gasto pelo grupo nas redes sociais é cerca de 8 horas diárias, sendo que 8 responderam até 8 horas diárias e apenas 2 utilizam acima de 8 horas.

As questões 7 e 8 indagam se os entrevistados possuem mais de uma rede social e qual sua preferida. Para 100% dos entrevistados, a utilização é feita por apenas uma rede social: o *Facebook*, que também corresponde à resposta da pergunta sobre a preferência.

Gráfico 1 – Acesso ao *Facebook*



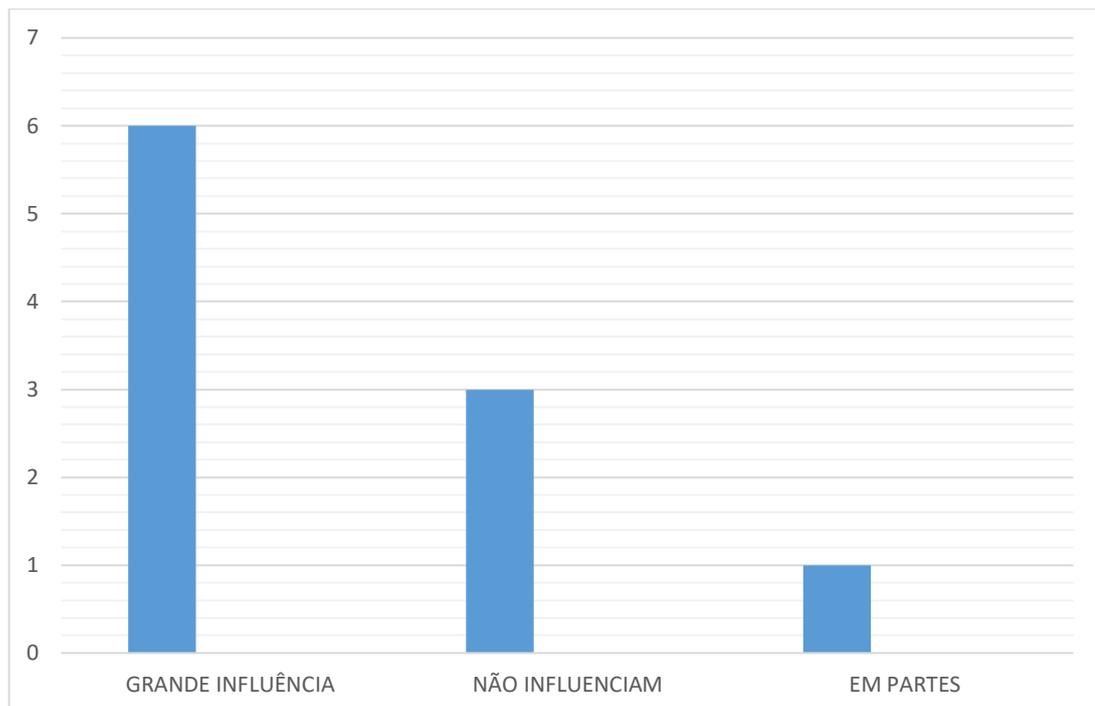
Fonte: autora

A resposta da questão sobre o acesso à internet, os dados nos mostram que os alunos costumam acessar a *internet* em casa (100%), e que desses 100%, apenas 20% utilizam no ambiente escolar. De acordo com Couto Júnior (2013, p. 51), “direta e indiretamente, os jovens estão conectados pelas redes sociais digitais que se formam a cada instante, criando vínculos sociais, interagindo e manipulando informações”. O contato com as tecnologias digitais é algo muito evidente. Os jovens passam grande parte do tempo conectado com as redes sociais, interagindo e tendo acesso às informações.

Em relação à opinião sobre a influência que as redes sociais têm na formação de opinião das pessoas, para 60% há grande influência, para 30% as redes sociais

não influenciam as opiniões, e 10% acreditam em parte que as opiniões das pessoas podem ser influenciadas pelas redes sociais.

Gráfico 2 – Respostas dos alunos quanto a influência das redes sociais



Referente a questão sobre a influência das redes sociais, para todos os entrevistados as redes sociais são úteis para serem utilizadas para lazer, entretenimento e comunicação. Para Matos (2003, p. 37), “a sociedade encontra-se na Era da informação e da comunicação. Era esta em que se é bombardeado diariamente por uma gama de informações provenientes dos mais diversificados meios de comunicação”. É a inserção das tecnologias digitais na vida das pessoas, influenciando efetivamente, como complementa Matos (2003, p. 37), “possuem o poder de manipular, ditar regras e padrões de comportamentos de uma forma tão eficaz que transformam a vida social e psicológica dos indivíduos”. A influência das tecnologias digitais no cotidiano das pessoas é algo evidente e de grande impacto nos comportamentos. A escola poderia aproveitar grande parte dessa disposição em usar e do conhecimento que envolve a esse engajamento. Em nossa pesquisa o objetivo é

exatamente esse discutir essa possibilidade. O que podemos perceber é que os alunos ainda não a utilizam de forma pedagógica como aporte para trabalhos escolares, de uma maneira significativa. Professores poderiam canalizar essa prática de interagir utilizando as tecnologias digitais de forma mais frequente. Isso pode viabilizar o desenvolvimento do ensino-aprendizagem. O próximo ponto é a frequência do acesso pelos participantes e os motivos pelos quais eles se conectam a internet. Isso mostra que realmente os alunos estão conectados com muita frequência para interagir em diferentes atividades. Por outro lado, é importante ressaltar o benefício que pode o uso das redes sociais podem trazer para a educação. De acordo com Alvarenga (2011, p.1), “[...] a sociedade encontra-se imersa em demandas que exigem o domínio de recursos tecnológicos e que isso pode favorecer o processo de ensinar e aprender, podendo ajudar a construir conhecimentos”. O que precisamos fazer é explorar esses recursos tecnológicos a favor da educação.

Tabela 1 – Frequência de acesso ao Facebook e motivos

FREQUÊNCIA DE ACESSO	NÚMERO DE ALUNOS	COMENTÁRIOS
Diariamente	07	<i>Al 1- Eu entro todos os dias no face para ver fotos e ler mensagem.</i> <i>Al 4 – Entro diariamente para me informar e me divertir.</i> <i>Al 5 – Diariamente para jogar.</i> <i>Al 6 –Gosto de entrar todos os dias no facebook.</i> <i>Al 7 – Se tiver internet entro sempre.</i> <i>Al 8 – Eu gosto de entrar todos os dias para falar com várias pessoas.</i> <i>Al 9 – Porque eu gosto de falar com meus amigos e fazer novos amigos.</i>
Dias alternados	02	<i>Al 3 – Quando tenho tempo.</i> <i>Al 10 – Quando a internet da minha casa tá boa eu entro.</i>
Uma vez por semana	01	<i>Al 2 – Não posso entrar sempre.</i>

Esses dados mostram que os alunos estão conectados com muita frequência às tecnologias digitais. Isso pode ser percebido como uma oportunidade de aproveitamento no âmbito do contexto de sala de aula pelo professor. Nessa perspectiva, conferimos que atualmente a maioria dos jovens fazem questão de

estarem conectados e a internet acaba sendo um meio rápido e fácil de comunicação entre professores e estudantes, exigindo assim, uma postura dinâmica de todos os participantes do processo de comunicação no que concerne à aprendizagem (MORAN, 2008).

Nas duas perguntas seguintes foram feitos questionamentos relativos ao uso das redes sociais para interação. Para 100% dos entrevistados, foi possível fazer amigos através das redes sociais, 30% já utilizaram o *Facebook* para namoros virtuais e reais, e 20 % responderam que não tiveram uma boa experiência. O questionamento dessa questão traz uma série de formas em que as pessoas podem ser prejudicadas pela exposição nas redes sociais, para todos há risco de divulgação de dados pessoais, distorção de fotos e invasão de privacidade. Com isso, podemos deduzir que os jovens têm conhecimentos acerca dos riscos envolvendo a *internet* e as redes sociais.

A pesquisa mostrou também que para 100% dos entrevistados as redes sociais são importantes para novas amizades. Já 70% acreditam que as redes sociais são úteis para troca de informações de forma rápida e fácil, pode-se inferir que eles utilizam para entrar em contato com outras pessoas da família, amigos e namorados. Segundo Couto Júnior (2013, p. 142), “é igualmente importante reconhecer que as dinâmicas das redes sociais da internet poderiam ensejar um novo olhar que contribuísse para se pensar educações na/com a cibercultura”. Desse modo, Couto Junior afirma ser necessária a inclusão e aceitação das novas tecnologias nos ambientes educacionais, para que a escola não fique fora da realidade de vivência dos estudantes ,pois nesse contexto em que vivemos, colocar as tecnologias em uso para a educação é algo fundamental.

A pergunta seguinte traz um dado curioso acerca da opinião dos alunos sobre o uso livre da *internet* na escola, para a maioria (60%), seu uso deve ser controlado, enquanto para 30%, a escola deveria aceitar o uso livremente e apenas 10% acredita que não seria interessante a possibilidade de se utilizar *internet* na sala de aula. Esse resultado nos causou admiração, pois esperávamos que a maioria preferisse o livre acesso à rede.

A última pergunta indaga se os alunos gostariam que mais professores utilizassem as redes sociais para atividades pedagógicas, 80% responderam que sim, 10 % disseram que não e 10% avaliou que tanto faz. Foi possível, assim, concluir que a nossa pesquisa poderia ser realizada em termos de viabilidade facilmente, já que

todos possuem *facebook* e participam ativamente dessa rede social. Para Couto Júnior (2013, p. 142), “o facebook se revela importante porque agrega dinâmicas comunicacionais que proporcionam aos professores e estudantes formas outras de tecer ‘teias complexas de relacionamento com o mundo’”. As dinâmicas do facebook podem ser úteis para a sala de aula, uma vez que carrega uma inter-relação com os participantes, de maneira efetiva, dinâmica e repleta de informatividade.

Em suma, acreditamos que as tecnologias digitais devem fazer parte do conjunto de ferramentas usadas pelos professores na sala de aula. A escola não pode estar longe da realidade vivida pelos alunos. Precisamos aproveitar todas as possibilidades de ampliação do ensino-aprendizagem. E o facebook pode muito auxiliar nesse processo, conectando os alunos à escola, ao professor, aos próprios colegas e ao conhecimento, tendo como objetivo maior a aprendizagem e a participação ativa dos alunos na construção do saber.

4.2 O facebook e o ensino de leitura e de escrita: a intervenção

No início da intervenção, a proposta dada aos alunos era que fizéssemos atividades extraclasse no grupo criado no *Facebook*. Ao observar o comportamento no mundo virtual, foi possível perceber o engajamento de todos, e que seria tranquilamente possível desenvolver aquela atividade. Embora as ações dessa fase não se tratem diretamente de aulas de produção de texto, acreditamos que se constituem valiosos objetos de análise e indicarão direções para a constituição de futuros planos de ensino. Para o início do projeto, nos reunimos e focamos em explicar aos alunos o que se tratava de um mestrado na Educação e sua finalidade para as aulas de Língua Portuguesa. Logo, construímos uma boa conversa baseada nos questionamentos dos educandos e suas reações diante do que estava sendo exposto.

Nessa etapa inicial, ajustamos o foco do que pretendia-se pesquisar e os alunos foram demonstrando interesse e curiosidade, tanto no que tange às ações do projeto em si, quanto à forma como as aulas seriam “diferentes”. O fato de poder usar o celular na aula e poder manter o contato fora da escola, através do grupo, pareceu causar motivação e, para resolver a questão de quem não podia ter *facebook*, seja por dificuldades pessoais, seja por proibição dos pais, os próprios alunos se

voluntariaram; assim os que poderiam participar iriam ter suas notas do bimestre atreladas a esta atividade. Essas vozes soaram de forma prazerosa, como uma recepção acolhedora e cheia de simbolismos. O otimismo nessa fase não traz ilusões, pois seria ingênuo achar que as dificuldades do contexto da sala de aula não seriam um desafio a cada dia. O fato é que essa conversa foi bastante proveitosa para “preparar o terreno” para que os alunos iniciassem as atividades no grupo que foi criado. Assim, as descrições das interações ocorridas, nesse processo interventivo de sala de aula, tiveram como foco o uso do facebook para explorar a leitura e a produção de textos. Como já explicitado anteriormente, iniciamos a **oficina 1** com o debate acerca das tecnologias digitais e a criação do grupo no *Facebook*.



Após isso, na **oficina 2**, realizamos atividades em que as respostas deveriam ser postadas no grupo. Na sequência, na **oficina 3**, expusemos sobre as redes sociais. Foi um encontro para discutirmos sobre as redes sociais, ressaltando: relevância, funcionalidade (inclusive na educação), linguagem usada. **Na oficina 4**, fizemos uma discussão sobre a eficiência comunicativa das postagens e avaliamos as atividades do grupo, por meio das postagens. Foi uma experiência muito interativa com os alunos.

De acordo com os PCN (BRASIL, 1997, p. 30), “cabe a escola viabilizar o acesso do aluno ao universo dos textos que circulam socialmente, ensinar a produzi-los e a interpretá-los”. Essa questão de fornecer aos alunos o conhecimento sobre os gêneros que circulam é um aspecto fundamental segundo os PCN. Assim, fizemos

essa atividade inicial considerando a exposição ao gênero resumo. Para que isso acontecesse, apresentamos a proposta de trabalho que iríamos desenvolver em conjunto na sala de aula. As atividades que se seguiram foram executadas com muita empolgação. A todo instante, relacionávamos as tarefas presenciais com as tarefas virtuais, na medida que executávamos o projeto interventivo.

OFICINA 5 - Leitura em sala e atividade no grupo

Nessa oficina, foi distribuído aos alunos um texto que continha uma música do cantor Belchior- Pequeno mapa do tempo. Ouvimos a música acompanhando pela letra que foi entregue e depois realizamos um debate sobre a interpretação da letra e sua significação na história do país. Após o debate, encerramos a aula e foi informado que a atividade continuaria no grupo do *Facebook*. **Alguns estudantes estavam mais descontraídos e pareciam empolgados para usar a ferramenta digital** de forma pedagógica.

OFICINA 6 - Atividade postada no grupo

Nessa oficina, discutimos acerca dos comentários na postagem feita por mim, em que os alunos deveriam comentar a respeito do que a letra da música estudada na aula anterior queria dizer. Foi feito mais alguns esclarecimentos e mais uma vez, resaltei a importância do cumprimento dos prazos. **Os alunos interagiram muito positivamente.**

OFICINA 7 - Estudo do gênero: Resumo

Apresentamos aos alunos, através de um texto, informações sobre o gênero discursivo que irão produzir após a apresentação do filme. Os alunos ficaram curiosos acerca do filme que seria apresentado. Fizeram perguntas, através de um debate, levamos essa discussão para o grupo como tarefa de casa. Causou-me uma feliz surpresa perceber que **alunos que não costumavam participar das aulas, começaram a interagir e comentar no grupo.**

Nessa oficina, apresentamos o gênero resumo e a situação de produção textual para que os alunos pudessem utilizar seu conhecimento prévio ou ampliar seus conhecimentos já adquiridos em relação a esse gênero. Para Costa (2008, p.160) resumo é "uma apresentação abreviada de um texto, conteúdo de livro, peça teatral, argumento de filme etc". Em nosso planejamento interventivo, era importante deixar claro o conceito e as características do gênero trabalhado.

Em se tratando do conhecimento sobre gêneros, nesse momento, fizemos uma discussão sobre o gênero trabalhado no projeto: Resumo. Uma vez questionados se sabiam o que é um resumo, os alunos, aos poucos, foram se manifestando,

verbalizando suas ideias a respeito do que se tratava este gênero. Em seguida, foi questionado onde é usado um resumo e qual sua função. Os alunos refletiram se poderiam encontrar um resumo “na caixa de remédio”, com isso retomamos uma nova discussão acerca da funcionalidade do gênero e do texto que o compõe.

O objetivo desses questionamentos e das discussões era levar o aluno a refletir sobre a função social do resumo, nesse momento, os alunos manifestaram-se com diversas opiniões e exemplos. Em seguida, foram expostos aos alunos, textos onde eles poderiam identificar as características do gênero. Após cerca de quinze minutos de leitura, fizemos um círculo e os alunos responderam quais as características que eles encontraram e qual a função que pensam ter este gênero. Retomado o debate, os alunos se manifestaram em suas conclusões e após os depoimentos dos discentes o professor retomou a questão sobre a função do gênero e a turma, em geral, concebeu o seguinte: “o resumo serve para falar objetivamente de algo, fazer um breve e objetivo texto sobre algo”. Apontaram que o resumo não apresentava um posicionamento crítico do autor sobre a obra, além de que, constataram que a função deste gênero é revelar detalhes importantes do enredo.

A seleção de informações sobre as características do gênero também foram foco de nossa discussão levantada. Os alunos observaram que ao criarem um resumo, devem selecionar determinadas palavras, pois palavras pouco corriqueiras, não comum aos expectadores em geral, não seriam bem recebidas, correndo o risco de afastar o interesse do leitor. Para isso, o autor de um Resumo deve enquadrar o nível da linguagem textual utilizado a quem irá receber o texto, aproximando o expectador da obra. O tempo esgotou e a atividade foi interrompida, todavia os alunos foram orientados a continuarem o exercício e refazerem a leitura em casa, afim de que anotassem as principais dúvidas e tomassem nota de mais algumas características que eles achassem relevantes.

Selecionamos também uma série de textos referentes ao filme que iria ser apresentado. Os textos foram utilizados com o objetivo de melhorar a compreensão da leitura e para que eles vissem como é feita uma resenha/sinopse. Apresentamos também a capa do filme para que os alunos se familiarizassem e descrevessem o que viam. Esse processo foi um momento de muita interação, pois os alunos se interessaram na tarefa que iria se desenvolver com o uso de tecnologias digitais, a saber assistir a um filme.

Figura 5 – Percy Jackson e o Ladrão de Raios



Com essas atividades de leitura, foi possível o reconhecimento do gênero resumo. De tal modo, cumprimos nosso objetivo inicial na qual ambicionava-se uma turma que fosse se apossando de conhecimentos para que, a partir disso, após a apresentação do filme, pudessem empregar o que aprenderam em suas produções finais. A relação da leitura com a produção de textos é um fundamento que tentamos levar para os alunos através das atividades propostas. Reconhecemos como afirma Freire (2001, p. 66) que “nunca foi possível separar a leitura das palavras da leitura do mundo. Segundo, também não era possível separar a leitura do mundo da escrita do mundo”. A fala do autor reforça essa concepção de interação entre leitura e escrita. Nosso objetivo foi por meio dessa abordagem preparar os alunos para a leitura e para a produção do gênero resumo. As etapas que se seguiram foram destinadas à apresentação e discussão do filme em sala de aula, momentos esses de grande interação.

OFICINA 8 - Apresentação do filme: Percy Jackson e o ladrão de raios.

Nesse oitavo encontro, iniciamos a apresentação do filme. Durou a aula toda e não foi possível finalizar. No entanto, destacamos a participação ativa dos alunos frente essa tarefa.

OFICINA 9 - Continuação da apresentação do filme: Percy Jackson e o ladrão de raios.

Nessa aula, continuamos a apresentação do filme de onde paramos na aula anterior. A atividade continuou com o mesmo engajamento dos alunos. Sempre seguida de discussões pelos alunos.

OFICINA 10 - Debate sobre o filme

Nesse encontro, iniciamos um debate acerca do filme assistido. Os alunos expuseram o que acharam e fizeram observações sobre o filme. A interação foi bastante proveitosa. Algo já antevendo a continuidade no facebook. O objetivo era exatamente esse propiciar uma motivação para a discussão no grupo do facebook.

Após a apresentação do tipo de gênero que iríamos trabalhar, partimos para a ação: a apresentação do filme. Para isso, foi informado aos alunos detalhadamente o que iríamos fazer a partir das seguintes atividades: apresentação do filme; debate. Na sequência no seguinte roteiro: a apresentação do filme; debates sobre o filme e os textos discutidos; postagens das opiniões sobre o filme e sobre o texto no grupo do facebook; exploração da intertextualidade presente no filme; exercícios de prática de escrita do gênero resumo, onde os alunos teriam que colocar em prática os conhecimentos discutidos. Nas duas últimas oficinas, encaminhamos atividades que seriam realizadas no grupo e na sala de aula.

OFICINA 11 - Post e comentários sobre o filme no grupo do Facebook

Nessa oficina, combinamos de fazer uma postagem explorando a opinião dos alunos sobre o filme que assistiram. Seria um exercício antes de produzirem atividade final escrita. Discutimos regras e prazos e os alunos concordaram com as solicitações.

OFICINA 12 - Produção de um resumo

Nessa oficina, os alunos fizeram uma produção textual em sala de aula. Produziram um resumo sobre o filme assistido nas aulas anteriores, baseado nos estudos discutidos em sala e nas postagens feitas no grupo. **Os alunos demonstraram menos interesse nessa atividade do que nas feitas no grupo do Facebook.**

Um aspecto que chama a atenção é o interesse dos alunos em participar em atividades virtuais. Reconhecemos, assim, a relevância do uso das tecnologias digitais na sala de aula. Nesse processo interventivo, ficou clara a motivação e engajamento mostrados pelos alunos nas atividades realizadas com o uso do facebook. Obviamente, não é algo que surge como algo que pode solucionar os problemas da educação, mas, sem dúvida pode muito auxiliar a escola a se aproximar da realidade dos alunos. Nessa perspectiva, compreendemos que a prática de leitura e de produção textual, na escola, ainda não são atividades que estão tão presentes como deveriam. Assim, sendo importante, sempre buscar a motivação nos alunos, para que tenham o interesse na leitura, inclusive fora da sala de aula.

4.3 Interação dos alunos no grupo do facebook

A primeira postagem no grupo foi a continuação de uma atividade realizada em sala de aula, apenas para testar a participação dos alunos: como iria funcionar e o que seria preciso ajustar. A atividade em sala de aula consistiu na leitura e na produção de textos que falavam acerca do período da ditadura no Brasil. Com essa atividade, foi realizada a exploração da leitura e da produção de textos utilizando as tecnologias digitais, o facebook especificamente.

É interessante destacar que as postagens dos participantes da pesquisa tiveram como objetivo a interação de compreensão leitora e de produção de textos. Esse aspecto é um traço discursivo do uso da linguagem ressaltado com a utilização do facebook. Segundo Marcuschi (2008, p. 77), “um dos aspectos centrais no processo interlocutivo é a relação dos indivíduos entre si e com a situação discursiva. Estes aspectos vão exigir dos falantes e escritores que se preocupem em articular conjuntamente seus textos”. Vemos, nesse estudo, o engajamento da professora e dos participantes em interagir por meio das tecnologias digitais, produzindo sentidos através da leitura e da produção de textos.

Assim, após um debate sobre o assunto, fazendo uma interdisciplinaridade com a disciplina história, os alunos foram para o grupo do *Facebook* e a professora postou a letra de uma música e um vídeo do cantor Belchior chamada “Pequeno mapa do tempo”. Nessa atividade os alunos deveriam ouvir a música e ler a letra, em seguida

ver as semelhanças com o que foi discutido em sala e fazer sua análise explicado o que entendeu. Após produzirem o determinado texto deveriam publicar em forma de comentário na postagem feita. A atividade foi realizada, como mostra os *prints*:

Figura 3 – Post da pesquisadora

← Pesquisar em Grupo de estudo- Lí...

PUBLICAÇÕES FOTOS EVENTOS ARQUIVOS

 **Renata Freitas** compartilhou um link. ⌵
2 de mai às 21:17 • 🌐

Boa noite, turma!
Como combinamos na aula de hoje, faremos a atividade extra aqui no grupo.
Conforme o que discutimos em sala, gostaria que vocês escutassem a música no link abaixo. Irei postar a letra também.
A música é uma composição de um dos mais conceituados artistas brasileiro, que nos deixou recentemente.

BELCHIOR E A DITADURA
... Continuar lendo

 **Pequeno Mapa do Tempo - Belchior...**
Uma das melhores músicas de Belchior, em minha opinião.
youtube.com

👍❤️😞 Valdirane Alves e outras 9 pessoas 28 comentários

👍 Curtir Comentar ➦ Compartilhar

Figura 4 – “Grupo de estudo: Língua Portuguesa - 8º ano”



Apesar da atividade ter sido realizada com sucesso pelos voluntários, não houve grande participação da maioria da turma. Dos trinta alunos, apenas dezessete fizeram comentários. Ao analisarmos os comentários dessa primeira postagem, percebemos que os comentários possuem indício de autoria, contendo abreviações típicas da linguagem informal da *internet*, como também, erros básicos de ortografia, como podemos identificar nos exemplos. No entanto, podemos perceber uma construção de sentidos, dentro do tema proposto pela professora, uma interação

discursiva significativa, como diz Marcuschi (2008, p. 77), “o texto acha-se construído na perspectiva da enunciação. E os processos enunciativos não são simples nem obedecem a regras fixas”. O efeito da sócio-interação é fortemente enunciativo, produzindo crenças, opiniões e conhecimento.

A1: Ele **tem medo dessas pessoas que apoiam a ditadura**, fala muito explícito, da ditadura do que vivemos em mundo real o que acontece com o nosso país ou com a sociedade.

A2: Eu acho que ele queria passar a mensagem que ele tem medo de sair do lugar dele, ele tinha medo do que os outros iriam pensar dele, ele tinha medo de ser punido, já que no caso **falam na ditadura que se você não obedecer ao que a lei lhe opõe, você é punido severamente** levando até a morte. Ele menciona isso quando diz que tem medo de sair do lugar dele e que tem medo dos outros estados.

A3: A música fala que **Ele tem medo de sair por causa da ditadura milita** assim que quase ninguém pode decidir suas próprias decisões, ele tinha medo de sair do lugar dele pelas punições ele tinha medo de até abrir a sua porta, porque na aquela época da ditadura militar você de qualquer jeito estava errado, não podia trabalhar do que você queria tinha que ser do que eles queriam e se negasse era punição na certa e essas punições poderiam leva a morte. Em fim a música se trata sobre a ditadura militar onde as pessoas nunca tem razão a não ser eles. ”

A4: Ele tem medo do que as pessoas pensam dele, ele tem medo, com a situação da política e dos estados, **ele tem medo da ditadura**, ele tem medo, ele tem medo de ser criticado pelas leis do estado. O medo anda por dentro do meu coração, ele tem medo de que chegue a hora em que ele precise entrar no avião.

A5: Com eu vejo a música: “Pequeno Mapa do Tempo”. Essa música mostra explicitamente o medo que aquela sociedade que viveu na ditadura tinha. A principal frase da música é “eu tenho medo”, mostrando sim o triste **medo que Belchior, tinha da ditadura**. A música é bem clara e espoe o medo de Belchior, por isso foi censurada, ela fala: “eu tenho medo de estar por fora”, “eu tenho abrir a porta”, assim essa música mostra simplesmente e explicitamente, o medo que Belchior tinha do triste tempo da ditadura.

Como foi possível observar, os alunos prenderam-se às suas impressões pessoais acerca do vídeo exibido e do assunto nele tratado, mas também, podemos concluir que alguns pesquisaram o significado do tema tratado e expuseram junto com sua opinião. Podemos perceber que os cinco alunos participantes interagem de maneira discursiva, mostrando sua interpretação sobre o texto, uma compreensão leitora acerca do conteúdo da música. E ao mesmo tempo produzem textos revelando suas percepções do tema abordado na música. Essa é uma forma de construir a linguagem, expondo as compreensões sobre determinado tema nos meios digitais.

Segundo esse aspecto discursivo da linguagem, Solé (1998, p. 117), “ler é um procedimento, e se consegue ter acesso ao domínio dos procedimentos através da sua exercitação compreensiva”. Essa tarefa realizada pelos participantes constitui-se como um exercício de compreensão.

A compreensão dos alunos sobre o texto é forte em reconhecer que o autor tem medo da ditadura militar. Os motivos são diversos, a censura, as leis severas, a (in)justiça, a punição. A representação do medo é evidente na compreensão de todos os participantes. Nesse contexto, através das tecnologias digitais é estabelecida uma interação discursiva. Como diz Alvarenga (2011, p.1), “a sociedade encontra-se imersa em demandas que exigem o domínio de recursos tecnológicos e que isso pode favorecer o processo de ensinar e aprender, podendo ajudar a construir conhecimentos”. São as tecnologias digitais favorecendo o ensino-aprendizagem. O processo interativo apresentado, nessas postagens denotam um engajamento tecnológico e discursivo com enorme valor educacional. É o uso das tecnologias digitais em favor da sala de aula, da escola e do conhecimento.

A interação seguinte foi estimulada pela apresentação do filme Percy Jackson. Ao iniciarmos essa atividade da apresentação do filme, informamos ser necessário os alunos debater suas opiniões no grupo que havia sido criado para a interação da turma. Nesse passo, percebemos um maior número de acesso às postagens e, que apesar dos alunos terem rotineiramente problemas com acesso à *internet*, houve um esforço para que a atividade fosse realizada com êxito. Centramos o olhar nas respostas dadas na postagem sobre o filme e as respostas dadas pelos alunos. Quanto a esse aspecto, da escrita, a experiência nas aulas anteriores sinaliza que há muito ainda a ser feito para que os alunos, em sua maioria, coloquem-se criticamente diante da esfera discursiva.

Apesar de poucos comentários na postagem em questão, todos os cinco sujeitos estudados participaram. Contudo, fizemos uma reflexão sobre a baixa adesão de respostas no grupo e, ao refletirmos isso, alguns alunos alegaram sobre suas limitações com o acesso à *internet*. A atividade a ser respondida no grupo foi a seguinte:

Figura 6 – Atividade criada no grupo

Bom dia, turma!
 Gostaria de fazer algumas questões a vcs sobre o filme que assistimos na escola. Ao final vcs podem sugerir o próximo filme do nosso cinema cultural!!
 Bju grande!

Respondam com as próprias palavras, não copiem do colega. Podem responder tudo como um texto ou em tópicos. E fiquem à vontade para interagir com os colegas e suas respostas, acrescentando, debatendo e opinando.

- Qual foi a cena que você mais gostou no filme? Descreva-a com detalhes e justifique a sua escolha.

- Qual foi o personagem que você mais gostou no filme? Descreva-o com detalhes e justifique a sua escolha.

- No filme há o uso de elementos da mitologia grega misturado a situações dos dias atuais, o que você achou disto? Explique a sua resposta.

- Havia alguma história ou personagem da mitologia que você já conhecia? Qual era? Era do modo como você imaginava?

    William Negreiros e outras 11 pessoas

 Escreva um comentário...  

Ao pensar numa postagem que pudesse fazer os alunos explanarem sua visão acerca do filme, sugeri que no grupo eles pudessem expor de forma informal, como uma conversa que estivessem tendo com seus amigos. As respostas dos alunos avaliados foram:

A1: Na minha opinião, a melhor parte do filme é quando Percy Jackson, e seu dois amigos (Grover e Annabeth) estão a procura da primeira pérola de Perséfone, para resgatar a sua mãe (Sally Jackson). Foram ao lugar determinado pelo mapa, mas se encontraram com a Medusa, que tenta usar da sua astúcia para os transformar em estátua de pedra. Eu gostei dessa parte pois retrata como a curiosidade leva a consequências drásticas! Annabeth Chase. Ela é filha da deusa Atena, que segue Percy Jackson no resgate de Sally. Eu gostei dessa personagem pois ela é perseverante nos seus objetivos e, não desiste. Eu gostei pois de certa forma podemos entender melhor a história da mitologia. E também podemos entender a conduta dos deuses em relação a seus filhos.

A2: A cena que mais gostei foi quando Percy Jackson degolar a cabeça da Medusa. A personagem que eu gostei. Foi Annabeth por ela ser muito linda e bastante inteligente e forte em batalhas. Sobre alguns coisas do filme eu achei mentirosa pq metade homen metade cavalo. o outro era metade carneiro kk em fim sobre está parte totalmente mentirosa. Eu não conhecia a história não mais eu joguei um jogo que tinha uma personagem que era medusa ela vazia exatamente que fazia no filme transformava as pessoas em pedras. Sobre o filme foi ótimo.

A3: A cena que eu mais gostei do filme foi quando o Percy luta com a Annabeth ele já não tinha mais força pra batalha era o fim já mais quando ele toca na água e sai batendo em todo mundo e pega a badeira hehehe. O personagem que eu mais gostei foi o Percy por que ele é um guerreiro muito bom que lutar para salvar sua mãe. Eu gostei por que a gente aprende muitas coisas da mitologia grega. E foi bem legal. #aprendermais... Eu já assisti um filme que tinha vários deuses pensei que eles fossem diferentes mais são muito estranhos.

A4: A parte que eu mais gostei foi quando eles recuperaram o raio pq além de ter uma luta épica eles conseguiriam conversar com os pais deles. O personagem que eu mais gostei foi o próprio Percy Jackson pq além de ser bastante confiante é corajoso ele tbm é muito bondoso e gentil. Eu conhecia a Medusa, sempre imaginei ela um monstro feio e cruel e no filme ela não é basicamente "feia".

A5: A cena que eu mais gostei foi quando o Percy Jackson luta com Annabeth, porque ela estava ganhando a luta para conseguir a bandeira pois estava machucando Percy, ele já não tinha mais força para lutar mais foi só ele pegar na água que criou força e conseguiu vencer a luta. O personagem que eu mais gostei foi o Percy Jackson, porque ele é guerreiro e não desistiu de salvar sua mãe. Eu gostei, porque ensina muitas coisas sobre a mitologia. E também podemos entender a conduta dos deuses em relação as coisas pessoais (os filhos).

Como podemos perceber, os alunos postaram seus olhares em relação ao filme, dando suas opiniões pessoais e revelando o engajamento na atividade proposta. A nosso ver, as tecnologias digitais podem motivar os alunos a se envolverem com os conteúdos das aulas, explorando a leitura e a produção de textos significativos. Verificou-se ainda, com isso, que os mesmos utilizaram da linguagem informal, já conhecida na *internet*, com "emojis" e abreviações não reconhecidas pela

norma culta. Em um primeiro olhar, ressaltou-se que causou incômodo a morosidade com a qual eles respondiam as postagens, o que poderia causar atraso em todo processo, além de não haver alimentação da página, que pelo que foi combinado, deveria ser uma atividade dinâmica.

Desse modo, conclui-se que não foi possível motivar os alunos do referido grupo a buscar participar mais que, além disso, houve limitações diárias referente às suas condições sociais. Embora tivesse sugerido que a linguagem usada no grupo fosse a mesma que eles usam em outros momentos na *internet*, percebeu-se que, para a fase do texto escrito precisariam de uma maior orientação, mas devido ao pouco tempo, não foi possível fazer dentro do programado; logo, o tempo foi estendido, para que as produções escritas no gênero resumo pudessem ser realizadas na sala.

Sobre a escrita, Antunes (2003) afirma que: “A escrita compreende etapas distintas e integradas de realização (planejamento, operação e revisão), as quais, por sua vez, implicam da parte de quem escreve uma série de decisões”. Com isso, o processo de escrever um texto para ser publicado pede intervenções, e elas devem gerar resultados com aspectos relevantes, tanto para o professor em sua relação com o aluno, como também, para a relação autor/texto e a formação do sujeito autor.

É importante ressaltar que, como se sabe, a vida do professor é rotineiramente corrida e, neste trabalho, não conseguimos tanto êxito quanto esperava-se na qualidade das produções textuais, no intuito de possibilitar aos alunos uma capacidade melhor de análise e pesquisa. E, enquanto pesquisadora, ao lançar o olhar sobre os fatos, considero que teria sido mais adequado se a escola tivesse condições para fornecer ao aluno ferramentas para desenvolver essa atividade, assim ele não teria que depender de sua situação social e financeira.

No entanto, posso dizer que essa fase foi exitosa em relação a muitos aspectos de diversas natureza que contribuíram para chegarmos ao objetivo final de formação do aluno autor. Pude perceber uma maior participação de alunos, que em aulas tradicionais não costumavam interagir. Foi possível afirmar que essa energia motivadora de interagir “pós sala” gerou muitas surpresas agradáveis, como ações autoras em alunos que não se percebia ter desenvolvido essa habilidade.

Outro aspecto fundamental foi verificar o amadurecimento em relação à produção dos textos escritos no grupo e, posteriormente, em sala de aula percebemos

a mudança de atitude ao escrever textos que serão lidos na *internet* e textos que serão colocados no papel.

Todos esses aspectos mencionados ratificam minhas afirmações em relação a importância de a escola inserir ferramentas e oportunidades de interação entre os alunos e a sala de aula, ou seja, para que seja mais ativo a interlocução desses leitores reais em nossa prática docente.

A *internet* tem o potencial de gerar instrumentos para as nossas práticas, assim, ela se torna ainda mais essencial nas nossas lutas diárias. Para isso, devemos buscar e ensinar aos alunos a utilizá-la de forma que traga qualidade, não só para entretenimento, mas também na busca e ampliação do conhecimento. E enquanto escola e sociedade, devemos torná-la acessível às classes menos favorecidas.

Ao afirmar, neste estudo, as motivações pela qual decidi fazer esta pesquisa, pensando que conhecia meus alunos, fiz pressupostos baseados em presunções que, após a pesquisa, precisam ser revistas. Sempre achei que meus alunos estavam imersos nas tecnologias, participando de inúmeras redes sociais, publicando e expondo as suas ideias, portanto, sendo protagonista de suas histórias, eu considerava apenas um lado da questão: o tempo no qual, na nossa percepção, os alunos estão usando tais tecnologias.

No início desta pesquisa eu não tinha a dimensão em relação a este assunto, entretanto, os resultados da pesquisa permitiram que eu ampliasse minha visão sobre a questão e ponderasse afirmações que eu tinha anteriormente. Obviamente há uma tendência à imersão nas tecnologias e o uso de suas ferramentas para expormos nossas ideias; ter um smartphone ou um computador disponível não significa que serão utilizadas todas as possibilidades de uso dessas ferramentas.

Percebeu-se também que, no universo dos alunos observados, existe uma grande tendência ao compartilhamento de assuntos sem muitas reflexões, e eles usam, principalmente, essa linguagem para a comunicação entre amigos. Portanto, essa realidade é ainda uma novidade para os jovens, sobretudo, para aqueles oriundos das classes menos favorecidas, que tem sua participação nesse “novo mundo”, limitada ao pacote de dados que sua condição econômica permite. Posso dizer que os jovens não dominam e nem conhecem as diversas possibilidades de protagonizar sua história através dessas ferramentas.

Assim, chamo atenção para o quão perigoso é fazer considerações baseadas em pressuposições, uma vez que, limitadas de análise, podem contribuir para nos

levar a uma falsa conclusão, pois a realidade ainda é que o acesso às ferramentas digitais ainda é deficiente no que diz respeito à democratização e à apropriação das diversas possibilidades oferecidas pelas ferramentas digitais, para alunos e professores, na formação do sujeito.

Devemos permanecer alertas, também, para a formação crítica do sujeito que, muitas vezes é colocada apenas como responsabilidade da escola, isentando a sociedade dessa obrigação. Com isso quero dizer que é preciso que nós, enquanto educadores, lutemos para termos condições tecnológicas de qualidade dentro das escolas, para desenvolvermos projetos de ensino que atendam os objetivos educacionais, sociais e humanos. Nessa perspectiva, saliento que é muito importante que a comunidade escolar possa contar com as possibilidades que os ambientes e ferramentas digitais oferecem, contribuindo, desse modo, para a formação humana de nossos alunos.

4.4 Análise dos textos produzidos na sala

Em consideração aos conhecimentos adquiridos na construção do saber sobre o gênero resumo do filme, os resultados se apresentam de forma positiva, reafirmando nossa primeira impressão quanto à introdução do *Facebook* como ferramenta de apoio ao professor, uma aliada na árdua luta para conquistar o interesse dos alunos.

Conforme verificamos, todos os alunos conseguiram identificar o gênero envolvido na produção textual. Com isso, a atividade mostra que suas capacidades de linguagem referentes ao gênero foram favorecidas, já que, inicialmente, identificou-se uma certa confusão desses alunos com o gênero resumo e resenha. Os alunos participantes conseguiram identificar os possíveis locutores e interlocutores e ainda foi possível afirmar que 50% deles identificaram o contexto de produção textual e sua intertextualidade com a história Grega.

Ressaltamos que 100% dos alunos avaliados perceberam a finalidade do gênero e conseguiram perceber seu objetivo final e funções sociais representadas nos personagens, além de elaborarem através das imagens assistidas a relação contextual com a história contada no filme. O enredo foi identificado e a caracterização dos personagens foram feitas de forma adequada, exigida para a estrutura do gênero.

Além disso, 80% organizaram o texto conforme uma ordem cronológica de acordo com os fatos, e 100% dos avaliados fizeram uma escolha lexical apropriada ao gênero, conforme a situação de comunicação exigida. Todos os alunos elaboraram seus textos conforme a temática que foi solicitada.

Quanto ao levantamento das opiniões, nenhum aluno fez em seu texto alguma crítica negativa em relação ao filme, mantendo a descrição da história e dos personagens. Pudemos perceber que as atividades feitas no grupo incentivaram a escrita dos alunos em sala, tanto na participação quanto na forma com que descreveram o filme, e baseando-se também no que foi discutido no grupo.

Verificamos também que nos textos escritos 80% fizeram uso dos tempos verbais adequados, além de preservarem a revisão textual e seus aspectos discursivos. De modo geral, é possível afirmar que os alunos conseguiram identificar e aprender sobre os elementos do gênero estudado, assim como conseguiram ter relação com a estrutura do texto, usando os mecanismos adequados de textualização.

Nessa perspectiva, é correto afirmar que a grande maioria dos alunos alcançou o domínio das capacidades necessárias para a escrita do gênero, utilizando-se de mecanismos de linguagem, comprovando assim que é totalmente possível a utilização de redes sociais para o incentivo da leitura e escrita na escola. No entanto, reconhecemos que existe um longo caminho a trilhar para que as práticas pedagógicas em sala de aula estejam alinhadas ao uso de ferramentas tecnológicas, mas que, diante dos resultados mencionados acima, é possível concluir que o trabalho em conjunto com o *Facebook* foi bastante produtivo, ativando a curiosidade dos alunos e saindo da rotina escolar.

4.5 Concepções de alunos sobre o uso das redes sociais na sala de aula

Em um determinado momento de discussão informal em sala, debatemos com alguns alunos sobre o que acharam da nova experiência de introduzir mídias sociais às nossas aulas. As falas dos alunos destacaram a interação entre autor e leitor nas redes sociais, a aprendizagem no grupo e a Aprendizagem quanto ao uso das ferramentas tecnológicas.

A1: Adorei ter como atividade entrar na internet. Aprendi que a escrita pela internet é menos elaborada do que na escola e que devemos ter cuidado com o que postar nas redes sociais. Com essas aulas aprendi a ter habilidades de escrita no Facebook. Aprendi a escrever textos mais interativos. Aprendi a organizar meu horário para responder as postagens dos meus colegas e professora... Aprendi que é melhor a internet do que a escola.... Brincadeira, aprendi que escrever necessita muita dedicação e criatividade. E que **podemos nos aproximar mais da escola fora dela também.**

A motivação dos alunos para participar das atividades é algo que deve ser ressaltado. Isso foi conquistado por valorizarmos o mundo externo a escola, como destacou o aluno 1. Nessa categoria, damos atenção ao início da percepção pelo aluno, de seu papel como um dos atores participantes da rede social (RECUERO, 2007) que, para criar os laços sociais por meio do *Facebook*, faz uma reflexão acerca do que escreve.

A2: Foi muito prazeroso escrever e aprender em grupo. Aprendi que podemos deixar as coisas da escola divertidas. **Que podemos usar o facebook como ferramenta de estudo.** Aprendi a colaborar mais com os outros. Eu gostei de participar mais do grupo e discutir ideias com os amigos.

Observamos o reconhecimento do aluno 2 e usar as redes sociais com fins de estudo. Sem dúvida, esse depoimento é um aspecto importante, pois os alunos estão acostumados ao uso das tecnologias digitais para outras finalidades. Mesmo se os objetivos específicos desta pesquisa não fossem diretamente relacionados à produção em grupo, mas sim na questão da aprendizagem, foi pertinente constatarmos que a escolha dessa estratégia de organização dos alunos foi responsável por um forte impacto no processo de ensino e aprendizagem, nas produções finais e, principalmente, na formação dos alunos enquanto cidadãos e suas percepções sobre eles mesmos.

Nessa perspectiva, esse fato reforça a minha posição inicial de que trabalhar com redes sociais ajudaria, também, nas relações humanas dentro da escola, através de projetos que promovam reais situações de interação e diálogo, pois desse modo, a contribuição para a formação cidadã pode ser ampliada em diversas direções.

Quando o aluno afirma que “aprendeu” e que foi relevante para ele “participar mais” do grupo, se inserir, discutir ideias, debater com os amigos, colaborar em grupo, podemos dizer que o papel da escola está sendo cumprido de forma satisfatória, mesmo que por meios não tradicionais. Levy (2002) afirma que ao dialogamos

estamos participando da interioridade do outro. Cada um se percebe em si e no outro que não somos nós, e desse modo, cria-se uma ligação mais profunda entre os sujeitos do que aquela que existe entre os animais, assim percebemos que as atividades em grupo confirmam essa ideia. No depoimento seguinte, o aluno destaca a utilidade do facebook para realizar atividades estudantis.

A3: Achei legal descobrir que posso fazer coisas úteis no *facebook*, como estudar e fazer atividades da minha escola. No grupo aprendi a fazer postagens, achei bem legal.

O aluno 3 classifica a atividade escolar usando o facebook como um momento de aprendizagem. Ao trabalharmos com pessoas, compartilhamos e fazemos trocas de experiências, e, com isso, acontece uma aprendizagem constante. Ao analisarmos estas categorias relacionadas indiretamente à nossa pesquisa, a respeito da aprendizagem do uso das ferramentas digitais, verificamos que o indivíduo pode aprender a partir da necessidade concreta. “Achei legal descobrir que posso fazer coisas úteis no *facebook*, como estudar [...]”, ou seja, são considerações que nos apontam que antes da experiência o aluno não sabia ser possível utilizar o *Facebook* pedagogicamente. Isso nos mostra que a apropriação das tecnologias de informação pode ser possível a partir do desenvolvimento de projetos que envolvam os alunos em situações reais do seu cotidiano, para que possam assim utilizar determinados conhecimentos que foram adquiridos através da troca de informação entre os professores (KLEIMAN, 2006).

Nesse sentido, esta pesquisa descentraliza a figura do professor no processo de ensino-aprendizagem, transferindo o protagonismo para os alunos e, assim, confirmando o que Freire (1996) disse: “[...] ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção”. A experiência foi muito gratificante e aproximou alunos e professor, retirando aquela imagem formal da escola, trazendo os alunos para dialogarem de igual, tanto uns com os outros, como com a professora. Já os comentários realizados nas conversas em sala de aula refletiram que os alunos estavam interessados e envolvidos, apesar de algumas dificuldades que surgiram, como a questão do livre acesso à *internet*.

Referente à participação dos alunos, acredito que se deu de forma satisfatória, considerando as limitações as quais já mencionei em vários momentos deste estudo. Houve alguns problemas relacionados ao grupo, desistências, o desinteresse na produção do texto final, entretanto, considero que essa categoria foi verificada em diversos momentos de nossa pesquisa e análise. Acredito que esses sinais representam não só que o grupo pode continuar, sem minha intervenção, caso seja do interesse dos alunos, como também um amadurecimento discursivo nas suas publicações e comentários. O que antes era usado apenas como diversão, agora pode ser visto como fonte e construção do conhecimento. Um lugar para estreitar laços.

Em relação às postagens, não tivemos um significativo número de comentários, mas os alunos que se ofereceram para a pesquisa participaram de forma completa. Levando em consideração que maior parte da vida escolar deles foi feita apenas dentro das paredes da escola e conduzidas pelo professor, portanto, é compreensível que alguns acabassem não se identificando no papel de coautores de sua aprendizagem. Acredito que futuramente essa experiência será o primeiro degrau para que alunos tenham um maior conhecimento técnico das ferramentas digitais que permeiam o mundo atualmente. Se aprofundando de forma mais ampla, diferente da que nós fizemos por falta de tempo e, também, pelas rotinas que envolvem a escola e o serviço público.

Desse modo, creio ter colaborado para esses aspectos, entretanto, a execução desse estudo não garante a evolução da inserção de ferramentas digitais em nossas aulas de forma natural, sem que haja um projeto específico para isso. O objeto da análise desse estudo foi identificado e trouxe uma possibilidade de trabalho, mas não uma única forma de ser feita. Finalmente, podemos dizer que a interação no grupo escolar funcionou como um instrumento bastante rico na nossa pesquisa, pois trouxe à luz, a voz do aluno, através de seus comentários e postagens no grupo de sua turma. Com este estudo foi possível, inclusive, que fossem observadas algumas particularidades que anteriormente não estavam expostas, possibilitando um novo caminho no desenvolvimento de projetos de ensino, cuja natureza seja a respeito das tecnologias digitais, com foco na rede social, além de permitir sugerir novos aspectos que não foram abordados nesse trabalho, aprofundando-os assim em estudos futuros.

Portanto, tomando por base as minhas observações, experiências e análise dos dados, acreditamos que o *facebook* pode ser um auxílio para a sala de aula. Por esse motivo, direciono-me agora diretamente ao meu colega, o professor. Aquele que

está dia após dia na árdua batalha, muitas vezes ingrata por falta de reconhecimento na sala de aula. Frequentemente há relatos de experiências e faz com que possamos refletir se é possível aventurar-se em tal proposta e se essas ações pedagógicas seriam relevantes para o fazer pedagógico do educador em sala de aula. Então, talvez o colega professor que estiver lendo este trabalho também poderá pensar como eu, e se sentirá da mesma forma. Por isso, dedico aos colegas educadores este trabalho para dividir essas teorias que podem ser úteis nas atividades que favoreçam a aprendizagem e a criticidade de nossos alunos, pois isso é o que todo professor almeja.

Por isso, deixo alguns pontos que podem ajudar. Ao utilizar o *Facebook* como uma ferramenta escolar, se assegure de que os alunos têm permissão para usá-la. Deixe essa questão para a família deles, essa postura ética é uma boa forma de ensinar valores. Atualize-se sempre sobre as novidades das ferramentas que surgem, seja um curioso, esteja sempre atualizado, principalmente se seus alunos forem adolescentes. Apesar de sempre acharmos que podemos aprender com nossos alunos sobre novas tecnologias, não é aconselhável partir da hipótese de que eles já nascem sabendo, pois muitos não têm acesso ou vontade de conhecer. Busque aliados na escola para que possa desenvolver seu projeto de forma satisfatória. Se a gestão escolar adotar sua ideia, será muito mais fácil o caminho a trilhar na sua empreitada. Não se frustre e nem desanime nos primeiros percalços do caminho, vá adaptado o projeto de acordo com a realidade em que sua escola está inserida. Mesmo que você tenha disponível um excelente aparato tecnológico, sempre haverá os alunos que não vão querer participar e se envolver. E por último, seja um fuçador, estude teorias e se atualize constantemente sobre estudos que surgem nessa área. Troque ideias e experiências com colegas, assim será possível aprender ainda mais, além de dividir alegrias e dificuldades semelhantes às suas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Professor
 É um eterno construtor
 Não de prédio, nem de tecnologias...
 Mas, de almas que sabem
 O valor de um sorriso.
 O professor liberta as mentes e corações
 Aprisionados pela ignorância.
 Professor...
 É fonte.
 É caminho.
 É espelho [...]

(LUCIANE TONETE)

Os desafios e inquietações que traz a profissão de professor nos mostra a necessidade de oferecer um olhar investigativo diante do quadro em que se encontra a educação em nosso país. A questão norteadora desse trabalho foi analisar em que medida a utilização das ferramentas tecnológicas e redes sociais podem ajudar o professor na sala de aula, ao ensinar a leitura e a escrita. Além de incentivar a proximidade entre discentes e com o professor mediador. A formação de um aluno autor responsável, crítico e independente, foi uma dos objetos verificados ao final desta pesquisa, fato que contribui para uma melhor relação do aluno com a escola e seus conteúdos.

A pesquisa foi desenvolvida por volta de três meses com alunos do oitavo ano do Ensino Fundamental, com aulas que tinham o objetivo de construir juntamente com os alunos um grupo no *Facebook* e lá discutir e realizar atividades que favorecem nossas práticas dentro da sala de aula, culminando na confecção de um texto final que trabalharia um gênero específico.

Ao decidir trabalhar com rede social nas aulas de Língua Portuguesa em sala de aula, recebi vários olhares críticos e descrentes, desde colegas à coordenadores. Sabe-se que a *internet*, em regra geral, é vista como inimiga da escola. Ela é vista como a responsável pela falta de atenção do aluno e por sua má qualidade da escrita, tendo as redes sociais como forte aliada ao desinteresse e falta de desejo do aluno de estudar. Entretanto, ninguém poderia afirmar que um projeto desta natureza não pode e nem deve ser realizado, já que parte-se do pressuposto que vivemos na era tecnológica e nossos jovens estão inseridos nesta tecnologia diariamente, e ainda

mais, com as correntes teóricas crescentes de que as aulas tradicionais estão ultrapassadas e devemos utilizar a modernidade como aliada em nossos planejamentos de aula.

Nessa perspectiva, ressalto que é importante estarmos alertas às pressuposições que fazemos antes de iniciar o projeto, pois ao longo da análise foram sendo construídas conclusões que se opunham às ideias iniciais, como a ideia de que todos os alunos teriam facilidade com as ferramentas tecnológicas e estariam imersos a esta tecnologia. Naquela etapa, eu não tinha dimensão dos entraves que existiriam, mas os resultados colhidos a seguir permitiram uma ampliação da visão sobre esta faceta e relativizar minhas afirmações iniciais

Com a evolução dessa pesquisa, pudemos ver que há uma forte imersão ao uso das ferramentas que a *internet* nos oferece, tanto para que haja uma exposição de ideias, muitas vezes até de forma irresponsável, como também para aproximar pessoas numa interação que tempo e distancia não atrapalham. Entretanto, ter um smartphone à mão ou um computador não significa usar essas possibilidades de forma a protagonizar sua existência. Foi possível perceber que no universo dos alunos pesquisado, o uso desses recursos era bem limitado, basicamente resumia-se em entretenimento, publicações sem muita reflexão, ou seja, não havia um direcionamento voltado para a qualidade do uso dessas ferramentas. Portanto, os jovens analisados neste estudo, em geral, não compreendem as diversas possibilidades que esta ferramenta pode lhes oferecer para protagonizar suas histórias. Além das limitações financeiras, existe também o problema da democratização do acesso à *internet*, o que prejudica a apropriação do uso e possibilidades que essas ferramentas digitais possam trazer. Ressalto, portanto, que a democratização do acesso à *internet*, para alunos e professores, é imprescindível para que um projeto voltado para este lado possa obter resultados favoráveis que contribuam na formação do sujeito.

Nesse sentido, precisamos, como professores e educadores, lutar para que a escola pública seja um espaço democrático, tendo estrutura e condições técnicas de uma *internet* de qualidade, para oferecer a nossos alunos o mesmo que os alunos de escola particular tem. Assim, nós professores, teremos condições de realizar projetos de ensino que vão além das paredes das salas de aula, contribuindo para o crescimento e formação de nossos alunos.

Durante o desenvolvimento deste trabalho foi possível perceber que a construção de um grupo em rede social, que servisse além de aproximar os alunos, mas também como ferramenta pedagógica é bastante complexo, e os caminhos percorridos para este projeto não foram lineares. Houve várias adaptações de diversas naturezas, mas que culminaram num resultado positivo que promove a reflexão sobre o uso das ferramentas tecnológicas nas aulas dentro da escola.

A proposta de usar o grupo da turma de oitavo ano para realizar atividades, tomadas de decisões em grupo, escolher conteúdos a serem discutidos, envolveu os alunos de uma forma positiva, que culminou no aprendizado e realização final do texto sobre o que foi estudado durante as oficinas. Estar envolvido no compromisso de participar do grupo e responder as atividades publicadas nele, causou ao aluno, a vivência de uma situação real de interação, que neste caso foi promovida pelo uso da *internet*, não mais como objeto de consumo e entretenimento, mas como fonte de aprendizado. Embora o projeto tenha sido desenvolvido dentro da escola e a maioria das propostas e posturas de minha parte tenham sido bastante escolares, os alunos utilizaram o grupo, também, para se comunicarem, discutirem outros assuntos e publicarem coisas de seus interesses, que não estavam ligadas à proposta do grupo. Aproximar a escola das práticas sociais de uso da *internet*, foi um fator de motivação percebido ao longo do projeto. Foi possível discutir sobre Gênero Textual, sobre intertextualidade, sobre plágio e autoria, ou seja, uma gama de assuntos que favorecem a reflexão. É importante ressaltar que nas diversas propostas em que produzimos textos, seja ele no grupo, seja ele em sala, existiu os alunos que participaram, mas também houve casos daqueles que se colocaram de forma indiferente as atividades.

Para Moran (2007), a cultura educacional pode evoluir, ao passo que as tecnologias evoluem mais rapidamente que a cultura. Esse processo implica padrões como repetições para que haja consolidação. Por isso, sempre haverá um certo distanciamento entre as possibilidades que almejamos e a realidade de quando praticamos.

Nessa perspectiva, procuramos investigar em que medida seria possível utilizar o *Facebook* de forma pedagógica para que contribuísse nas aulas de Língua Portuguesa, para o processo de produção de texto na escola, de forma que essa ferramenta aproximasse professor e aluno, de modo que motivasse os jovens a produzir e se inserir nas atividades realizadas.

Ao logo da análise percebemos que houve uma certa contribuição do uso da rede ao processo de produção de texto dos alunos. Acredito que o desenvolvimento do projeto foi positivo, ao passo que se confirmou meu pressuposto inicial, de que com a utilização da rede social os alunos se sentiriam mais motivados a participar das atividades que foram sugeridas. Como a pesquisa foi de caráter qualitativo, podemos dizer que para se medir essa qualidade basta ter convivido nesse período com a turma e visto a evolução em termos de convivência entre eles, assim como o aumento da participação nas atividades escolares. A medida que se dedicavam às atividades, os alunos também se debruçavam nas propostas expostas no grupo, nas produções escritas, sejam elas em sala ou no grupo.

Diante das considerações feitas, pôde-se afirmar que, ao analisar o *Facebook* como ferramenta a ser utilizada na escola de forma pedagógica, estamos abrindo um leque de possibilidades para que o profissional da educação venha utilizar em suas aulas, fugindo daquelas tradicionais e conhecidas aulas cansativas. Podemos dizer que o principal objetivo desta pesquisa foi identificar de que forma podemos utilizar as novas tecnologias, em especial o *Facebook*, para desenvolver o processo de ensino-aprendizagem na escola. E ele foi alcançado. O processo foi analisado e a criação do grupo foi uma excelente estratégia pedagógica para o ensino da escrita e para despertar o interesse dos alunos pelas aulas.

As dificuldades que surgiram no meio do caminho nos causaram atraso, avalio que o tempo foi curto diante do objetivo que se almejava alcançar, mas que apesar disso, foi plantada a semente. Os problemas de limitação dos alunos em possuir *internet* ou aparelhos que pudessem acessar a qualquer momento tornou moroso o processo e nos atrasou um pouco, pois foi preciso estender alguns prazos. Mas ainda assim, considero que foram plantadas sementes, para que no futuro eles tenham discernimento e percepção para utilizar as novas tecnologias para ampliar seus letramentos.

Portanto, é possível responder o questionamento que se faz ao indagar se é possível utilizar o *Facebook* de forma pedagógica. Pelos resultados avalio que sim, mas com ressalvas, pois as limitações impostas pela falta de estrutura física da escola, juntamente com os problemas sociais, podem atrapalhar o desenvolvimento das atividades. Entretanto, é muito válida a troca de saberes e a construção coletiva que as redes sociais, através do grupo criado, podem proporcionar. Essa estratégia de ensino pode ser utilizada, caso o professor verifique ser possível com seu público.

Além dos fatores mencionados, os resultados desta pesquisa mostram que os alunos afirmaram, que conseguiram adquirir conhecimentos usando essa rede social, que utilizaram de forma pedagógica e que antes dessa atividade não sabiam que isso era possível.

Com relação ao envolvimento de boa parte dos alunos, podemos afirmar que, apesar de não ter sido objeto de estudo inicial no objetivo do projeto, conseguiu-se melhorar o relacionamento com o professor de uma forma natural, sem necessidade de imposições, no tempo além da sala de aula. Em boa parte do processo, a escola estava viva nas redes sociais, ampliando a convivência entre professor e alunos além dos muros escolares, através de conversas *online* e atividades para casa a serem realizadas no grupo da turma.

Para projetos futuros a serem desenvolvidos, faço algumas observações que julgo relevantes. Seria muito valioso para nossa prática a inserção de textos que não são tradicionalmente gêneros estudados, tais como: animações, “memes”, vídeos. Certamente trariam válidas contribuições para o processo e seriam ótimos objetos de investigação para análise da inserção em sala de aula das tecnologias digitais.

E, finalmente, acredito que ao incentivar a escrita e debate por meio das redes sociais, foi possível trazer para a sala de aula uma maior vontade de participar das atividades em sala, o que culminou na melhora das produções textuais. Esse fato demonstrou que é possível utilizar as tecnologias digitais como aliada do professor, para melhorar seu fazer pedagógico, dentro de um projeto de ensino.

Acreditamos ter contribuído para os estudos sobre as tecnologias digitais e redes sociais dentro da escola, assim como para a formação do escritor responsável e consciente. Ficou evidente nesta pesquisa a relevância do papel do professor como mediador e observador desse processo, mobilizando e atuando para contribuir com a aprendizagem e o desenvolvimento do aluno. Assim, esperamos ter ajudado não somente a escola na qual foi aplicada a pesquisa, mas com outros sujeitos que tenham o desejo de pôr em prática, desenvolvendo atividades dentro dessa mesma perspectiva, trazendo a escola para mais perto de seus alunos.

REFERÊNCIAS

- ALVARENGA, C. E. A. **Autoeficácia de professores para utilizarem tecnologias de informática no ensino**. 2011. Tese (Doutorado) - Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, São Paulo, 2011.
- AMARAL, S. F. Internet: novos valores e novos comportamentos. In: SILVA, Ezequiel Theodoro (Coord.). **A Leitura nos Oceanos da Internet**. São Paulo: Cortez, 2003, p. 31.
- ANTUNES, I.. **Aula de português: encontro e interação**. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.
- ARAÚJO, V. D. L. O impacto das redes sociais no processo de ensino e aprendizagem. In: **3. Simpósio Hipertexto e Tecnologias na Educação**. UFPE, Recife, 2010.
- BRASIL. **Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos: apresentação dos temas transversais**. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998.
- BAKHTIN, M. **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Hucitec, 1998.
- _____. [1953] **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- BEZERRA, J.; BRITO, S. **Redes Sociais como ferramenta pedagógica: O caso do projeto e-Jovem**. Apresentação de Trabalho/Congresso. 2013.
- BICUDO, M. A. **Filosofia da Educação Matemática: fenomenologia, concepções, possibilidades didático-pedagógicas**. São Paulo: UNESP, 2010.
- BOGDAN, R. C.; BIKLEN, Sari Knopp. **Investigação qualitativa em educação**. (Tradução Maria João Alvarez, Sara Bahia dos Santos e Telmo Mourinho Baptista). Porto: Porto Editora, 1994.
- CARVALHO, A. L. B. **O uso da rede social facebook como ferramenta para ensino da ortografia em séries finais do ensino fundamental: o caso da hipossegmentação**, 103 p. Dissertação (mestrado) Universidade Federal do Ceará – UFC, 2018.
- CAVALCANTE, L. P. S. **O ensino de leitura e o facebook nas aulas de língua portuguesa**. 121 p. Dissertação (mestrado) Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN, 2015.
- COSTA VAL, M. G. Texto, textualidade e textualização. In: J.L. Tápias Ceccantini; R. F; Pereira, J. Zanchetta, Jr. (orgs), **Pedagogia Cidadã: Cadernos de formação: Língua Portuguesa**, v. 1. São Paulo: UNESP, prograd. 2004.
- CHATTI, M. A. Srirama, S. KENSCHKE, D. CAO, Y. Mobile Web Services for Collaborative Learning. In: *Wireless, Mobile and Ubiquitous Technology in Education*.

WMUTE '06. **Fourth IEEE International Workshop on**, Washington DC, USA, p.129-133, 2006.

CHIZZOTTI, Antônio. **Pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais**. São Paulo: Editora Vozes, 2008.

COSTA, Sérgio Roberto. **Dicionário de Gêneros Textuais**. Autentica Editora, 2008.

COUTO JUNIOR, D. R.; **Cibercultura, Juventude e Alteridade**: aprendendo com o outro no facebook. Jundiaí: Paco Editorial: 2013.

DOLZ, J.; SCHNEUWLY, B. **Gêneros orais e escritos na escola**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2004. 278 p. (Tradução e organização: Roxane Rojo; Glaís Sales Cordeiro).

ELLIOT, J. **La investigación-acción en educación**. Tradução de Pablo Manzano. 3. ed. Madrid: Morata, 1997, p. 15-17.

FASCIANI, R. Novas tecnologias informáticas, nas media e relações afetivas. In: PELUSO, Angelo. Org. **Informática e Afetividade**: A evolução tecnológica condicionará nossos sentimentos? Bauru: EDUSC, 1998

FREIRE, P. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se complementam. 15. ed. São Paulo: Cortez, 2000.

_____. 1921-1997. **Política e educação**: ensaios/Paulo Freire. 5. ed. Editora Afiliada - São Paulo, Cortez, 2001. (Coleção Questões de Nossa Época; v. 23).

_____. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários.16. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GERALDI, J. W. **O texto na sala de aula**. Paraná: Assoeste, 1984.

GELLER, Marlise. **Informática na educação**: as opiniões de alunos do curso de pedagogia. Porto Alegre: ago./1995. (Dissertação de Mestrado em Educação, PUCRS.)

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 8. ed. São Paulo: Cortez, 2006.

GRESSLER, L. A. **Introdução à pesquisa**: projetos e relatórios. 3. ed. rev. e atualizada. São Paulo: Loyola, 2007.

GUERRA, Z. P. **Uso de rede social do facebook em sala de aula: mais interação e aprendizado sobre poemas concretistas**. 165 p. Dissertação (mestrado) Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN, 2015.

JUSTEN, Liana Márcia. Comunidades de aprendizagem e redes sociais. In: TORRES, Patrícia Lupion (org.). **Algumas vias para entretecer o pensar e o agir**. Curitiba: SENAR-PR, 2007. p.137-154.

KAPLÚN, M. Processos educativos e canais de comunicação, in **comunicação e Educação**, jan./abr , São Paulo, 1999.

KAUARK, F.; MANHÃES, F. C.; MEDEIROS, C. H. **Metodologia da pesquisa: guia prático**. Itabuna: Via Litterarum, 2010.

KLEIMAN, A. B. Leitura e prática social no desenvolvimento de competências no Ensino Médio. In: BUNZEN, C.; MENDONÇA, M. (Org.) **Português no Ensino Médio e formação do professor**. São Paulo: Parábola, 2006.

_____. **Texto e leitor: aspectos cognitivos da leitura**. Campinas: Pontes, 9. ed., 2004.

_____. **Texto e leitor: aspectos cognitivos da leitura**. 8 ed. Campinas: SP: Pontes, 2002.

_____. **O estatuto disciplinar da lingüística aplicada: o traçado de um percurso rumo ao debate**. In I. Signorini & M. Cavalcanti (Orgs), **Lingüística Aplicada e Transdisciplinaridade**. Campinas: Mercado de Letras, 1998

KOCH, I. V.; ELIAS, M. V. Ler e compreender os sentidos do texto. São Paulo: Contexto, 2008. KENSKI, V. M. **Educação e tecnologias: o novo ritmo da informação**. Campinas: Editora Papyrus, 2013.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica**. 4. ed. rev. e ampl. São Paulo: Atlas, 2001.

LÉVY, P.. **Cibercultura**. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1999.

_____. As inteligências coletivas. In: **Internet e desenvolvimento humano**, 2002, São Paulo. Disponível em: <http://www2.sescsp.org.br/sesc/hotsites/pierre_levy/> Acesso em: 28 jul. 2018.

LLORENS, F. C.; CAPDEFER, N. P. Posibilidades de la plataforma Facebook para el aprendizaje colaborativo en línea. **Revista de Universidad y Sociedad del Conocimiento**. 2011, v. 8, n. 2, p. 31-45. Disponível em: <<http://rusc.uoc.edu/rusc/es/index.php/rusc/article/view/v8n2-llorens-capdeferro.html>> Acesso em: 10 fev. 2017.

MARCUSCHI, L. A.. **Da fala para a escrita: atividades de retextualização**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2010.

_____. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

_____. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONÍSIO, A. P.; MACHADO, A. R.; BEZERRA, M. A. (org.). **Gêneros textuais & ensino**. 2. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002.

MOLINA, M. P.; SALES, D. Knowledge transfer and information skills for student centered learning in Spain. **Libraries and the Academy**. v. 8, n. 1, p.53-74, 2008.

MATOS, E. L. M.; GOMES, P. V. (Orgs.) **Uma experiência de virtualização universitária: o Eureka na PUCPR**. Curitiba: Champagnat, 2003.

MATTAR, J. **Web 2.0 e Redes Sociais na Educação**. São Paulo: Artesanato Educacional, 2013.

MINAYO, M. C. S. (Org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 2001.

MOORE, M.; KEARLEY, G. **Educação a Distância: uma visão integrada**. São Paulo: Cenpagelearning, 2008.

MORAN, J. M. Ensino e aprendizagem inovadores com tecnologias audiovisuais e telemáticas. In: MORAN, J. M.; MASESTTO, M. T.; BEHRENS, M. A. **Novas tecnologias e mediação pedagógica**. Campinas: Papirus. Cap. 1, p. 11-65.

_____. **A educação que desejamos: novos desafios e como chegar lá**. Campinas: Papirus, 2007.

PORTO, T. M. E. As mídias e os processos comunicacionais na formação docente na escola. In: PORTO, T. M. E (Org.). **Redes em construção: meios de comunicação e práticas educativas**. Araraquara, SP: JM, 2003b. p. 79-110.

_____. **Mundo das ideias: um diálogo entre os gêneros textuais**. Curitiba: Aymará, 2009.

ROJO, Roxane. **Letramentos múltiplos, escola e inclusão social**. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

RECUERO, Raquel. **Redes sociais na internet**. Porto Alegre: Sulina, 2014.

_____. **Redes sociais na internet**. Porto Alegre: Sulina, 2009.

_____. **Sobre a diferença entre sites, comunidades e redes sociais**, 2007. Disponível em: <http://pontomidia.com.br/raquel/arquivos/sobre_a_diferenca_entre_sites_com_unidades_e_redes_sociais.html> Acesso em: 02 ago. 2018.

ROCHA, M. L. Pesquisa-Intervenção e a Produção de Novas Análises. **Psicologia ciência e profissão**. n. 23, p. 64-73, 2003. Disponível em: <<file:///C:/Users/Computec20Informatca/Downloads/Pesquisa-Intervencao.pdf>> Acesso em: 15 mar. 2017.

ROJO, Roxane. **Letramentos múltiplos, escola e inclusão social**. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

SANTAELLA, L., LEMOS, R. **Redes Sociais Digitais: a cognição conectiva do Twitter**. São Paulo: Paulus, 2010. p. 45-126.

SCHNEUWLY, Bernard; DOLZ, Joaquim. **Os gêneros escolares: das práticas de linguagem aos objetos de ensino**. Revista Brasileira de Educação – ANPED, n. 11. 5-16. 1999.

SILVA, W. R; GONÇALVES, A. V. Pesquisas a serem lembradas na linguística aplicada: participante e pesquisa-ação. In: SILVA, W. R; GONÇALVES, A. V.; GOIS,

m. L. S. (orgs.). **Visibilizar a linguística aplicada**: abordagens teóricas e metodológicas. Campinas, SP: Pontes, 2014, p. 53 – 78.

THIOLLENT, Michel. **Metodologia da Pesquisa-Ação**. São Paulo: Cortez, 2011.

TOMAÉL, M. I.; ALCARÁ, A. Rosecler; DI CHIARA, I. G. Das redes sociais à inovação. **Ci. Inf.**, Brasília, v. 34, n. 2, p. 93-104, maio/ago. 2005.

VAZ, C. A. **Google Marketing**: o guia definitivo do marketing digital. São Paulo: Novatec Editora, 2007.

ZANTEN, A. V. Pesquisa qualitativa em educação: pertinência, validade e generalização. **Perspectiva**, Porto Alegre, v. 22, n.01, jan/jun., 2004.

APÊNDICES

APÊNDICE A- Questionário sobre o uso das redes sociais

1. Qual a sua idade?

Abaixo de 12 anos

De 12 a 14 anos

De 15 a 17 anos

2. Qual o seu sexo?

Feminino

Masculino

3. Em sua opinião a utilização das redes sociais na disciplina de Português tem ajudado na construção do seu conhecimento?

Sim

Não

4. Você utiliza alguma(s) rede(s) social(is) com frequência?

Sim

Não

5. Quantos dias por semana você acessa redes sociais?

a. 1 ou 2 dias

b. 3 ou 4 dias

c. 5 ou mais dias

d. Não utilizo

6. Em média, quanto tempo por dia você gasta acessando redes sociais?

a. Até 1 hora

b. Até 2 horas

c. Até 5 horas

d. Até 8 horas

e. Acima de 8 horas

7. De quantas redes sociais você faz parte?

8. Qual a sua rede social preferida?

9. Como você acessa as redes sociais? (Mais de uma alternativa)

a. Casa

b. Lan house

c. Aparelhos móveis

d. Trabalho

e. Outros

f. Não acesso

10. Você acredita que as redes sociais influenciam nas opiniões das pessoas?

() Sim

() Não

() Em partes

11. Para qual finalidade você utiliza as redes sociais? (Mais de uma alternativa)

- a. Lazer e entretenimento
- b. Comunicação
- c. Trabalho
- d. Outros
- e. Não utilizo

12. Você acredita que relacionamentos concretos podem ser formados através das redes sociais?

- a. Sim, já construí uma ou mais amizades através de redes sociais
- b. Sim, já namorei através de redes sociais
- c. Sim, mas nunca ocorreu comigo
- d. Não, minha experiência não foi boa
- e. Não acredito

13. Qual você acredita ser o maior risco da utilização de redes sociais?

- a. Divulgação de dados pessoais
- b. Distorção de fotos
- c. Invasão de privacidade
- d. Pedofilia
- e. Sequestro
- f. N.d.a.

14. Na sua opinião, qual a maior vantagem de ter um perfil em uma rede social?

- a. Troca de informações fácil e rápida
- b. Acompanhamento de atualizações
- c. Novas amizades

d. Relações empresariais

e. N.d.a.

15. Você acha que o uso da internet deveria ser aceito livremente na escola?

a. sim

b. não

c. talvez, de forma controlada

16. Você gostaria que mais professores utilizassem as redes sociais para atividades pedagógicas?

Sim

Não

Tanto faz

APÊNDICE B - Atividade realizada no grupo do Facebook



Pequeno Mapa do Tempo



Belchior

Eu tenho medo e medo está por fora
 O medo anda por dentro do teu coração
 Eu tenho medo de que chegue a hora
 Em que eu precise entrar no avião

Eu tenho medo de abrir a porta
 Que dá pro sertão da minha solidão
 Apertar o botão: cidade morta
 Placa torta indicando a contramão
 Faca de ponta e meu punhal que corta
 E o fantasma escondido no porão

Medo, medo. medo, medo, medo, medo

Eu tenho medo que Belo Horizonte
Eu tenho medo que Minas Gerais
Eu tenho medo que Natal, Vitória
Eu tenho medo Goiânia, Goiás

Eu tenho medo Salvador, Bahia
Eu tenho medo Belém, Belém do Pará
Eu tenho medo pai, filho, Espírito Santo, São Paulo
Eu tenho medo eu tenho C eu digo A

Eu tenho medo um Rio, um Porto Alegre, um Recife
Eu tenho medo Paraíba, medo Paranapá
Eu tenho medo Estrela do Norte, paixão, morte é certeza
Medo Fortaleza, medo Ceará

Medo, medo. medo, medo, medo, medo

Eu tenho medo e já aconteceu
Eu tenho medo e inda está por vir
Morre o meu medo e isto não é segredo

Eu mando buscar outro lá no Piauí
Medo, o meu boi morreu, o que será de mim?
Manda buscar outro, maninha, no Piauí

APÊNDICE C - Detalhamento das aulas do Projeto de ensino

OFICINA 1- Discussão acerca do projeto e criação do grupo no Facebook

Discutimos acerca do que é um mestrado e como seria o projeto que eu iria realizar com a turma. Os alunos responderam um questionário para que conheçamos os hábitos dos alunos, quanto ao uso da internet das redes sociais.

A Organização: A turma será organizada no grupo do *facebook* e lá serão realizadas algumas atividades e os alunos poderão interagir também entre si, com criação de posts e comentários.

OFICINA 2: Qual é a “cara” do nosso grupo?;

Nesse encontro, foi delineado o grupo do facebook, planejado e executado pelos alunos e a professora.

Tarefas realizadas:

A – Criação do grupo com foto da turma

B- Ações com os alunos – Recomendações de como se portar no grupo;

C- Questões para pensarmos quanto ao tipo de atividades faremos no grupo;

D- Esclarecimentos sobre cumprimento de datas das atividades.

OFICINA 3 Exposição sobre as redes sociais

Nesse encontro, foi discutido sobre as redes sociais e suas características: relevância, funcionalidade, linguagem usada. O objetivo foi possibilitar, aos discentes, uma reflexão sobre o uso das redes sociais e, assim, pudessem:

- Usar rede social para ajudar nas atividades escolares.

- Buscar estratégias argumentativas para responder as atividades propostas.
- Compreender o uso da rede social e sua função.
- Fazer escolhas linguísticas adequadas às intenções comunicativas.

B - Ações com os alunos – Postagem teste no grupo, discussões e comentários nas postagens - Produção, revisão dos textos e organização das publicações.

OFICINA 4- Análise das atividades realizadas no grupo

Nesse encontro o objetivo foi: - Analisar a eficiência comunicativa das postagens produzidas - Perceber o jogo discursivo que permeia as relações entre os atores a partir das postagens – Avaliar se o grupo estava cumprindo seu papel, para qual foi criado, no que diz respeito a realização de atividades fora de sala de aula e provocar a interação entre os alunos.

OFICINA 5 - Leitura em sala e atividade no grupo

Nessa oficina, foi distribuído aos alunos um texto que continha uma música do cantor Belchior- Pequeno mapa do tempo. Ouvimos a música acompanhando pela letra que foi entregue e depois realizamos um debate sobre a interpretação da letra e sua significação na história do país. Após o debate, encerramos a aula e foi informado que a atividade continuaria no grupo do *Facebook*. Alguns estudantes estavam mais descontraídos e pareciam empolgados para usar a ferramenta digital de forma pedagógica.

OFICINA 6 - Atividade postada no grupo

Nessa oficina, discutimos acerca dos comentários na postagem feita por mim, em que os alunos deveriam comentar a respeito do que a letra da música estudada na aula

anterior queria dizer. Foi feito mais alguns esclarecimentos e mais uma vez, ressaltar a importância do cumprimento dos prazos. Os alunos interagiram muito positivamente.

OFICINA 7 - Estudo do gênero: Resumo

Apresentamos aos alunos, através de um texto, informações sobre o gênero discursivo que irão produzir após a apresentação do filme. Os alunos ficaram curiosos acerca do filme que seria apresentado. Fizemos perguntas, através de um debate, levamos essa discussão para o grupo como tarefa de casa. Causou-me uma feliz surpresa perceber que alunos que não costumavam participar das aulas, começaram a interagir e comentar no grupo.

OFICINA 8 - Apresentação do filme: Percy Jackson e o ladrão de raios.

Nesse oitavo encontro, iniciamos a apresentação do filme. Durou a aula toda e não foi possível finalizar. No entanto, destacamos a participação ativa dos alunos frente essa tarefa.

OFICINA 9 - Continuação da apresentação do filme: Percy Jackson e o ladrão de raios.

Nessa aula, continuamos a apresentação do filme de onde paramos na aula anterior. A atividade continuou com o mesmo engajamento dos alunos. Sempre seguida de discussões pelos alunos.

OFICINA 10 - Debate sobre o filme

Nesse encontro, iniciamos um debate acerca do filme assistido. Os alunos expuseram o que acharam e fizeram observações sobre o filme. A interação foi bastante proveitosa. Algo já antevendo a continuidade no facebook. O objetivo era exatamente esse propiciar uma motivação para a discussão no grupo do facebook.

OFICINA 11 - Post e comentários sobre o filme no grupo do Facebook

Nessa oficina, combinamos de fazer uma postagem explorando a opinião dos alunos sobre o filme que assistiram. Seria um exercício antes de produzirem atividade final escrita. Discutimos regras e prazos e os alunos concordaram com as solicitações.

OFICINA 12 - Produção de um resumo

Nessa oficina, os alunos fizeram uma produção textual em sala de aula. Produziram um resumo sobre o filme assistido nas aulas anteriores, baseado nos estudos discutidos em sala e nas postagens feitas no grupo. Os alunos demonstraram menos interesse nessa atividade do que nas feitas no grupo do *Facebook*.

ANEXOS

- “Neste artigo, o autor descreve que...”;
- “No texto o autor fala...”;
- “Todos sabem...”;
- “De acordo com alguns autores...”;
- Gírias, frases muito longas (são passíveis de erros), “achismos”.

O resumo deve conter:

- Título – o original do autor da obra original, quando só se usa um texto. Para dois ou mais textos pode-se criar um título.
- Corpo do texto – é o desenvolvimento.

Retirado do site <https://www.infoescola.com/redacao/resumo>

ANEXO B - Produção escrita dos alunos

Aluno 1

01 O filme é iniciado no topo do filme de profese stude bulking
 02 Com Zeus contando a seu irmão Poseidon que
 03 seu irmão mestre foi roubado. ele se acusa o filho
 04 de Poseidon de ter roubado o Rio, e, apesar de
 05 irmão negro, lhe dá um prazo de 24 dias para
 06 trazer-lo de volta.

07 Logo depois, que Percy Jackson vai em uma
 08 exibição de artes onde é atacado por aquele
 09 que pensava ser o seu professor, sua professora se que
 10 bra na verdade, sem furios disfarçada, ele apresenta
 11 na escola o rio. Percy, que ainda não tem ideia
 12 que é, salva seu professor e que fica
 13 de repente, sabendo que é a melhor amiga de
 14 Percy. Depois que os furios vai embora brilha
 15 inteira Percy como estudia desvendando de Gneto.
 16 O episódio que é de lenda com a história,
 17 Percy enfrenta o reconhecimento de treino
 18 mais-somente, realidade de sua mente.

19 No início do começo eles são atacados
 20 pelo minotauro. Percy e Grover de três vezes
 21 disse sua mãe a confiança por ele descobri-la.

22 No final do filme os deuses que
 23 a verdade do destino de Zeus não é o Percy e
 24 o Luke após serem roubados o Rio porque ele
 25 espionou eles o fim dos deuses que ele não
 26 apresenta dele.

27 E o Percy lutou contra o Luke e
 28 o Percy ganhou o Luke.

29 E finalmente ele entregou o Rio para
 30 o Zeus e não teve sequelas.

RESERVADO A PROFESSOR

Aluno 2

01 Percy Jackson é um garoto que se via rebelde na escola por
 02 não conseguir prestar atenção no que o professor falava mas ele
 03 tinha um dom de reverter as palavras e encontrar a respos-
 04 tar ele morava com sua mãe Sally e com seu padrasto que
 05 ele odiava Percy foi atacado por um deus que lhe deu um
 06 raio e Percy sem entender que raio era esse ele disse que não
 07 tinha raio e deus ficou furioso mais aí o amigo dele veio
 08 atrás de Percy e o professor chegou e deu uma cometa pa-
 09 ra Percy e disse para Percy se defender e Percy falou que
 10 a cometa não servia pra nada e Percy sem entender nada
 11 perguntou seu amigo o que foi aquilo e o amigo dele disse
 12 para tirar sua mãe da casa pois ela se via perigo e prom-
 13 to o amigo dele explicou que ele era filho de Poseidon e por isso que
 14 ele tem super poderes ele era filho de Poseidon com uma
 15 humana e por isso que ele era filho de deus ele era protegido
 16 pelo seu amigo Grover ele e levou para um acampamento
 17 de pessoas iguais a ele onde ele ficaria segura lá ele co-
 18 meça a treinar para se tornar um grande guerreiro ele
 19 e acusado de roubar um raio que pertencia a Zeus esse raio
 20 era um grande arma de destruição que pode fazer que os
 21 deuses entrem em uma guerra Percy vai ao mundo inferio
 22 com Grover e Annabeth em busca de das pedras e foi
 23 no homem que estava com sua com as pedras para salvar
 24 sua mãe ele foi pegar sua mãe e o raio estava no exulto
 25 e ele pegou o raio e a mulher que estava com ele ajudou
 26 o Percy a tirar sua mãe de lá mas ela disse que um
 27 tinha que ficar por que se tinha três pedras e o amigo
 28 de Percy ficou lá e eles foram e entregaram o raio de
 29 volta para Zeus e Percy pediu a Zeus para salvar o
 30 amigo que ficou lá e Zeus disse que ia ajudar e comprou
 trouxe o amigo de Percy de volta.

Aluno 3

01 O filme se fala um pouco da histo-
 02 ria de deuses gregos e seus filhos
 03 O assunto principal é sobre Percy Jackson
 04 filho de Poseidon. A vida de Percy se to-
 05 ma um pouco mais complicada quando
 06 descobre que é filho de um deus grego
 07 desde então vai se refugiar em
 08 um local reservado para filhos de deuses
 09 e lá havia toda uma preparação pa-
 10 ra qualquer ato inesperado do mundo
 11 lá fora. O filme foi lançado em
 12 2010, e Percy no mundo real é Logan
 13 Lerman. Percy saiu do lugar onde
 14 foi refugiado para viver uma gra-
 15 nde aventura e salvar sua mãe do
 16 mal, mais não sabem que ele embar-
 17 ça nessa aventura sozinho, junto com
 18 nam seus amigos Annabeth e Grover
 19 juntos e Unidos eles conseguiram en-
 20 trar o alvo principal para o dono
 21 que era o grandioso Raio e salvar
 22 a mãe de Percy do mal Percy mont-
 23 ra seu pai onde eles não havia
 24 uma relação estável e se acantam
 25 com um aperto de mão. E no final
 26 tudo acaba bem e no seu devido
 27 lugar!

Aluno 4

01 O filme fala sobre um semi Deus, filho
 02 de Poseidon que virou uma grande aventura
 03 na tempestade com a filha de Atena, a
 04 mulher, amigo dele um serm que é muito homem
 05 meio deus. Esses quatro são o elenco do filme
 06 são perseguidos por criaturas mitológicas,
 07 a razão por essa perseguição é pelo motivo de
 08 teres ganharam que o Percy Jackson recebeu
 09 o título. Mas no final do filme os três outros
 10 lutam para provar que não receberam
 11 o título e mais aparece outro inimigo
 12 chamado huck no meio dessa luta Percy
 13 Jackson mostra seus poderes que herdou do
 14 pai e destrói o huck. Ele não é o pai
 15 do dos Deuses da Mitologia grega e entrago
 16 o título. Depois de tudo isso ele vai do lado
 17 de e passa a morar no acampamento
 18 que reúne os semi deuses e para criaturas
 19 mitológicas do Bem. Ele vive do lado do seu
 20 amigos Annabeth e o Luke.

1
 2
 3
 4
 5
 6
 7
 8
 9
 0

RESERVADO AO PROFESSOR

